

DELFIN AFONSO JUNIOR

Imagens de arquivo, cenas desconhecidas

Um estudo sobre bibliotecários, jornalistas, rede de relações e práticas
informacionais em arquivos de telejornalismo

Belo Horizonte

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Escola de Ciência da Informação da UFMG

2008

DELFIN AFONSO JUNIOR

Imagens de Arquivo, Cenas Desconhecidas

Um estudo sobre bibliotecários, jornalistas, rede de relações e práticas
informativas em arquivos de telejornalismo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Rezende Cabral

Belo Horizonte

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Escola de Ciência da Informação da UFMG

2008

Afonso Junior, Delfim.

A257i Imagens de arquivo, cenas desconhecidas [manuscrito]: um estudo sobre bibliotecários, jornalistas, rede de relações e praticas informacionais em arquivos de telejornalismo / Delfim Afonso Junior. – 2008.
308 f. : il.

Orientadora: Ana Maria Rezende Cabral.

Anexos: f. 274.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Bibliografia: f. 283-296.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Rede Globo – Cedoc – Teses.
3. Organização da informação – Teses. 4. Bibliotecários – Teses. 5. Jornalistas – Teses. I. Título. II. Cabral, Ana Maria Rezende. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDD: 02:659.3



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

"IMAGENS DE ARQUIVO, CENAS DESCONHECIDAS - UM ESTUDO SOBRE BIBLIOTECÁRIOS, JORNALISTAS, REDE DE RELAÇÕES E PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM ARQUIVOS DE TELEJORNALISMO"

Delfim Afonso Junior

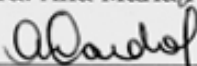
Tese submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de "**Doutor em Ciência da Informação**", Linha de Pesquisa "**Informação, Cultura e Sociedade - ICS**".

Tese aprovada em: 11 de agosto de 2008.

Por:




Profa. Dra. Ana Maria Rezende Cabral - ECI/UFMG (Orientadora)



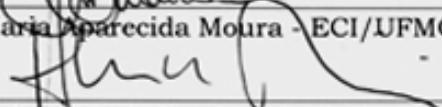
Profa. Dra. Ana Maria Pereira Cardoso - PUC/MG



Profa. Dra. Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas
Profa. Aposentada FAFICH/UFMG

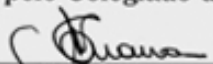


Profa. Dra. Maria Aparecida Moura - ECI/UFMG



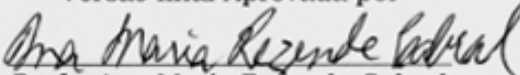
Profa. Dra. Helena Maria Tarchi Crivellari - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI



Profa. Maria Aparecida Moura
Coordenadora

Versão final Aprovada por



Profa. Ana Maria Rezende Cabral
Orientadora



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

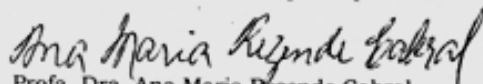
ATA DA DEFESA DE TESE DE **DELFINO AFONSO JUNIOR**, matrícula: 2004206467

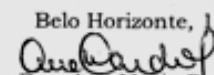
Às 14:00 horas do dia 11 de agosto de 2008, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 03/07/2008, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Imagens de arquivo, cenas desconhecidas - um estudo sobre bibliotecários, jornalistas, rede de relações e práticas informacionais em arquivos de telejornalismo**, requisito final para obtenção do Grau de DOUTOR em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade (ICS). Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Ana Maria Rezende Cabral, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Profa. Dra. Ana Maria Rezende Cabral - Orientadora	APROVADO
Profa. Dra. Ana Maria Pereira Cardoso	APROVADO
Profa. Dra. Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas	APROVADO
Profa. Dra. Maria Aparecida Moura	APROVADO
Profa. Dra. Helena Maria Tarchi Crivellari	APROVADO

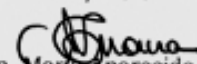
Pelas indicações, o candidato foi considerado APROVADO.

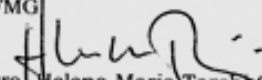
O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. Ana Maria Rezende Cabral
Orientadora - ECI/UFMG


Belo Horizonte, 11 de agosto de 2008.

Profa. Dra. Ana Maria Pereira Cardoso
PUC/MG


Profa. Dra. Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas
Profa. Aposentada FAFICH/UFMG


Profa. Dra. Maria Aparecida Moura
ECI/UFMG


Profa. Dra. Helena Maria Tarchi Crivellari
ECI/UFMG

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.


Prof.ª **Maria Aparecida Moura**
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação - ECI/UFMG

A Delfim sênior, meu pai e a Odila, minha mãe

A Noêmia e a Zélia, meus quatro guias de descobertas

Por me levarem pela mão à visão, à informação e à indagação dos jogos do mundo

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos são uma forma explícita de revelar uma figuração da rede que se constrói para realizar uma pesquisa, neste caso farta e felizmente impura, uma rede de elementos heterogêneos, acadêmicos e não acadêmicos, teóricos e empíricos, para que a reflexão se faça, se afirme e se filie à assertiva de que a informação é produção concreta, prática e material. Em função de que o trabalho que se assina individualmente seja o resultado de inúmeras e significativas trocas, encontros, indicações, sinais e diálogos com pessoas, instituições e lugares, dentro e fora da vida universitária, cumpre agradecer:

À orientadora Ana Maria Rezende Cabral, que tantas vezes chamou à razão e à medida dos fatos e artefatos, ao desafio da busca de respostas e à adequação da pesquisa ao mundo acadêmico;

Às bancas de Qualificação e de Defesa, formadas pelas professoras Ana Maria P. Cardoso, Maria Aparecida Moura, Maria Beatriz S. Bretas, Marta M. Kerr Pinheiro, Helena M. Tarchi Crivellari, Alcenir S. Reis e Manoel Palhares que participaram de modo efetivo das práticas materiais do pesquisador na elaboração e no debate da pesquisa de tese;

À Escola de Ciência da Informação/UFMG e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) pelo ambiente estimulante em aulas, eventos, núcleos de pesquisa e apoio técnico e administrativo;

Às coordenadoras do PPGCI Lúcia Alvarenga, Marlene de Oliveira, Maria Aparecida Moura e Alcenir S. Reis, aos integrantes do Colegiado do PPGCI e às secretárias Maria Goretti G. Maciel, Viviany M. Braga Carvalho, Nely Ferreira e Gisele S. Reis;

Aos professores da Escola de Ciência da Informação/UFMG Alcenir S. Reis, Regina Marteleto, Eduardo W. Dias, Lídia Alvarenga, Lígia M. Dumont, Marta A. T. Ferreira, Paulo da Terra Caldeira e Ricardo Barbosa;

Aos colegas do mestrado e doutorado no PPGCI/UFMG Joefisson S. Santos, Nísio Teixeira, Ernani C. Rabelo, Camila Mantovani, Eduardo Ladeira, Letícia Alves, Leonardo V. Renault, Leandro Negreiros, Maria Lúcia Dourado, Margareth E. Moreira, Sandra Silveira;

Aos professores Célia Abicalil Belmiro (Faculdade de Educação/UFMG), Armando Martins de Barros (Faculdade de Educação/Universidade Federal Fluminense), Maria Aparecida Moura (Escola de Ciência da Informação/UFMG), Sérgio Dayrell Porto (Universidade de Brasília), Dermeval Coutinho Netto (Sociedade de Ensino Superior Estácio de Sá) e às bolsistas de pesquisa Adriana C. Machado Coelho, Fernanda H. G. T. Santos, Cristiana M. Alzamora e Renata Ornelas, presentes no percurso e nos antecedentes desta pesquisa;

Ao Cinform – Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa da Informação e ao Instituto de Ciência da Informação (Universidade Federal da Bahia);

Ao Departamento de Comunicação Social (FAFICH/UFMG), à sua Câmara Departamental e aos professores e técnicos, pelo apoio em diferentes etapas da pesquisa, Mírian Chrystus, Carmen V. Diniz, Juan S. Aramayo, Valdir C. Oliveira, Maria do Carmo Reis, Márcio Simeone, Bruno S. Leal, Regina Motta, Patrícia Moran, Rodrigo Minelli, Vera França, César G. Guimarães, Paulo Bernardo Vaz, Elton Antunes, Carlos Magno Mendonça, Rousiley Maia, Dalmir Francisco, Cláudia G. Fonseca, Lúcio Melo, Luci Oliveira, Elaine Martins, Rogério Fidélis, Gilberto Corrêa, Neilton Botelho, Gilson Ferreira;

Ao PontoGris e aos meus colegas da equipe de pesquisa de redes, núcleo coordenado pela professora Beatriz Bretas, no Grupo de Pesquisa Imagem e Sociabilidade (GRIS/Departamento de Comunicação Social/FAFICH/UFMG);

Às equipes das bibliotecas da Escola de Ciência da Informação (ECI/UFMG) e da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH/UFMG);

À bibliotecária Vilma C. de Souza e aos técnicos Cláudio S. Faria e Kennedy F. Souza, integrantes da biblioteca da FAFICH/UFMG;

À Heloísa H. Alcântara, bibliotecária do Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFRJ pelo apoio à pesquisa de teses do Convênio IBICT/Escola de Comunicação da UFRJ;

À Denise Cerqueira Lopes, bibliotecária do Centro de Documentação Técnica do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAC)

À Rede Globo de Televisão, às suas emissoras e ao Centro de Documentação (Cedoc) em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, ao Projeto Globo Universidade, à Gerência do Projeto Memória Globo e à Gerência de Comunicação (Globo Minas);

À Rede Minas de Televisão, à Presidência da Fundação TV Minas Cultural e Educativa e ao Centro de Documentação da emissora em Belo Horizonte;

À TV Bahia e ao Centro de Documentação da emissora e da Rede Bahia em Salvador;

À TV Educativa e sua Diretoria de Comunicação e à Diretoria da Rádio MEC, ambas no Rio de Janeiro;

Aos profissionais de televisão que colaboraram para a realização desta pesquisa: Silvia Fiúza, Edna Palatnik, Maria Alice Fontes, Nisiclér M. Figueira, Maria de Lourdes P. Gomes, Antônio Achilis, Luciana D. Barbosa, José Amaro Siqueira, Rita Marques, Lourença M. Procópio, Fernanda Castro, Myria M. Figueiredo Lima, José Júlio Sobrinho, Graziela S. França, Ricardo Aguilar, Juliana R. Rocha, Mara Viana, Maria Fernanda P. Cardoso, Ana Paula M. Graça Couto, Laura M. Martins, Artur Almeida, Carol Assunção, Soraia Vasconcelos, Orlando Guilhon, Ana Paula M. de Melo, Letícia Marinho, Paulo Valladares, Grace M. S. de Oliveira, Bruno

Bastos, Adriana Santos, Ana Paula Goulart, Marcos Silva, Vera Albuquerque, Francisco P. Neves Vieira, Cecília Castro, Regina Kochi, Ana Cristina Borges, Maria Pia Barros, Lílian G. de Faria, Heloísa Leôncio, Eliane P. Araújo, Cristina Vignoli, Francisco Dias da Silva, Jacó Oliveira, Andréa Wanderley, Viviane Tanner, Cláudia Siúves, Selma Amparo, Paulo Santos Carneiro, Gilberto Trindade, René Astigarraga, Walter Lockman;

A Enderson Cunha, Marília Derenusson, Rachel Costa e a Bárbara e Adriano, meus filhos, pelo carinhoso auxílio nos diagramas da vida e pelo aprendizado de afetos e saberes;

Aos meus alunos de graduação e pós-graduação em Comunicação/UFMG e de graduação em Biblioteconomia/UFMG;

A meus irmãos Dilma e Dilson e suas famílias, a Maria Wilma S. Faria, Carla R. Luz de Souza, Henrique Milen V. de Carvalho, Gustavo Rodrigues Pereira e Marco Antônio Pessoa, pelo apoio decisivo em diversas etapas dos percursos de pesquisa;

E à desejável e indispensável companhia da criação verbal, musical, teórica, tecnológica e audiovisual na parceria de humanos e não humanos.

E poderíamos nos desafiar a pôr em prática a proposição de Latour, segundo a qual o trabalho teórico deve recuperar seu espaço honorável e digno entre outros ofícios, lado a lado com a arte de fundir chumbo, a carpintaria e o desenho industrial?

RESUMO

No contexto de novas configurações na organização da informação, este trabalho enfoca as relações e práticas informacionais dos profissionais que atuam nos setores de documentação das emissoras de TV. Através da teoria ator-rede, com pesquisa empírica de cunho etnográfico na Rede Globo, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, destacam-se a inserção, a atuação e a intervenção dos bibliotecários na realização de telejornais e na construção da rede noticiosa. A finalidade da pesquisa é revelar que a produção da informação telejornalística se faz por agentes heterogêneos e plurais, entre eles os bibliotecários e jornalistas. Pretende-se apresentar como fato novo uma mistura nas esferas da produção e da organização da informação para programas de notícias, em que passa a atuar um novo ator: a equipe multifuncional e interdisciplinar. Essa mistura das esferas da produção e da organização da informação em telejornalismo, com a emergência da equipe multifuncional e seus múltiplos atores, ainda não foi estudada nas respectivas e específicas práticas informacionais e nas implicações da entrada em ação, de modo direto, da organização da informação na cadeia de produção do telejornalismo. De acordo com os objetivos do estudo, buscou-se como marco da pesquisa a teoria ator-rede (Bruno Latour e Bernd Frohmann), que privilegia a investigação de micro-processos nos quais se engendra e emerge a efetiva produção da informação, no caso a que resulta da ênfase na associação entre jornalistas e bibliotecários para a realização do telejornalismo. Quanto à metodologia, a pesquisa empírica, de cunho etnográfico, foi realizada com a utilização das técnicas da observação participante, da coleta de testemunhos, documentos e entrevistas. Nos bastidores dos setores de documentação de emissoras de televisão - uma espécie de centro de cálculo para a produção, a organização e pesquisa da informação em documentos verbais, sonoros e audiovisuais -, os bibliotecários, os jornalistas, as tecnologias, as linguagens de indexação e os técnicos de TV se mesclam, em trabalho cooperativo, em meio a deslocamentos, lugares e posicionamentos distintos, instáveis e contraditórios. Para atingir seus objetivos, a pesquisa focaliza o compartilhamento e as negociações de valores, vínculos, posicionamentos e saberes de bibliotecários e jornalistas que levam à confluência das esferas da produção e da organização da informação na rede noticiosa de TV. Por força de suas práticas materiais, intelectuais, tecnológicas e discursivas impõe-se a esses profissionais lidar, no contexto da rede de relações que os constitui, com o desafio de fazer a passagem da informação como produto comercial à condição de artefato da memória social.

Palavras chave: Práticas informacionais; Rede Noticiosa de TV; Relações entre Bibliotecários e Jornalistas; Produção e Organização da Informação; Cedoc/Rede Globo; Teoria Ator-Rede.

ABSTRACT

In the context of new aspects of the information's organization, this thesis focuses on the informational relations and practices of professionals that act in the documentation departments of TV stations. Through actor-network theory, with an empirical research of ethnographic type at Globo Network, in Belo Horizonte and Rio de Janeiro, we can say that the insertion, performance and intervention of librarians stand out on the newscast production and in the news network construction. The point of this research is to bring the idea that the journalistic production is made by heterogeneous and plural agents with journalists and librarians among them. The intention is to show the mixture in the production and the organization of information in the production of the newscast programs as a new fact, where there is a new actor: the multidisciplinary and interdisciplinary staff. This mixture in the production and the organization of information in the newscast, with the urgency of the multifunctional staff and its multiple actors was not studied yet in the respective and specific informational practices and in the implications of the action takings, in a direct way, of the organization of information in the newscast production network. According to the intentions of this study the actor-network theory (Bruno Latour and Bernd Frohmann) was put as the main point and it privileges the investigation of micro-processes from which the production of information emerges and is produced, in this case becoming a result of the emphasis in the association of journalists and librarians for the newscast production. Regarding the methodology, the empirical research was made using the participant's observation practice, the gathering of testimonials, documents and interviews. At the backstage of TV network documentation departments – a species of estimation center to the production, organization and information research in verbal, oral and audiovisual documents – the librarians, journalists, technologies, indexing languages and TV technicians mingle, in a cooperative labour, in displacements, places and unstable and contradictory positioning. To achieve its goal, the research focuses the exchange and negotiations of ideas, values, bonds, point of view and knowledge of librarians and journalists that lead to the confluence of the production and organization of information in the TV news network. Because of the material, intellectual, technological and discursive practices these professionals have to manage – in the 'relation network' context – with the challenge of making information cross as a commercial product to the condition of social memory artifact.

Key words: Informational Practices; TV news network; Relations between Librarians and Journalists; Production and Organization of Information; Cedoc/Rede Globo; Actor-Network Theory

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Roteiro com Questões para Entrevista.....	p. 299
Anexo 2. Anotações de campo e Testemunho.....	p. 301
Anexo 3. Diário de campo.....	p. 303
Anexo 4. Elementos de Política de Indexação.....	p. 305
Anexo 5. Sinopses de Reportagens.....	p. 308

LISTA DE SIGLAS

ANT *Actor Network Theory*

AUTOBAHN Termo utilizado para designar a auto-estrada da informação

BBC *British Broadcasting Corporation*

BETACAM Formato de equipamento de gravação e edição analógica em fitas de vídeo

CBS *Columbia Broadcasting System*

CD disco compacto para gravação de sinais digitais de áudio e/ou imagem

CEDOC/GLOBO MINAS Centro de Documentação da Rede Globo na cidade de Belo Horizonte

CEDOC/GLOBO RIO DE JANEIRO Centro de Documentação da Rede Globo na cidade do Rio de Janeiro

CGCOM Central Globo de Comunicação

CGJ Central Globo de Jornalismo

DVCPRO Formato de equipamento de gravação e edição digital em fitas de vídeo

DVD disco ótico para gravação de sinais de áudio e/ou imagem ou dados digitais

FID Federação Internacional de Informação e Documentação

JBONLINE Periódico jornalístico com a versão eletrônica do Jornal do Brasil

PROJAC Central de Produção de programas de entretenimento da Rede Globo na cidade do Rio de Janeiro

SRD Sistema de Recuperação de Documentos, denominação para o sistema de recuperação da informação utilizado pela Rede Globo

U-MATIC Formato de equipamento de gravação e edição analógica em fitas de vídeo

VT Equipamento analógico de gravação de imagens e áudio em fitas de vídeo

WEB Termo utilizado para designar a rede mundial de computadores

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. JUSTIFICATIVA.....	20
3. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA: dimensões teórico-práticas e interrogações antecedentes.....	25
3.1. Bibliotecários, Jornalistas, Tecnologias e a Produção de Fatos e Artefatos.....	25
3.1.1. Práticas Informacionais e Organização da Informação em Telejornalismo.....	30
3.1.2. Práticas Informacionais, Construção da Rede Noticiosa e Mobilização do Mundo.....	41
3.1.3. Partilhas, Lugares e Posicionamentos como Problema de Pesquisa.....	47
3.2. Objetivos.....	52
3.2.1. Objetivo Geral.....	52
3.2.2. Objetivos Específicos.....	52
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	54
4.1. Informação, Cultura e Práticas Materiais em Rede.....	54
4.2. Informação, Labirinto de Redes e Híbridos Sociotécnicos em Ação.....	72
4.3. Rede Noticiosa e as Micro-Práticas Materiais em Telejornalismo.....	83
5. METODOLOGIA.....	95
5.1. Do Desenho da Pesquisa ao Trabalho de Campo.....	98
5.2. O Trabalho de Campo no Cedoc/Globo Minas.....	100
5.3. Das Entrevistas e Visitas Técnicas a Outras Emissoras de TV.....	106
5.4. Da Preparação e Elaboração da Análise e Interpretação dos Dados.....	112
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO.....	118
6.1. Dos Diferentes Tipos de Dados às Categorias Analíticas.....	118
6.2. Dos Valores e Significados Compartilhados.....	126
6.3. Das Rotinas Produtivas, Jornadas Típicas e Práticas Materiais no Cedoc.....	138
6.4. Cedoc/Globo Minas, Rede Noticiosa de Telejornalismo e Regime de Informação.....	153
6.5. Cedoc e as Práticas Informacionais em um Centro de Cálculo.....	166
6.6. Uma Rede que se Alonga, Saberes que Circulam.....	182
6.7. Da Política de Indexação.....	200
6.8. Da Controvérsia de Origem e dos Lugares e Alianças.....	218
6.9. Das Situações Locais, Perícia, Deslocamentos e Partilhas.....	238
7. CEDOC, NÓS DE REDE E CENTRO DE CÁLCULO EM TRANSIÇÃO/TRANSFORMAÇÃO.....	269
8. REFERÊNCIAS.....	285
ANEXOS.....	299
ANEXO 1.....	299
ANEXO 2.....	301
ANEXO 3.....	303
ANEXO 4.....	305
ANEXO 5.....	308

1. INTRODUÇÃO

Esta tese se vincula à linha de pesquisa Informação, Cultura e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Procura-se com esta pesquisa, no âmbito da área de estudos sociais da informação, investigar e conhecer os bibliotecários e jornalistas, a trama de suas relações cotidianas e práticas informacionais no ambiente das emissoras de televisão. Como espaço institucional de forte apelo às grandes audiências, voltado principalmente ao entretenimento e ao noticiário jornalístico, a televisão poderia ser entendida como o último dos lugares em que a pesquisa e o saber pudessem estar e se fazerem aliados na produção da informação de interesse social mais amplo.

Sem desconsiderar a substância do que marca o empreendimento comercial e corporativo das macro-organizações de mídia, este estudo orienta seu interesse para observar, conhecer e dar a conhecer dimensões inexploradas do trabalho com a informação na TV. Filiada ao projeto de recorrer ao referencial teórico e metodológico das ciências sociais, a pesquisa aqui apresentada trabalha uma reflexão sobre o conhecimento empírico das rotinas produtivas, dos saberes e relações entre profissionais de Biblioteconomia e de Jornalismo, das práticas informacionais correntes em televisão que enlaçam os campos da Ciência da Informação e da Comunicação. Com base na perspectiva antropológica da teoria ator-rede, o *locus* da centralidade que a informação ocupa é apreendido no espaço das micro-práticas materiais e dos saberes interdependentes e complementares que fazem o dia-a-dia da rede noticiosa. Daí haver-se tomado nesta pesquisa de tese as relações entre jornalistas e bibliotecários como um tipo de experiência com as práticas informacionais que, a cada acontecimento de repercussão nas sociedades,

demanda e precisa ser mais e melhor estudado e discutido, na medida em que ainda temos uma visão restrita sobre essa experiência no âmbito da televisão, em especial da TV brasileira.

Em relação à trajetória e aos interesses anteriores do pesquisador, é oportuno assinalar estudos empíricos realizados sobre os bastidores da imprensa alternativa dos anos 1960-1970 do eixo Rio-S. Paulo e sobre os bastidores da produção de vídeo dos anos 1980-1990 em Belo Horizonte, experiências diferenciadas com a informação que atestavam a inclinação, aqui reafirmada, de explorar as correlações entre práticas profissionais e conhecimentos teórico-científicos. Não só por identificar, com Latour (1995) e Frohmann (2004), que a informação não se torna explícita sem conhecer a rede de suas práticas, como também, em sintonia com Miège (2000), tentar nesta oportunidade explicitar de que modo, na experiência brasileira, a história das idéias e a história das práticas não estão separadas e apartadas como corpos estranhos um em relação ao outro.

Se o desafio deste estudo implicava percorrer alamedas, atalhos e desvios para conhecer o labirinto dos setores de documentação em emissoras de TV de Belo Horizonte e Rio de Janeiro, foi por entender-se a Ciência da Informação como interdisciplina em suas abordagens dos fenômenos da informação, enfatizando-se e explorando-se, no caso desta pesquisa, as interfaces com outras disciplinas como Biblioteconomia, Comunicação, Sociologia da Ciência e Antropologia. As indagações que hoje nos convocam destacam a condição de a televisão estar em consonância com a multiplicação de universos culturais, as novas modalidades dos negócios, a complexidade da produção da informação e da divulgação do conhecimento, a reconfiguração da ordem política no país e no mundo. No contexto contemporâneo, o estatuto da televisão é permeado por novas questões para a relação entre informação e comunicação e as práticas informacionais daqueles que lidam nessa área, como os bibliotecários e os jornalistas, em formas

de colaboração mútua. Se a mídia, enquanto conjunto dos meios de comunicação, pode ser entendida como formuladora e reformuladora de percepções e noções de realidade, sendo instituída e instituinte da ordem social, as práticas informacionais e as operações materiais e simbólicas da TV brasileira pedem que se amplie a compreensão sobre as efetivas condições de produção e organização da informação na configuração da rede noticiosa.

2. JUSTIFICATIVA

A partir de demandas sociais crescentes, públicos diferenciados e mais atuantes, novas tecnologias digitais e móveis e de práticas informacionais inauguradas com o acesso a diversas mídias, temos hoje novas configurações na produção da informação com renovados desafios para o campo da Ciência da Informação. Essas alterações se refletem no perfil mutante das equipes que lidam com informação, no atual destaque para os processos de construção, de comunicação e de uso da informação, para os saberes profissionais em transformação e para as práticas informacionais enquanto práticas sociais. Na atualidade, se constata que a televisão é, como elemento chave da vida em sociedade e da cultura contemporâneas, um referencial levado em conta em relação às questões sociais e aos problemas cotidianos, e se apresenta como empreendimento apto a indicar e fornecer informações e instruções úteis nas relações diárias e nos diferentes espaços sociais.

A oportunidade de uma pesquisa sobre a produção e a organização da informação, com ênfase nas relações entre profissionais e nas práticas informacionais em arquivos para atender ao telejornalismo, é de interesse, não apenas pelo porte e pela influência da TV na cultura, na política, na economia e na vida do país. Há um leque de indagações que revela o estado de conhecimento parcial sobre a vida social da informação em sociedades recobertas por redes, mídias e tecnologias, mas atravessadas por carências materiais e intelectuais e por dificuldades de acesso à informação como bem coletivo e direito de todos. Questões relativas aos modos como a informação é efetivamente pensada, confeccionada e distribuída pelas emissoras de TV não encontram respostas com a facilidade que a princípio se possa supor. Como se processa a organização da informação jornalística na televisão? Que saberes teóricos e práticos são esses

enquanto objetos de partilha e compartilhamento no ambiente da televisão, saberes em ação, plurais e adaptáveis às circunstâncias, em mudança constante? Que relações entrecruzadas são essas de bibliotecários e jornalistas, dois tipos de intelectuais e de técnicos muito diferentes em suas formações e ocupações profissionais? Que agenciamentos e trocas se dão em torno de rotinas produtivas e de saberes postos em prática nos setores de documentação das emissoras de TV? Que acessos à informação são viabilizados para a produção de telejornais e que procedimentos técnico-operacionais os sustentam?

Estava posto, portanto, em oferta ao interesse de pesquisa, um campo de observações para explorar a emergência de práticas informacionais, desde o ponto de partida ocupado neste estudo pelo setor de documentação da Rede Globo em Minas Gerais como um nó local de rede noticiosa que, em articulações com outros pontos da rede, o reposicionam nos níveis estadual e nacional da produção da informação em telejornalismo. Esta tese representa, por sua vez, um esforço preliminar de pesquisa para investigar no âmbito dos estudos da informação as práticas informacionais, a construção dos micro-processos da rede noticiosa e a intervenção dos bibliotecários nos processos de produção do telejornalismo. O lugar institucional da Ciência da Informação é, nesse sentido, um lugar único por suas atuais condições de pesquisa, na quadra em que esse projeto e ambição se apresentaram ao pesquisador, ao reunir em seu campo disciplinar, de forma orgânica, o espectro de estudos que associam a organização da informação, as ciências sociais e a pesquisa de práticas informacionais com as imagens técnicas em televisão. Para um estudo sobre as características e especificidades dos profissionais e das práticas de organização da informação na TV, o trabalho coletivo de pesquisa empreendido ao longo dos anos pelo conjunto de integrantes da linha Informação, Cultura e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, forneceu as condições pertinentes para uma investigação que

exigia o que Cardoso, A. M. (2007) assinala como o alargamento de fronteiras temáticas, a conquista de novas parcerias e colaboradores, de novos olhares e de novas experiências de conhecimento.

Desse modo, foram propiciados ao pesquisador o contexto institucional e os instrumentos teóricos e metodológicos necessários para investigar as práticas informacionais vigentes em emissoras de televisão enquanto práticas materiais, intelectuais, tecnológicas e discursivas. Optou-se por uma investigação empírica ao constatar-se a lacuna de estudos de cunho etnográfico sobre os setores de documentação de emissoras de TV. Nesse sentido, esta tese se vincula a um determinado campo de questões e problemas teóricos, que escolhe misturar-se à deriva que a investigação da *empíria* carrega, arrisca trazer as palavras e idéias daqueles que fazem a informação no campo da mídia, explora suas tensões e posicionamentos na rede que os constitui, esboça explicações sobre seus itinerantes lugares e fazeres no regime de informação que se objetiva na rede noticiosa que sustenta o telejornalismo. Por isso, dar passagem, entrelaçar e defrontar neste estudo com os autores acadêmicos a palavra de Paulas, Brunos, Cristinas, Fernandas, Marias e Franciscos nos exercícios de pensar e expressar-se sobre suas experiências e práticas profissionais. Porque a informação é concreta, como propõe Latour (2000a), tem seu caminho no eito das micro-práticas materiais, como argumenta Frohmann (2004), e enlaça presente e futuro por ser enlaçada e entrelaçada pela vida das gentes e das sociedades.

A tarefa da pesquisa se mostrou pertinente em função de carências de estudos na bibliografia referente às práticas informacionais com as imagens técnicas e aos setores de arquivo e documentação em emissoras de TV. Nem o núcleo do Projeto Memória Globo havia publicado,

no transcorrer desta pesquisa, uma história do Cedoc que o pesquisador pudesse acessar e consultar, nem o próprio Cedoc da Rede Globo possuía uma documentação substancial, previamente organizada e editada para divulgação sobre suas práticas e intervenções na parceria com o telejornalismo que fosse disponibilizada ao pesquisador. Na esfera acadêmica, e este é um aspecto determinante desta pesquisa, temos fontes e referências na bibliografia da nossa área para as dimensões teórica e técnica, reflexiva e operacional, com pesquisas, estudos e manuais sobre classificação, linguagem documentária, indexação, arquivos e documentação. Mas não temos a exploração integrada e em profundidade dessas dimensões aos aspectos sociais e culturais, aos trânsitos das práticas informacionais, aos modos de organização da informação nos processos de fazê-la acontecer e objetivar-se, o que implica para os profissionais, como a pesquisa revela, experimentar e/ou confirmar soluções e abrir espaço à ação individual e coletiva em relação aos procedimentos técnico-operacionais estabelecidos e canônicos, principalmente no caso do trabalho com as imagens técnicas em movimento e com o telejornalismo.

A televisão vive do registro ao vivo, da transmissão em fluxo e dos efeitos da edição de imagens e sons, transformando a reportagem e o acontecimento reportado, simultaneamente, um mesmo fenômeno à percepção do telespectador. A sensação de perda do referencial de realidade atribuída à televisão é parte do fenômeno mais amplo da cultura em rede, entendida como simultaneamente real, e não como puro efeito imaginário, e virtual, por ser construída por meio de processos virtuais de comunicação de base eletrônica. Se, por um lado, a TV não se define, nem se legitima, por preservar as imagens das coisas desaparecidas, por outro, são os setores de documentação das emissoras de TV que detêm a guarda, a organização e a recuperação de parte daquilo que é considerado significativo e de interesse da coletividade ao ser captado por câmeras e microfones, seja material exibido ou inédito. Em meio a diagnósticos, interesses e prognósticos sobre o lugar

que ocupa na sociedade, a televisão captura e opera, por obra e fazeres dos bibliotecários, jornalistas e técnicos de TV, fragmentos da memória social, pinçados do tempo presente e de outros tempos, processados e arquivados por intermédio de, e em colaboração com, suportes tecnológicos cambiantes e ferramentas de indexação e de informática. Provoca surpresa e desconcerto pensar que os setores de documentação da TV tenham sido um objeto de estudo mal percebido pelo esforço acadêmico de pesquisa, considerada a presença inequívoca de seus registros, classificações, cópias e compilações em nosso cotidiano.

Por lidarem com a memória, a reprodução e a reinserção de documentos e informações em nosso cotidiano, por intervirem em nossa imagem do mundo e em nosso entendimento das coisas, os setores de documentação da televisão evocam outras perplexidades sobre outras experiências e instituições. Pois um breve traço aproxima os atuais Cedocs das emissoras de TV e uma referência à clássica Biblioteca de Alexandria. Lá como cá, temos poucos documentos sobre seu funcionamento, seu pessoal, sua concepção, sua prática, sua atmosfera, seu cotidiano, seu ambiente de disputa e de alianças, seu saber material. Cabe conhecer e pensar, aqui e agora, como os bibliotecários e a Biblioteconomia, ao serem convocados a participar dos empreendimentos do telejornalismo e da mídia, marcam sua contribuição e sua intervenção em ambientes que lhes eram, a princípio, estranhos, e intervêm na imbricação da memória social com a organização da informação, entendida como aspecto chave do patrimônio cultural e das condições de acesso da coletividade às imagens e sons que contam do seu passado e do seu presente.

3. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA: dimensões teórico-práticas e interrogações antecedentes

3.1. Bibliotecários, Jornalistas, Tecnologias e a Produção de Fatos e Artefatos

Quem adentra o Arquivo de Mídia, setor do enorme centro de produção conhecido pela sigla Projac, na Rede Globo/Rio de Janeiro, não identifica de imediato que tipo de situação e que tecnologia em ação irá observar e acompanhar em alguma rotina sistemática e inteligente. Na entrada do prédio, na prosaica sala de escritório, com balcão, mesas, computador e cadeiras, encontra-se a passagem em uma das paredes laterais para acessar o espaço em que vive o robô do Projac. O equipamento está em operação por entre as altas estantes de aço, que ocupam o pé-direito da edificação e vão às alturas com cerca de quinze metros. O robô não é visto a princípio, mas ouvido pelos ruídos que provoca seu corpo metálico de engrenagens mecânicas, por estar entretido com uma tarefa objetiva: buscar as fitas de vídeo, com cenas das telenovelas que vão compor uma parte do programa Videoshow, para um retrospecto de personagens vividos pela atriz VVV.

Aquilo que se pode entender como uma inteligência povoada de dígitos e cálculos, que governa um sistema de controle de dados, integra e encarna o aparato maquinal em suas múltiplas operações de classificar, armazenar, localizar e recuperar documentos e informações na forma de artefatos audiovisuais. Comandos do técnico de arquivo, os dedos em poucos toques ao teclado, procedem a uma consulta na interface do *software* com os dados do sistema. Com a segurança de operar um maquinismo sem entraves, toda a atenção do homem se fixa à tela do monitor. Piscam luzes de cor vermelha, ora acendem, ora apagam, breves traços visuais revelam a missão daquele

momento. Os operadores X e Y fazem a varredura de outros itens do armazém de imagens e áudios em que, por obra do robô e sua lógica, se transformou a totalidade dos conteúdos do acervo. Enquanto isso, o robô localiza, retira e transporta os documentos sob a forma de fitas de vídeo, circula pelos corredores do altíssimo pé direito do Arquivo de Mídia e desce a cerca de noventa centímetros do piso. Retorna ao ponto de partida, baixa o produto do seu trabalho para entrega à verificação humana dos documentos pedidos. A maravilha tecnológica se mostra, enfim, aos olhos do observador na aparência de um banal aparato que transporta uma bandeja retangular de metal, com cerca de um metro por sessenta centímetros e um palmo de profundidade para que possa movimentar-se pelos trilhos e carregue, sem riscos e danos, as fitas de vídeo e discos óticos até à plataforma de destino. Sua viagem se completa para a partilha da tarefa através da intervenção humana. Eis o trans-elevador, indica o técnico que inspeciona com olhos e mãos o produto da coleta realizada pelo equipamento.

O robô do Projac assim nomeado é a ponta de um vasto e bem distribuído circuito de operações, equipamentos e equipes humanas que se estende país afora nas emissoras da Rede Globo de Televisão (Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Recife e Belo Horizonte) e nas demais emissoras afiliadas à rede. Longe do Projac, em Belo Horizonte, o serviço análogo ao do robô é feito, manualmente, no compacto Cedoc/Globo Minas, um espaço físico com poucas dezenas de metros quadrados. Mãos da bibliotecária no Cedoc mineiro giram o mecanismo simples das manivelas de estantes deslizantes, que se abrem e deixam à mostra as fileiras de fitas de vídeo armazenadas. Após consulta prévia ao sistema de Registro e Recuperação de Documentos do Cedoc mineiro, uns poucos passos separam do seu destino as fitas de vídeo selecionadas nas prateleiras. A bibliotecária vai passá-las às mãos do editor de imagem do Cedoc, técnico que irá copiar cenas

escolhidas das fitas do acervo em uma nova fita para posterior entrega no balcão do setor aos jornalistas da Redação do vizinho setor de Jornalismo.

Em outra ponta da rede, na cidade do Rio de Janeiro, em um outro bairro bem distante do Projac, no Arquivo de Imagem do edifício sede da Rede Globo, que atende e funciona junto à Central Globo de Jornalismo, também não há robôs na sala de armazenagem do piso térreo. Na performance dos técnicos de arquivo, humanos buscam, localizam, retiram e carregam fitas e discos óticos por entre as alamedas que se formam pelo alinhamento das estantes, cujo sistema de numeração reproduz no espaço físico lógica semelhante à que, ao cruzar os eixos X e Y, faz com que o robô do Projac cumpra tarefa e finalidade análogas. Dois andares acima da sala de armazenagem, na intensa movimentação do Arquivo de Imagem carioca, profissionais entram e saem de salas, sobem e descem andares por elevadores convencionais e circulam por corredores e escadas com fitas, discos óticos e documentos impressos. A finalização das reportagens que serão vistas pelos telespectadores depende de fatos, atores e artefatos que povoam o percurso que cumprem entre a armazenagem - localizada no piso térreo - e a edição e cópia - que realizam os técnicos editores de imagem em cabines contíguas à sala do segundo andar onde estão os pesquisadores e a chefia do Arquivo de Imagem do Cedoc/ Globo Rio de Janeiro.

Assinala Latour (2000a) que a produção da informação é atividade prática, um trabalho de produção concreto e material, que envolve “operações de seleção, extração e redução que resolvem a contradição entre a presença e a ausência de um lugar” (p. 24 e 26). Assim, eventos do cotidiano se tornam objeto de interesse da mídia e são transformados em notícia, cumprindo um movimento entre presença e ausência, o que leva aqueles que lidam com a informação no telejornalismo a terem de elaborar operações e soluções que articulam pessoas (profissionais

especializados), fatos (acontecimentos da vida real) e artefatos (reportagens e documentos audiovisuais) dispostos em lugares diferentes. O local em que ocorre o acontecimento é diferente do local em que está a emissora de TV, com suas equipes, salas de trabalho e tecnologias, de onde partem câmeras, repórteres e microfones, para depois repassarem aos técnicos editores de imagem e aos equipamentos de edição de sons e imagens o material bruto, gravado mas não editado, a partir do qual virá a ser dada a forma final da reportagem. Sabemos que, na abordagem da teoria ator-rede (LATOURETTE 1994, 1995, 2000a), uma rede é formada num dado instante por uma pluralidade de pontos ligados entre si por uma pluralidade de conexões. Por definição, nenhum ponto é privilegiado em relação a outro, o que faz com que uma rede tenha múltiplas entradas. Para compreender o modo de produzir informação e conhecimento, deve-se enfatizar, como assinalam na perspectiva da Ciência da Informação Oddone, N. E. *et al.* (2000), que todo conhecimento é construído localmente. Segundo as autoras, a diferença entre o que se denomina, de um lado, conhecimento universal e, de outro, conhecimento local está, na maneira como certos lugares são constituídos em forma de rede (p. 32).

A indagação sobre as formas e processos em que operam as tecnologias de informação e os meios de comunicação obteve uma contribuição estimulante com Frohmann (1995), sua concepção do que seja um regime de informação e em seus desdobramentos por Gómez, M.N.G. (1999, 2002b). Reafirmando a formulação de Frohmann (1995), o regime de informação refere-se a uma rede, mais ou menos estável, na qual a informação flui por meio de determinados canais, gerada por específicos produtores, através de certas estruturas organizacionais para usuários específicos. Segundo o autor, rádio e TV, distribuidores de filmes, publicações acadêmicas, bibliotecas, fluxos de dados, a emergente superestrada da informação, “todos são nós de redes de informação ou elementos de um específico regime de informação”. Como assinala Frohmann no artigo

citado, a descrição de uma política de informação está relacionada à genealogia de um regime de informação, reconhecendo-se que essa política é feita e refeita todos os dias nas práticas complexas e nas interações sociais. Ao retomar o conceito de regime de informação, Gómez (2002a) acentua na concepção de Frohmann que o conceito não se reduz a um meio de comunicação, por exemplo rádio ou TV, mas seria constituído pela “figura combinatória de uma relação de forças”, figura pela qual se define “uma direção e um arranjo de mediações comunicacionais e informacionais”, em um domínio funcional (saúde, educação, etc.), territorial (município, região, grupo de países) ou de sua combinação (p. 40).

Ao se considerar a noção da teoria ator-rede de que todo conhecimento é produzido localmente, a produção da informação em telejornalismo aparece como um campo de práticas, relações, tecnologias e procedimentos que alcança inteligibilidade pelo modo como está constituído na forma da rede noticiosa. Essa forma reticular é traçada numa espécie de trama de centros, periferias e nós de rede, enlaçando humanos e não humanos, profissionais especializados e dispositivos tecnológicos. A rede noticiosa emerge e opera no interior de um peculiar regime de informação, que pode ser reconhecido, como afirma Frohmann (1995), na trama de relações que é feita e refeita todos os dias nas práticas complexas e nas interações sociais. Ao discorrer sobre a mobilização do mundo nos centros de cálculo em que se produz conhecimento, a teoria ator-rede leva a afirmar que tal mobilização não é condição suficiente, pois sua primeira consequência é um dilúvio de inscrições e espécimes que exige que se realize em tais lugares o que se nomeia como um trabalho adicional, cuja finalidade é transformar as inscrições, simplificá-las, estabelecer redes mais longas. São assim estabelecidos centros dentro dos centros (LATOUR, 1985), o que remete a pensar na linha de montagem do telejornalismo, com os diversos setores de Redação Jornalística, de Documentação, de ilhas de Edição, etc, operando como centros ou nós

de rede em que a informação jornalística é produzida ao longo de uma rede que se estende por diferentes cidades.

No interior de uma rede noticiosa de TV, além do núcleo central de telejornalismo com seus repórteres, editores de texto e editores de imagem, ilhas de edição, redatores, câmeras e microfones, cinegrafistas e produtores, temos a intervenção de um setor-chave para a produção diária de telejornais. São os chamados setores de documentação, em suas origens no jornalismo impresso conhecidos com a denominação de arquivos, que, enquanto unidades de informação, congregam pessoas com diferentes habilitações profissionais: bibliotecários, editores de imagem, estagiários de Biblioteconomia e História em fase de aprendizagem, além de jornalistas. Em geral, esses setores de documentação estão dedicados a diferentes tarefas e, nos casos de setores mais desenvolvidos, compostos por diversos subsetores: arquivo de texto, biblioteca, arquivo de imagem, indexação, pesquisa de imagem, videoteca, armazenagem e tráfego de fitas.

3.1.1. Práticas Informacionais e Organização da Informação em Telejornalismo

É no cotidiano de um setor de documentação em emissora de TV que se estabelecem vínculos, valores e conhecimentos compartilhados por jornalistas e bibliotecários, quando inseridos em um processo marcado pelo intercâmbio de tarefas, técnicas, documentos e informações relativos aos critérios de seleção e à análise, indexação e recuperação da informação em telejornalismo. Para identificar e selecionar documentos audiovisuais e conteúdos temáticos, os bibliotecários interagem, nas rotinas produtivas do Cedoc, pela mediação de suas práticas e competências, com os jornalistas. As exigências do telejornalismo refletem-se no setor de documentação que precisa selecionar, analisar, indexar, classificar, pesquisar e recuperar informações em tempo hábil, com

destreza, rapidez e competência, de modo a serem incluídas em novas reportagens para os telejornais diários. Há que ser definido previamente o que deve e o que não deve ser selecionado para ser introduzido no sistema de informação. Na dependência de decisões da empresa, o setor de documentação não guarda a íntegra dos telejornais, antes são preservadas e armazenadas as reportagens jornalísticas, os fragmentos dessas reportagens e as seqüências de materiais brutos não editados e, portanto, não transmitidos para o público. Elementos decisivos para uma reportagem ser mantida no sistema são a importância do fato jornalístico e a qualidade técnica da imagem, embora também sejam preservadas matérias sem qualidade técnica ideal devido ao interesse e importância do seu conteúdo (LEON, M.P. 2005).

Nos dias atuais, para a equipe multifuncional do telejornalismo, integrada tanto por jornalistas quanto por técnicos de televisão, além dos bibliotecários, atores esses que interagem com outros tipos de profissionais, as imagens de arquivo chegam a ser referidas como a salvação de um editor. Tais imagens servem para cobrir ou ilustrar reportagens do dia, se não houve tempo para captar imagens do fato, se o material feito na rua não foi suficiente ou está com problemas técnicos para uma boa edição de sons e imagens. Segundo Bistane, L. e Bacellar, L. (2005), os arquivos sonoros sem as respectivas imagens são reutilizados em poucas ocasiões e as imagens antigas não devem, em geral, abrir uma notícia (p. 29). No entanto, em décadas passadas, o arquivo da empresa jornalística era conhecido como *morgue*, uma espécie de arquivo morto de recortes dos jornais impressos. Devido à nomeação como arquivos quando do seu surgimento em jornalismo impresso, é parte da tradição da imprensa nomear aos profissionais envolvidos com o tratamento das reportagens como arquivistas. Desde os anos 1930, a princípio apenas nos Estados Unidos, esse tipo de setor passa da condição de uma simples coleção de recortes de reportagens escritas, organizado por funcionários sem uma qualificação específica, para se constituir em um

serviço de documentação coordenado por profissionais especializados, identificados pelos jornalistas como arquivistas (MACHADO, 2005). Segundo o autor,

a edição digital retirou do jornalista o protagonismo do processo de produção dos conteúdos, uma vez que agora intervém tanto o arquivista - leia-se aquele profissional, jornalista ou não, que lida com a organização, a pesquisa e a recuperação da informação em setores de arquivo ou documentação -, quanto o usuário do sistema (MACHADO, 2005).

E, nesse sentido, os denominados arquivos ou setores de documentação em telejornalismo podem ser agora entendidos, na perspectiva da teoria ator-rede, como pontos de passagem obrigatória e pontos de convergência, sem os quais não se dá a produção da informação diária de telejornais. Jornalistas e bibliotecários trabalham integrados em equipe com seus modos singulares de lidar com a produção da informação, recorrendo às respectivas concepções, conhecimentos e técnicas, com seus critérios e formas próprias de apreensão do conteúdo dos documentos audiovisuais. No caso do telejornalismo, a polissemia e as conotações dos documentos audiovisuais, que se aliam às variações e à mudança de temáticas nas reportagens (GONZÁLEZ; ARILLO 2003), constituem um desafio cotidiano para os profissionais que atuam e lidam com a informação disponível no acervo de reportagens do telejornalismo. No curso das práticas profissionais, que propiciam o confronto de percepções e de critérios de sujeitos distintos com suas habilidades e procedimentos, – de um lado, os bibliotecários e, de outro, os jornalistas -, criam-se formas compartilhadas de entendimento e de apropriação da informação, que visam um horizonte comum para a produção, a organização e a disseminação de produtos informacionais telejornalísticos.

Como assinala Brasil (2005b), pode-se observar que, na organização e na recuperação,

o maior problema dos arquivos de imagens em movimento ou dos arquivos de telejornalismo sempre foi encontrar alguém ou qualquer coisa em milhões de horas de conteúdo. O problema é ainda mais dramático considerando que os jornalistas de TV trabalham sob pressão de tempo. Precisam encontrar imagens sem qualquer identificação ou, como se diz na ciência da informação, sem 'indexação' com precisão, mas sempre 'para ontem' (BRASIL, 2005b).

Segundo o autor, esse trabalho de identificar, indexar e recuperar informações em telejornalismo conta com novas tecnologias de busca, como no caso de sistemas automatizados, e a colaboração efetiva dos profissionais do arquivo, o que vem conferir aos “jornalistas investigativos, com a ajuda dos nossos colegas arquivistas, um enorme potencial para desenvolver grandes matérias” (BRASIL, 2005b).

A produção de informação em telejornalismo é, portanto, o resultado de práticas informacionais de equipes diversificadas em sua composição, integrada por profissionais especializados que precisam compartilhar vínculos e conhecimentos, valores e procedimentos nas suas rotinas produtivas. Mas sob quais condições e como vão lidar os bibliotecários com os conteúdos e os documentos audiovisuais do telejornalismo? As notícias são um produto comercial, discursivo, técnico e social que resulta da organização burocrática da mídia, da caracterização do que tenha valor como notícia, da produção da notícia através do processo de identificação e contextualização editorial, dimensões utilizadas para significar os acontecimentos e a própria sociedade. Pode-se afirmar que um acontecimento só faz sentido se puder se colocar no âmbito de identificações sociais e culturais. Essas identificações referem-se ao compartilhamento de significados que “incorporam e refletem os valores comuns, formam a base dos conhecimentos culturais e são mobilizados no processo de tornar um acontecimento inteligível” (TRAQUINA, 2005, p. 177).

Os fluxos em rede se revelam, no caso da relação entre jornalistas e bibliotecários, de interesse especial para as questões abordadas sobre a produção da informação jornalística. Em televisão, a divisão do trabalho e a participação de profissionais, com suas respectivas e diferentes formações e habilidades técnico-profissionais, são aspectos fundadores da própria lógica e essência do que seja fazer telejornais. Participantes de redes com apurado nível de interações entre si, os bibliotecários também são agentes da lógica estruturadora as relações entre jornalistas, administradores, publicitários, além de equipamentos (computadores, câmeras, microfones, cabos, impressoras, *fax*, iluminação, fitas, discos óticos, CDs e DVDs) e de outros atores como editores de imagem, engenheiros, cinegrafistas, operadores de áudio, técnicos de informática, roteiristas, artistas, técnicos em telecomunicações, funcionários de manutenção e transporte, etc. Na atualidade, como afirma Machado (2005), nos meios de comunicação que utilizam tecnologias digitais, “o armazenamento das notícias não é uma parte separada do processo produtivo (...), mas é uma parte integral da cadeia de produção” (MACHADO, 2005). Assinala ainda que, desde o começo dos anos 1980, os arquivistas (leia-se, os profissionais que lidam com a organização da informação) “mais que compartilhar dados secundários com os jornalistas, têm necessitado apresentar interesses e conhecimentos antes alheios às tarefas inerentes à (própria) categoria” (MACHADO, 2005).

Como assinala Le Coadic (1996), o profissional da informação é, enquanto profissional especializado, quem adquire, organiza, descreve, indexa, armazena, recupera e distribui a informação. No entanto, diferentes autores tratam sob diversas óticas a questão dos profissionais que trabalham com informação, como na referência a quatro círculos relativos a profissões articuladas em torno do simbólico, da comunicação e da mídia: trabalhadores do simbólico, novos intermediários culturais, profissionais da informação e da comunicação e, por fim,

profissionais da mídia (MESQUITA, 2000). Interessa destacar o quarto círculo dos profissionais da mídia, que se organiza em torno da imprensa, do rádio e da televisão, mas também dos novos meios interativos. O autor entende como profissionais da informação tanto jornalistas, publicitários e relações públicas, quanto outros trabalhadores, alguns de perfil essencialmente técnico. Esses outros profissionais exercem suas competências e detêm poderes no interior das empresas midiáticas, como os executivos, os funcionários administrativos, os arquivistas, incluindo ainda as profissões de tipógrafo, *designers*, diagramadores, entre outros (p. 66-67). E amplia o espectro, incorporando, no rádio e na TV, os engenheiros, técnicos de som e imagem, diretores de programas, produtores, coreógrafos, maquiadores, num sem-número de ofícios, de nível técnico, administrativo ou criativo, que contribuem para trabalhos que são, eminentemente, de equipe (p. 67-68). É possível visualizar, segundo o referido autor, os ofícios da comunicação enquanto nebulosa multiforme de competências, talentos e vocações, profissionais que, instalados nos dispositivos midiáticos, se incumbem da “mediação do pluralismo instável das sociedades contemporâneas, estabelecendo pontes entre linguagens, práticas sociais e formas de cultura” (MESQUITA, 2000, p. 69).

Para os interesses desta pesquisa, cumpre sublinhar em relação aos profissionais de Biblioteconomia que sua inserção no universo das mídias é pensada por Targino, M.G. (2005). Entre as novas atribuições do profissional da informação na mídia, podem estar desde a indexação e recuperação de documentos até o desempenho de atividades antes associadas a outros profissionais, como os jornalistas e os produtores de emissoras de rádio e televisão. Para a autora citada, hoje ocorre uma série de possíveis combinações entre profissões já consolidadas, como a de jornalista, e as novas atividades demandadas ao bibliotecário visto por ela como profissional da informação, cuja função privilegiada é assegurar a busca e o acesso às fontes de

informação e o suprimento das necessidades informacionais de indivíduos e coletividades. Entre suas tarefas, em decorrência da inserção desse profissional na prática da produção da notícia, temos as buscas manuais e informatizadas de documentos, a análise e a indexação de reportagens transmitidas e de material bruto com imagens não editadas, a seleção e o preparo de fragmentos de material audiovisual (principalmente de imagens visuais) para reintrodução em novas reportagens, a avaliação e a atualização da política de indexação implantada.

A perspectiva de Targino, M.G. (2005) assinala ainda a postura desse profissional na atualidade: fornecer a informação exata, a partir da fonte correta, disponibilizando-a ao usuário certo, através de determinado meio, no momento combinado e a um custo adequado. E se entrelaça de algum modo à visão de Mesquita já citada e à argumentação de Carvalho:

esses profissionais (da informação) devem trabalhar com base em suas competências essenciais em equipes multi e interdisciplinares formando um grupo que atue de forma sinérgica. Desse modo, acreditamos que profissionais clássicos somem às suas experiências com as técnicas de gerenciamento da informação, conhecimentos sobre as tecnologias da informação assumindo, cada vez mais, o papel de filtrar a informação agregando valor aos seus produtos e serviços de informação (CARVALHO, K. 2002).

Nesse tipo de equipe múltipla e interdisciplinar em que atuam os bibliotecários, Carvalho (2002) indica alguns atributos que se identificam em um profissional de informação atuante: a compreensão abrangente da área de atuação, o conhecimento da estrutura e da função da organização, a facilidade de acesso a tecnologias de informação, fortes qualificações para relações interpessoais, entre outros. Não obstante o caráter prescritivo de tais qualificações para os profissionais da informação, entre eles os bibliotecários, suas práticas e formas de atuação são interdependentes das relações e dinâmicas que se estabelecem de fato com outros atores, inclusive com técnicos e equipamentos, nas atividades correntes de uma equipe complexa. Como

assinala Mesquita (2000), a propósito de competências em documentação, ao redor do jornalismo e da publicidade, encontra-se “uma constelação errática de ofícios que vão exigir as componentes da cultura, da criatividade e da formação humanística, artística e tecnológica como decisivas num mercado de trabalho cada vez mais ‘desregulado’ ” (p. 74-75).

Em telejornalismo, podemos entender o bibliotecário como o profissional que trabalha com um “conjunto de itens de informação organizados, segundo critério técnico, (com) os instrumentos de gestão da informação e com conteúdo que seja de interesse de uma comunidade de receptores” (BARRETO, 2000). Numa rede noticiosa do período pré-digital, portanto até meados dos anos 1990, como se observava na tradicional mídia impressa, cabia aos jornalistas em suas rotinas produtivas definir prioridades, conteúdos e temáticas inerentes às notícias em elaboração. Eles atuavam sob a lógica de um característico mercado simbólico e material, sob os parâmetros da linha editorial da empresa, acostumados a agir – e aqui é de interesse pensá-lo com a caracterização de Barreto (2000) - como aquele tipo de produtor de informação, proprietário dos estoques, (que) decide sobre quais itens de informação devem ser armazenados e quais as estratégias para a sua distribuição à sociedade.

No entanto, na rede noticiosa televisiva, diferentemente de uma rede noticiosa tradicional de mídia impressa, a informação, que é produzida originalmente sob a forma de reportagem, para tornar-se parte do arquivo passa por operações diferenciadas de seleção, extração e redução, deve estar descrita, analisada, indexada e organizada de tal modo que se possa acessá-la imediatamente para recuperá-la e reeditá-la em novas reportagens com outros propósitos e em outros contextos de utilização. Reportagens vão tornar-se para o bibliotecário um objeto a ser submetido a esquemas de análise e a modos de categorização que promovem novos recortes, outras

identificações e reagrupamentos através de um processo de releituras e reinterpretações. Como assinala Marcondes (2001), até mesmo no caso do texto escrito, o bibliotecário enquanto profissional de informação representa um documento “mediante estratégias cognitivas de indexação e resumo. Ele interpreta o documento para alguém mais, o usuário, com o objetivo de desenvolver uma representação do documento” (p. 65). Em continuidade, o autor nos auxilia a pensar como essa representação do documento é preparada para ser utilizada por outro ator, no caso o jornalista, sendo esse um processo ativo, na medida em que o bibliotecário não somente extrai a informação contida no documento original, mas “freqüentemente, adiciona informações novas, baseado nas necessidades de informação e no quadro conceitual que o profissional de informação supõe que usuários possuam ou que ele próprio possua” (p. 65).

Na perspectiva da Ciência da Informação, argumenta-se que a produção da informação é um processo aberto, implica o acesso, a seleção e a apropriação de significados no sentido de agregar valor ao conteúdo original de um documento. No caso da informação jornalística, ela pode ser pensada como uma prática social que envolve ações singulares de atribuição e comunicação de sentido (ARAÚJO, E.A. 2001). Refere-se a autora aos diferentes sistemas de informação contemporâneos como, entre outros, as bibliotecas, arquivos, centros de documentação, bancos e bases de dados, redes de comunicação eletrônica, redes de televisão e de rádio. É mediante a apropriação da informação jornalística, sob a forma de reportagens em documentos audiovisuais, que se lhes atribuem novos sentidos, aquilo a que se nomeia como informação com valor agregado (ARAÚJO, E.A. 2001), aspecto do processo que está em curso, de modo ininterrupto e intenso, no cotidiano da produção de informação em telejornalismo. Conforme Barreto (1995), do ponto de vista da atuação dos profissionais da informação, existem diversas formas de se agregar

valor. Dentre essas formas, interessa citar a que ocorre de modo expressivo para as práticas jornalísticas, aquela forma de agregar valor que se apresenta

quando se organiza a informação em estoques visando a sua recuperação e uso. Neste caso, haverá um reprocessamento da informação, com a utilização de técnicas conhecidas e estabelecidas, como catalogação, classificação, indexação etc., e aqui a intenção é agregar valor ao todo, ou seja, a todo estoque de informação, com vistas a uma recuperação controlada e adequada (BARRETO, 1995, p. 19).

Como refere Araújo, E.A. (2001), num processo de agregação de valor, há quatro atividades pertinentes: 1) a organização que se dá através das técnicas bibliotecárias (catalogação, classificação, indexação, etc) e tem por objetivo possibilitar um acesso mais rápido e produtivo à informação contida nos vários tipos de registros; 2) a análise da informação, que pode ser dividida em análise dos dados, com o objetivo de evidenciar a qualidade e a precisão, e em análise voltada para os problemas; 3) a síntese da informação, que consiste em reunir a informação de uma forma significativa e ponderada, aglomerando-a em blocos que possam ser usados; 4) o processo final, quando ocorre a filtragem da informação para situações específicas e é, a partir daí, que a informação tem potencial para ser usada. Cumpre sublinhar que para esta pesquisa de doutorado, a análise, a indexação, a pesquisa e a recuperação de conteúdos temáticos são momentos decisivos da produção da informação jornalística, pois essas práticas conferem e agregam valor aos documentos audiovisuais e às informações do acervo.

Se em contextos informacionais, como afirma Lara, M.G. (2002), escolhermos modos de organização específicos para alcançar objetivos específicos, pode-se argumentar que a informação telejornalística apresenta novos tipos de problemas que estão em fase preliminar de estudos. Como assinalam diversos autores em estudos recentes, constata-se uma intervenção do

bibliotecário no documento audiovisual, seja através de referências técnicas, sociais e pessoais, seja através da percepção de que um documento audiovisual, ou parte dele, pode ser percebido de formas diferentes, em função de contextos diferentes ou segundo a organização de elementos visuais e sonoros que lhe é peculiar (QUINTANA 2000, GONZÁLEZ; GARCÍA-QUISMONDO 2001, GONZÁLEZ; ARILLO 2003, VALLE GASTAMINZA; JIMÉNEZ 2004, BRASIL 2005a). Para o trabalho em telejornalismo, ressalta a importância da agregação de valor às informações que deve ser compreendida no âmbito da parceria que se estabelece entre profissionais com habilidades técnico-operacionais e formações diferenciadas. Entre eles, distingue-se que, uns jornalistas, outros bibliotecários, são atores destacados que têm que lidar com as tarefas de produzir e organizar o máximo de informação possível compactando-a em suportes diminutos, utilizando técnicas especializadas, compartilhando saberes e significados, interagindo com equipamentos e atuando em relação com outros profissionais à distância. É nessas condições que, nos setores de documentação de emissoras de TV, vai se dar a agregação de valor à informação, através da intervenção desses atores que atuarem nos setores orientados à organização da informação e dos documentos audiovisuais.

Os telejornais são, portanto, produzidos e veiculados para a população a partir do interior de um movimentado e diversificado processo de trocas entre profissionais da Comunicação e da Informação. Processo de uma complexidade ainda pouco estudada, essas trocas entre bibliotecários e jornalistas, com tarefas diferenciadas e corpos de conhecimento específicos e com atributos intrínsecos, são estabelecidas em função da exigência de promover a análise, a indexação e a recuperação documentária, práticas que se caracterizam por realizar segmentações ou recortes de conteúdo. Operações desse nível visam imprimir, segundo a aceção de Lara, M.G. (2002), uma certa organização àqueles conteúdos e informações que se apresentam por

definição como um *continuum* indiferenciado (p. 138-139). No caso do telejornalismo, o *continuum* indiferenciado refere-se a centenas de horas gravadas diariamente em suportes tecnológicos que contêm informações sob as formas de sons e imagens. As agendas e pautas do telejornalismo reúnem uma variedade não convergente de fatos previstos e acontecimentos imprevistos, são elaboradas em ritmo acelerado por várias e convergentes mãos e inteligências no setor de telejornalismo. Agendas e pautas noticiosas direcionam, por um lado, os repórteres e cinegrafistas aos locais em que transcorrem os acontecimentos que vão ser notícia e, por outro, posicionam, diante do acervo e do sistema de recuperação, os bibliotecários e os jornalistas que praticam a organização, a pesquisa e a recuperação da informação audiovisual. Para que as práticas informacionais se realizem, os bibliotecários e jornalistas devem compartilhar aquilo que Lara, M.G. (2002) chama de vínculos de significação, de modo tal que suas diferentes e complementares tarefas sejam realizadas nos setores de documentação com a colaboração dos editores de imagem e estagiários. É constituído, então, um campo de interações e trocas em que, no confronto entre jornalistas e bibliotecários, é preciso organizar esse *continuum* indiferenciado que é representado pelos conteúdos inscritos nos artefatos audiovisuais, um processo composto por diferentes práticas e etapas que se estabelecem através de acordos e negociações no interior do setor de documentação de TV.

3.1.2. Práticas Informacionais, Construção da Rede Noticiosa e Mobilização do Mundo

Sabemos que, para lidar com documentos audiovisuais, é preciso recortá-los sob a forma de fragmentos materiais, conteúdos temáticos e linguagens, entre estas as linguagens de indexação, para que se tornem manejáveis e atendam a determinados propósitos em busca de sua organização e inteligibilidade. No caso da TV, caracteriza-se em suas emissões a comutação

intensiva de recortes, fragmentos, seqüências narrativas e apelos à sensação de que tudo ocorre ao vivo e em cores, um modo de fazer e um estilo em que a notícia se transforma em espetáculo com a convergência das tecnologias das telecomunicações, da informática e do entretenimento. Cabe, portanto, indagar sobre as formas de organização da informação que estão sendo elaboradas nas complexas materialidades de imagens e sons que configuram o telejornalismo. Como profissionais com formações e perfis diferentes estabelecem rotinas para a produção do telejornalismo? Como se processam de modo efetivo as trocas e vínculos entre bibliotecários e jornalistas? Como os princípios e regras pelos quais se orientam no cotidiano do setor de documentação são estabelecidos, aplicados e transformados? Como são estabelecidos as trocas e o compartilhamento de conhecimentos entre eles? Como os bibliotecários lidam com análise e indexação de assuntos e fatos emergentes? Como se atualizam as rotinas produtivas? Como se dá o processo de indexação tanto para atender aos jornalistas e suas demandas, quanto para atender a novas percepções do que é noticiado? Como os princípios, critérios e regras são monitorados, revistos, atualizados, por que e por quem o são?

Nos estudos sobre a televisão, é usual privilegiar a produção de informação por jornalistas, autores de novelas, cinegrafistas, roteiristas e outros profissionais que atuam e são identificados como agentes e criadores de programas como os telejornais, telenovelas, musicais, documentários, etc. Enfatizam-se, nesses estudos, a produção, o registro e a edição audiovisuais realizados pelos profissionais da comunicação, considerando-se que, posteriormente, a informação por eles produzida se torna um objeto designado como material de arquivo com formas previstas de utilização em outras ocasiões e produções. A contrapelo dessa tendência, buscou-se nesta pesquisa, enfatizar e investigar os modos de interação e de elaboração conjunta dos diferentes tipos de profissionais no interior do setor de documentação, suas práticas

informativos e suas intervenções em recortes de conteúdo nas reportagens de TV como fatores marcantes da produção de telejornalismo.

Um moderno setor de documentação que atende ao telejornalismo é parte de um complexo de unidades de informação, que formam e operam como nós de uma rede distribuída por diversas cidades. À rede a que se vincula o setor de documentação de TV pode-se nomeá-la por suas características como rede noticiosa, com equipes de profissionais, equipamentos e acervos em diversos espaços físicos e integrados por acesso remoto. Humanos e tecnologias operam simultaneamente nos modos local e nacional, de forma presencial e à distância, compartilhando informações em tempo real e de acesso recíproco. Esses setores de documentação, enquanto unidades de informação, estão ordenados como núcleos multipolares capazes de emitir, processar, compartilhar e receber informações que vão abastecer aquilo que se entende pela expressão “dar a notícia em cima da hora”. Na forma específica de inserção na rede noticiosa, o setor de documentação é um ambiente diferenciado em que são praticadas as atribuições de organização, pesquisa e recuperação. Essas práticas profissionais, os critérios e significados compartilhados que orientam a ordenação dos documentos e das informações em determinados agrupamentos temáticos (esportes, reportagens, documentários etc) estão de acordo com a divisão de temas e programas feita pelos jornalistas que atuam em outro setor chamado de Redação de Jornalismo.

O processo de análise e descrição do documento audiovisual, essencial para que seja dada ou não a entrada da informação no sistema de recuperação, está situado num jogo de forças que inclui, nas palavras de Fujita, M.S.L. (2004), o conhecimento da situação comunicativa e de suas regras, as quais estão implícitas no contexto do trabalho desenvolvido pelos profissionais incumbidos da

organização da informação. Esse contexto situacional, que ocorre nos setores de documentação que atendem ao telejornalismo, torna possível a observação da política de indexação, de suas regras e procedimentos usuais, da linguagem documentária para representação da informação, da mediação da linguagem dos jornalistas, da negociação com esses jornalistas e dos interesses de busca desses profissionais da notícia. Por ser a indexação uma operação muito importante porque condiciona os resultados de uma estratégia de busca, percebe-se por que valorizar a análise e indexação de assuntos em reportagens de telejornalismo. É o trabalho preliminar de análise e descrição que vai definir o tipo de entrada e o modo como será feita essa entrada no sistema de recuperação, se com a identificação do documento completo ou de parte dele, sob a forma de seqüências completas ou de trechos de imagens isoladas. Segundo a autora, a política de indexação pode ser observada por meio de verificação da infra-estrutura física, dos serviços realizados, dos recursos humanos e dos procedimentos praticados.

É com uma política de indexação que, argumenta Carneiro, M.V. (1985), se podem estabelecer os princípios e critérios que servirão de guia para a otimização do serviço e da racionalização dos processos. Constam dos parâmetros de uma política de indexação a cobertura de temas pelo sistema, a seleção e aquisição dos documentos, o processo de indexação com definição dos níveis de exaustividade e de especificidade, a escolha da linguagem de indexação (livre ou controlada), a capacidade de revocação (*recall*) e precisão do sistema, a estratégia de busca (delegada ao usuário ou não), o tempo de resposta do sistema, o formato de saída dos resultados de busca e a avaliação do sistema de informação (CARNEIRO, M.V. 1985, p. 231-232).

Numa primeira aproximação sobre compartilhamento mútuo de vínculos, valores e conhecimentos profissionais, pode-se assinalar que é componente destacado do telejornalismo a

linha editorial, através da qual a rede noticiosa televisiva procura moldar sua identidade e visão de mundo e orientá-la para os variados segmentos de público que mantêm como telespectadores de seus telejornais. É o que na linguagem dos profissionais de jornalismo (PEREIRA JUNIOR, 2006) se expressa como comunicar o ponto de vista do produto enquanto emitimos informação (p. 95). A linha editorial é a expressão de opiniões, crenças e convicções políticas declaradas por uma empresa de comunicação e que determinam, para jornalistas e o público em geral, quais as balizas ideológicas que a empresa de comunicação defende e divulga na sociedade. Tanto a linha editorial do telejornalismo quanto a política de indexação estão voltadas para definir os princípios gerais básicos sobre *o que pode* e *o que deve* ser elaborado pelas equipes de profissionais de seus respectivos setores. Vale apontar a necessária conexão entre a política de indexação do setor de documentação e a linha editorial do setor de jornalismo que devem estar de acordo no plano das atividades regulares quanto aos princípios, critérios e temas a recobrir. Na base desse acordo, a organização da informação garante que estejam reunidas e indexadas no acervo as reportagens que traduzem o mundo cotidiano dos eventos que foram e são notícia.

Estabelece-se, desse modo, um processo permeado por dinâmicas que envolvem jornalistas e bibliotecários em torno dos critérios de seleção de documentos, da identificação dos conteúdos, da análise, da indexação e da recuperação das informações em reportagens audiovisuais. Ocorre, portanto, nesse processo, um movimento que parte de regras preestabelecidas na política de indexação, para sua adequada e necessária atualização, sob as condições e as demandas de produção em telejornalismo. Os critérios de seleção, as práticas de análise e indexação dos documentos e o estabelecimento das informações presentes nesses documentos audiovisuais passam por apropriações e transformações num processo contínuo, que se objetiva no acionamento recíproco de jornalistas e bibliotecários, para inserir o documento audiovisual

localizado no fluxo dos telejornais enquanto informação viva e potencial da rede noticiosa de televisão.

Reportagens são elaboradas como pequenos relatos, com versões possíveis dos acontecimentos, baseadas em verdades aparentes e transitórias e em seleções subjetivas (MARQUES, F.S. 1997, p. 527). Os bibliotecários do setor de documentação exercem, portanto, suas atividades operando recortes de recortes, seleções a partir de seleções de conteúdo, acentuando e destacando aspectos dos conteúdos em relação direta com a lógica do jornalismo que preside a produção de telejornais. Segundo Traquina (2005), as notícias incorporam, se quisermos abordá-las como uma forma de cultura, “suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão das considerações que devemos tomar seriamente em consideração” (p. 170-171). Numa visão de síntese, argumenta-se com Traquina (2005) que prevalecem as regras e rotinas na caracterização do que tem valor como informação jornalística, na construção da notícia através do processo de identificação e da contextualização, dimensões referenciadas aos significados culturais utilizados sobre o mundo social em sua pluralidade (p. 175-176). Se nem tudo é um acontecimento noticiável, a escolha daquilo que é informação de interesse no acervo para o telejornalismo será feita pelos bibliotecários, no trabalho conjunto com os jornalistas, de forma regular e cotidiana, em função dos requisitos previamente dados, registrados nos critérios, regras e princípios gerais da política de indexação que orientam suas ações na recuperação de documentos e de informações.

Constata-se que temos, portanto, uma compreensão genérica, embora pontuada por lacunas, a respeito de aspectos decisivos da organização da informação em telejornalismo. Se a política de indexação e a linha editorial precisam ser complementares e estar em diálogo, como isso se dá

nas rotinas produtivas? Como a rede noticiosa opera a partir do setor de documentação que atende ao telejornalismo? Que critérios de seleção são utilizados em relação aos documentos audiovisuais? Na relação dos bibliotecários com os jornalistas, são estabelecidas hierarquias quando definem e operam as práticas informacionais em relação às temáticas presentes nos documentos audiovisuais de telejornalismo? Como se evidencia nessas práticas informacionais do setor de documentação de TV a confluência das esferas da produção e da organização da informação em telejornalismo? Na concepção da teoria ator-rede em Latour (1995), a produção da informação é atividade que se esclarece ao acompanhar a emergência de suas práticas, interessando à Ciência da Informação a caracterização feita pelo autor das operações de seleção, extração e redução, inerentes à elaboração de formas de saber, de método e de desempenho técnico-operacional. Seleção, extração e redução, que teriam por objetivo na acepção de Latour (2000a), a simplificação da complexidade que constitui as inscrições ou documentos, e estariam no cerne da formação de redes e da produção e circulação das informações nas sociedades.

3.1.3. Partilhas, Lugares e Posicionamentos como Problema de Pesquisa

As notícias relativas a acontecimentos, pessoas e lugares estão baseadas em determinados critérios de organização da informação para atender às diretrizes empresariais da rede noticiosa de TV e aos objetivos do seu telejornalismo. Para que o noticiário esteja na TV, é necessária a demanda cotidiana ao acervo de documentos audiovisuais previamente indexados pelos bibliotecários. Como profissionais da informação na rede noticiosa, os bibliotecários atuam como organizadores da informação e realizam o processamento técnico e intelectual dos documentos elaborados pelos jornalistas e cinegrafistas, documentos que serão recolocados em circulação em futuras reportagens. Como práticas informacionais destacadas do processamento, na análise dos

documentos audiovisuais, na indexação dos conteúdos e na recuperação da informação, há um alto nível de complexidade, de abstração e de subjetividade, como assinalam González e Arillo (2003), Brasil (2002, 2005a), Leon, M.P. (2005) e Quintana (2000), entre outros autores. Nessa perspectiva, os bibliotecários e jornalistas precisam traçar limites e construir possibilidades no exercício dessas etapas de produção e processamento dos documentos audiovisuais.

A informação no telejornalismo é um fenômeno social e uma construção coletiva. Agentes heterogêneos e plurais - materiais, discursivos, institucionais - participam da produção dessa modalidade de informação, entre eles os bibliotecários e os jornalistas, as tecnologias e as linguagens. A produção da informação se estabelece por meio de alinhamentos e ramificações de múltiplos parceiros, através dos quais o telejornalismo já não é o resultado unívoco de um trabalho de cunho jornalístico em sentido estrito, não é mais um produto feito exclusivamente por jornalistas. O jornalista deixa de ser, portanto, nessas condições, o usuário tradicional que vai ser provido de acesso à informação pelo bibliotecário. Cria-se aí uma mudança nas dinâmicas de trabalho, uma mistura entre as esferas da produção e da organização da informação, anteriormente condicionadas a atividades estanques, embora compatíveis e ainda isoladas, de jornalistas e bibliotecários. Assim, dá-se a passagem em que vem a atuar um novo ator, uma equipe multifuncional e interdisciplinar que, para cumprir suas atribuições na produção de reportagens e na construção da rede noticiosa de telejornalismo, exige acordos e negociações entre bibliotecários e jornalistas, técnicos e estagiários, o compartilhamento de vínculos, valores e conhecimentos para a produção de reportagens e telejornais.

Verifica-se que há novas condições de produção da informação em telejornalismo, com repercussões de interesse para a Ciência da Informação através de pesquisa empírica que busque conhecer e interpretar:

- a) como situações locais e práticas informacionais cotidianas são efetivamente articuladas numa rede de relações de elementos heterogêneos, humanos e não humanos;
- b) como a rede de relações, em torno das práticas informacionais, é constituída a partir do setor de documentação, enquanto pólo de conexões da rede noticiosa;
- c) como os lugares e práticas dos bibliotecários se inserem na cadeia de produção do telejornalismo, com a diluição, em meio às rotinas, de fronteiras entre a produção e a organização da informação.

O interesse em estudar a rede de relações e os vínculos, valores e conhecimentos compartilhados por jornalistas e bibliotecários implica reconstituir, a partir da pesquisa de campo, as dinâmicas em que emergem acordos e negociações referentes à seleção, análise, indexação, pesquisa e recuperação de conteúdos presentes nos documentos audiovisuais do telejornalismo. Esses documentos são produtos informacionais, marcados pela reutilização e pela recontextualização freqüentes, sem o que não se processa na rede noticiosa o empreendimento do telejornalismo. No interior das empresas de comunicação, há um caráter negociado que vai ser decisivo para que seja estabelecida uma racionalidade na rede noticiosa. Como argumenta e confirma Alsina (1993), a produção de notícias é “um fenômeno negociado, constituído pelas atividades de uma complexa burocracia” (p. 108), através da interação de grupos de profissionais que fazem acontecer a rede

noticiosa de televisão. E assevera Ponte, C. (2005), as estratégias de interação serão “estruturantes da produção social da informação, da sua visibilidade e da negociação de sentidos por parte dos diversos participantes” (p. 102).

Na atualidade, as equipes dos setores de documentação de TV com formação técnico-profissional e habilidades diferenciadas interagem na consecução de processos e produtos que, realizados no contexto de uma rede de emissoras de televisão, dão vida àqueles conhecimentos e procedimentos hábeis que configuram suas práticas informacionais. Nessa perspectiva, constitui-se uma complexa rede de atores, atividades e propósitos que encarnam uma determinada modalidade de informação. Numa síntese dos pressupostos expressos anteriormente, pretende-se afirmar que:

- A atuação dos bibliotecários no telejornalismo atual favorece em suas práticas uma certa possibilidade de escolhas na análise, indexação e recuperação dos documentos audiovisuais, com a agregação de valor aos documentos com que trabalham;
- Critérios, conhecimentos, regras e procedimentos para organizar a informação se tornam objetos de troca intensiva entre os bibliotecários e os jornalistas como condição prévia para objetivar a rede noticiosa;
- Valores e princípios norteadores, identificação de conteúdos temáticos, procedimentos de seleção, análise e indexação de documentos passam por micro-processos e negociações cotidianas. Reformulações e atualizações de regras se tornam possíveis no transcorrer das rotinas

produtivas que envolvem bibliotecários e jornalistas, como atores interdependentes da rede noticiosa;

- Como rede sociotécnica, a rede noticiosa se constitui a partir de práticas informacionais e de relações que integram humanos (bibliotecários e jornalistas, cinegrafistas, executivos, engenheiros, editores de texto, editores de imagem, operadores de áudio, estagiários, entre outros) e não humanos (câmeras, *softwares*, fitas de vídeo, CDs, monitores de vídeo, microfones, ilhas de edição, transmissores, discos óticos etc). As relações de bibliotecários e jornalistas podem ser apreendidas nas situações locais e cotidianas, permeadas por gamas de interesses díspares dos diferentes atores sociais que se expressam na rede noticiosa;
- A organização da informação em telejornalismo se processa e se expressa através de pactos, disputas, controvérsias e misturas que delimitam os lugares e posicionamentos de bibliotecários e jornalistas na rede noticiosa.

Enfatiza-se, portanto, na pesquisa ora apresentada, o movimento que visa repor em circulação o objeto informacional e que, para fazê-lo, o qualifica como informação jornalística viva para os telespectadores. Em outras palavras, ao focar a mistura e a tensão entre a produção e a organização de informação em telejornalismo, pretende-se entender como a informação se processa em uma rede noticiosa de TV e como se dá a negociação entre os sujeitos visíveis da mídia - profissionais de comunicação como os jornalistas -, e os sujeitos invisíveis - profissionais da informação como os bibliotecários -, sob as injunções do ritmo industrial da televisão.

A pergunta que a pesquisa pretende responder é:

Como se estabelecem a rede de relações, as regras, os critérios e as negociações nas práticas de seleção, análise, indexação, pesquisa e recuperação de informações em documentos audiovisuais para a realização do telejornalismo?

3.2. Objetivos

3.2.1. Objetivo Geral

- Identificar, descrever, caracterizar e interpretar a rede de relações e as práticas materiais de elaboração de artefatos informacionais, estabelecidas em parceria por bibliotecários e jornalistas, nos processos de produção da informação em telejornalismo.

3.2.2. Objetivos Específicos

- Descrever e caracterizar as rotinas produtivas, em curso no Centro de Documentação da Rede Globo em Belo Horizonte – Cedoc/Globo Minas -, como campo de observação empírica das práticas informacionais de seleção, análise, descrição, indexação, pesquisa e recuperação de documentos audiovisuais de telejornalismo;
- Verificar e explicitar os vínculos, valores, compartilhamentos, acordos e negociações em torno de informações, de documentos e de saberes profissionais por jornalistas e bibliotecários,

bem como os critérios que orientam as práticas informacionais em relação aos documentos audiovisuais para o telejornalismo;

- Proceder à identificação das regras e princípios básicos da linha editorial de telejornalismo que, compartilhados por bibliotecários e jornalistas no interior do Cedoc/Globo Minas, definem e guiam suas práticas relacionadas à produção da informação em vigência na rede noticiosa de TV;
- Interpretar, por meio de categorias analíticas, as práticas informacionais observadas, que resultam do trabalho conjunto dos bibliotecários e dos jornalistas em atuação no Cedoc/Globo Minas, em correlação com os princípios norteadores da política de indexação dedicada ao telejornalismo e em vigência na rede noticiosa de TV.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. Informação, Cultura e Práticas Materiais em Rede

Para compreender a informação na perspectiva das práticas informacionais, há que se referenciar à apreensão da noção de cultura e aos vínculos que se estabelecem hoje entre informação e sociedade. No marco da concepção antropológica, afirma Sahlins (1997) que, no campo das ações, vivências, significados e atividades em sociedade

as pessoas organizam sua experiência segundo suas tradições, suas visões de mundo, as quais carregam consigo também a moralidade e as emoções inerentes ao seu próprio processo de transmissão. As pessoas não descobrem simplesmente o mundo: ele lhes é ensinado. (...) O ver também depende do ouvir, e, na sociologia do pensamento (...) a razão se entrelaça com o sentimento e está presa à imaginação (p. 48).

Argumenta o autor que, na perspectiva da antropologia, se trata de um fenômeno único que a noção de cultura nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos:

as pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados – significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas. Como costumava dizer meu professor Leslie White, um macaco não é capaz de apreciar a diferença entre água benta e água destilada – pois não há diferença, quimicamente falando. Nenhum outro animal, tampouco, organiza os fundamentos afetivos, as atrações e repulsões de suas estratégias reprodutivas a partir de significados, sejam eles conceitos socialmente contingentes de beleza ou noções historicamente variáveis de moralidade sexual (p. 41).

Sahlins traz ainda à consideração o estatuto do conceito de cultura na história da antropologia. Fruto de uma evolução enquanto disciplina que, marcada em suas origens pela ordem colonial e o viés colonialista, busca através do conceito dar conta dos esquemas significativos que explicitam e dão sentido às ações e empreendimentos humanos. Destaca o autor a tarefa de questionar-se

quanto às formas de conhecimento de sua disciplina, reafirmando o conceito como elaboração central para as ciências sociais:

Essa ordenação (e desordenação) do mundo em termos simbólicos, essa cultura é a capacidade singular da espécie humana. [...] A cultura em seu sentido antropológico foi capaz de transcender a noção de refinamento intelectual (aquela “cultura” que tem como adjetivo “culto”, e não “cultural”, e que ainda é uma acepção comum do termo) da qual descende; foi, igualmente, capaz de se afastar das idéias progressivistas de “civilização” a que já esteve tão ligada (SAHLINS, 1997, p. 41).

Como argumenta Gonçalves (1996), a noção etnográfica de cultura, criada pelos antropólogos para pensar as experiências humanas, abriga a idéia de entender outros povos a partir de suas próprias perspectivas, a partir de ‘categorias nativas’ de pensamento, ou seja, nos próprios termos e referências simbólicas dos outros povos ou, nas sociedades marcadas pela heterogeneidade, dos diferentes grupos em uma mesma sociedade (p. 159-161). As diferenças culturais não seriam, portanto, como enfatiza o autor, roupas ou máscaras que as pessoas vestiriam ou despiriam à vontade, mas, na verdade, constituiriam os seres humanos, seus pensamentos, suas emoções e suas práticas.

Noutra perspectiva teórica, Williams (1974b) se refere a estarmos habituados às definições de nossa vida em sociedade em termos políticos e econômicos. Ressalta que a importância adquirida pelos meios de comunicação confirma que homens e sociedades não estão limitados tão somente às relações de poder, propriedade e produção. E prossegue sublinhando que as relações que se criam ao descrever, aprender, persuadir e intercambiar experiências são igualmente essenciais (p. 16). Em seus estudos sobre a evolução do conceito de cultura, o autor o concebe como um modo de vida global distinto, em outras palavras, de um sistema geral de vida em sociedade e como um sistema de significações mediante o qual uma dada ordem social é comunicada, reproduzida,

vivenciada e estudada (Williams, 1992). Para, enfim, argumentar que o esforço por aprender, descrever, entender e educar é uma parte essencial de nossa humanidade.

Esse esforço não começa, segundo Williams (1974b), em uma fase secundária, uma vez que se tenha encontrado a realidade. Descrever, aprender, entender e educar são alguns dos principais meios pelos quais se forma e se transforma incessantemente a realidade. O que chamamos sociedade é não só uma estrutura de elementos políticos e econômicos, mas também um processo por meio do qual se “aprendem e comunicam coisas” (p. 17). Em correlação às concepções de Sahlins, Williams e Gonçalves - que enlaçam meios simbólicos e sua interpretação, valores e experiência partilhada, significados e razão prática, modos de aprender e comunicar, descrição e troca de experiências, diferenças culturais e categorias diferenciadas de pensamento -, pode-se argumentar com Durham, E. (2004) que a ênfase do conceito de cultura, como o concebe a perspectiva antropológica, incide menos sobre os produtos acabados e mais sobre a ação. Cultura, nessa acepção, refere-se basicamente a modos padronizados de sentir, pensar e agir. Essa padronização, ligada à experiência de vida, é corporificada nos sistemas simbólicos organizados, apoiada em sinais materiais que são, basicamente, instrumentos de ordenação, vivos e úteis enquanto constantemente recriados e reelaborados na prática social.

Partilhar experiências e significados se presentifica, portanto, na vida coletiva e individual através das práticas sociais. Habilidades e recursos são mobilizados na vida de relação com os outros para que se desempenhe determinada prática. Na acepção de Sodré (2002), vivemos a época da aceleração do processo de circulação dos produtos informacionais que, na qualidade de artefatos culturais, se constituem em meio à interação entre formas tradicionais e novas de representação e das formas de saber e sentir em novos registros (p. 15-19). As práticas

informacionais, que se caracterizam, enquanto práticas sociais, pelos procedimentos, métodos ou técnicas hábeis executados apropriadamente pelos agentes sociais (GIDDENS; TURNER, 1999), articulam-se em variadas modalidades sob novas condições e configurações da produção da informação.

Nas sociedades contemporâneas, em que os acontecimentos, os comportamentos, as instituições e os processos sociais são traduzidos em documentos impressos, em áudios, dados ou imagens, entranhados em interações sociais, em modos de fazer política e ordenar a produção econômica, os sistemas simbólicos organizados objetivam-se a partir da intervenção conjunta de agentes humanos e não humanos. Bibliotecas, portais *on-line*, emissoras convencionais de rádio e TV, arquivos, *blogs*, museus, versões eletrônicas de jornais e publicações impressas na *web*, rádios e tevês virtuais no ciberespaço convivem e interagem no espectro de uma cultura híbrida de base digital eletrônica e de modos tradicionais de produzir artefatos e significados. Capurro e Hjørland (2003) assinalam que o conceito de informação como conhecimento comunicado não se relaciona apenas à concepção secular de mensagens e mensageiros, mas inclui também a moderna concepção de conhecimento empírico compartilhado. E afirmam que esse conceito se expande, nos debates contemporâneos, para todos os tipos de mensagens, particularmente dentro da perspectiva do ambiente digital.

Diversos autores argumentam que, num mundo recoberto pela trama de linguagens, de tecnologias, de artefatos e de informação (CARDOSO, G. 2007, FROHMANN 2004, 1995, 1994, SODRÉ 2002, GÓMEZ, M.N.G. 2002a, RODRIGUES 1999, HALL 2003, CASTELLS 1996, WEBSTER 1995, MUSSO 2005), as condições sociais vigentes implicam mutações na própria forma como a sociedade se explica e se entende, como se imagina e cria relações internas,

como interage com outras sociedades. Pode-se entender a forma cultural contemporânea como tecnocultura, que nomeia uma ordem social em que a informação insinua-se nas clássicas estruturas socioculturais e permeia as relações intersubjetivas, uma cultura da simulação e do fluxo que altera os processos de construção da realidade, da memória e da identificação dos sujeitos (SODRÉ, 2002). Esse estágio e feição da cultura contemporânea pode ser entendido como um complexo e diversificado repertório de imagens do mundo e de narrativas, no qual as mercadorias, as notícias e a política estão profundamente misturadas. Em relação à expansão acelerada do capital e à mutação tecnológica que caracterizam as atuais sociedades capitalistas, argumenta-se que está em curso na experiência contemporânea uma nova ordem da informação, da cultura e da comunicação.

No campo da Ciência da Informação, essa nova ordem da cultura e da sociedade é matéria central da reflexão dos diferentes teóricos do campo. Afirma Frohmann (2004) que sua pesquisa principal na área de documentação se volta para a materialidade e o ambiente institucional em que estão os sistemas de documentação. Assim, o autor se interessa pela circulação dos documentos, tecnologias de produção e consumo, e suas relações com o conhecimento, os fenômenos culturais, hierarquias de *expertise*, dominação e possibilidades de liberdade, entre outras. Para ele, a abordagem em documentação enfatiza os estudos da informação, discutindo os conceitos de informação e de comunicação. Saracevic (1994) por sua vez fala de quatro ciências em relação estreita com a Ciência da Informação: Biblioteconomia, Comunicação, Ciência da Computação e Ciências Cognitivas. Enquanto na visão de Le Coadic (1996), a Ciência da Informação também está baseada em quatro disciplinas convergentes, embora de modo diferenciado: Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e Jornalismo.

Autores marcadamente críticos às formas vigentes da comunicação midiática, como o cientista político Sfez (1996), formulam argumentos que questionam o caráter pretensamente transparente e a crença ingênua numa espontânea passagem e continuidade entre os termos informação, saber e comunicação. O autor não concorda com a noção de que a comunicação libera informações por seu caráter técnico e transmissivo. Prefere realçar a questão da ruptura entre informação e conhecimento, referindo-se a um saber que exige, do ponto de vista epistemológico, um distanciamento e é resultado de um longo exercício de reflexão. Refere-se ainda a um erro e perigo em atribuir um poder total a um circuito pretensamente claro e democrático, pois não aceita uma tecnologia que impulsiona à construção de máquinas de comunicar. Essas tecnologias e máquinas seriam cada vez mais sofisticadas e restritivas, na medida em que, para ele, a “velocidade cada vez maior da telemática e da micro-informática, gira em torno de si mesma e torna-se repetitiva, ou seja, tautológica” (p. 5-6). Outros autores, como Saracevic (1996) e Miège (2000), trataram e definiram, à mesma época que Sfez, uma posição mais generosa e abrangente sobre o tema das relações entre informação e comunicação. Nas palavras de Saracevic (1996), o debate e os estudos acadêmicos sobre as relações entre informação como fenômeno e comunicação como processo, são importantes, pois “cada conceito atua de forma complexa sobre o outro, formas não completamente elaboradas, compreendidas ou mesmo investigadas” (p. 53). Ele nota que as duas áreas – informação e comunicação - têm estudado tópicos semelhantes, considerando desejável o estudo conjunto da informação e da comunicação, a confluência de algumas correntes de pesquisa, a permuta entre professores e a cooperação na área da prática profissional e dos interesses comerciais e empíricos. Segundo o autor, a Ciência da Informação, ao se voltar para o estudo das propriedades e efeitos da informação e aos diversos processos da comunicação, especifica abordagens sobre o conhecimento e suas fontes; a organização, criação, distribuição, utilização e obsolescência da informação; sobre os aspectos comunicacionais

relacionados aos seres humanos enquanto produtores e usuários de informação; sobre os problemas da representação simbólica da informação, como na classificação e indexação; e sobre o funcionamento de sistemas de informação e os serviços de armazenagem, recuperação e processamento de dados (SARACEVIC, 1994, p. 6115).

A partir da noção de que toda comunicação envolve a coleta, transferência e tratamento de informação, seja qual for a natureza desse produto - científico, técnico, artístico, relativo aos acontecimentos etc.-, Miège (2000) alerta e reitera que toda comunicação tem um conteúdo cognitivo, mais ou menos importante, que é a informação. Considera o autor com Meyriat que isso implica que “não há informação sem comunicação. A informação não é algo de adquirido, um objeto constituído, mas uma modificação, por colaboração ou transformação, do estado de conhecimento daquele que a recebe” (p. 108-109).

Ao tomar por referência as noções de comunicação como processo e de informação como conteúdo cognitivo, o argumento se completa ao assinalar para essas noções que

a informação só pode ser concebida quando é comunicada (ou comunicável); caso contrário ela não se distingue do conhecimento. E a comunicação (humana) não merece ser objeto de uma ciência autônoma a não ser que contenha informação; caso contrário, esta se dissolve no oceano sem limites das relações, sejam elas quais forem, entre os seres humanos (MIÈGE, 2000, p. 109).

Como podemos verificar em Le Coadic (1996), entende-se que a informação se relaciona à cognição e à comunicação humana e se apresenta como um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. Como comporta elementos de sentido, leva um significado a um ser humano consciente. Assim, ao elaborar sua compreensão

do ciclo da informação, o autor delinea três processos - construção, comunicação e uso de conhecimentos e bens culturais -, processos que se sucedem e se alimentam entre si. Daí decorre o entendimento de que a comunicação é um processo de intermediação que propicia a troca de informações entre pessoas que atuam em redes de organizações e de relações sociais, tanto formais quanto informais, para a elaboração do conhecimento.

Assinala Cabral, A.M.R. (2004), na perspectiva contemporânea da linha de pesquisa Informação, Cultura e Sociedade, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, que se deve enfatizar e investigar a informação enquanto fenômeno social. Para realizá-lo, a Ciência da Informação trabalha com conceitos das ciências sociais, sem descurar da questão da construção de sua autonomia enquanto campo científico. Nesse sentido, a disciplina operou a mudança do enfoque centrado no sistema de informação para o que privilegia o usuário, passando, então, a prevalecerem os problemas de representação, processamento e recuperação da informação e a discussão dos modelos epistemológicos. Se, numa visão tradicional, a informação é entendida como algo fixo, imutável, com um significado idêntico para todos, à linha de pesquisa Informação, Cultura e Sociedade interessa estudar quais são e como ocorrem as diferentes formas de se produzir e de se apropriar a informação, a variedade de práticas de seus profissionais, as experiências de vida de seus usuários, os contextos e lugares de produção e os modos como a informação é posta em circulação e como chega a esses usuários.

Os tópicos de pesquisa em Informação, Cultura e Sociedade estão voltados aos aspectos sociais contemporâneos da produção, organização, controle, distribuição e consumo da informação e às interfaces do fenômeno informativo com outras áreas de conhecimento afins. Nessa perspectiva, afirma-se o interesse nos estudos relativos à geração e apropriação da informação na sociedade

sob a ótica das relações socioculturais. Destaca ainda Cabral, A.M.R. (2004) que, atualmente, em sintonia com a tendência pragmática em Ciência da Informação, identifica-se um deslocamento do foco da discussão sobre o que é informação em favor da ênfase nas dimensões do *para que* e *para quem* se orienta a informação, que estão implícitas na configuração dos processos informacionais. Assinala também, o modo particular de a linha Informação, Cultura e Sociedade ver e observar o objeto, que toma como pressuposto que a informação não deve ser desconectada, para fins de estudo, de sua ligação com o mundo das relações sociais, antes é apreendida, de forma consistente, através da contextualização da informação na vida coletiva pela mediação de seus aspectos socioculturais, econômicos e políticos.

Em argumentação singular, Frohmann (2004) propõe uma reapropriação e reconceitualização do que seja informação nos termos das práticas e da materialidade, contestando o que identifica como o império do conceito abstrato, teórico, cognitivo de informação. Contrapõe às concepções de modelos de informação e de comunicação, inspirados na visão da ciência como pensamento, teoria e representação - nos quais a informação se torna entidade abstrata a ser processada por sistemas e se torna objeto de modelos de comunicação -, a proposta para que, nos termos do próprio autor, se esvazie essa concepção de informação e seja repensado seu estatuto a partir das práticas materiais com documentos (p 8 e 20). Segundo tal acepção conceitual, em que o conhecimento científico é entendido como a montagem de muitos e diferentes “bits e peças” materiais, ainda seria possível, com o descentramento e deslocamento da noção predominante de informação, encontrar espaço para seus estudos no campo da Ciência da Informação? A densa resposta do autor à pergunta reitera o lugar de destaque que esses estudos precisam ter no contexto das questões que relacionam informação e conhecimento. Para Frohmann (2004), o conceito de informação tem sido abordado pela modalidade do discurso epistemológico que

entende a ciência principalmente como uma prática conceitual e a prática científica como um campo conceitual. Ele argumenta que podemos abandonar a idéia de informação como uma entidade imaterial e desencarnada produzida pela ciência em favor de apreendê-la em sua incorporação e materialidade nas práticas informacionais concretas, contextualizadas e situadas (FROHMANN, 2004, p. 94-95).

A perspectiva proposta por Frohmann (2004, 1995, 1994) se inclina a repor em discussão a questão das relações entre informação, conhecimento e sociedade sob o prisma das práticas materiais de produção da informação. Numa visão mais ampla de conjunto, observa-se que a ênfase no estudo da relação informação e sociedade tem sido destacada em diferentes momentos da constituição da Ciência da Informação, em diferentes formulações, por autores como, entre outros, Shera (1971), Cardoso, A.M. (1994), Saracevic (1994, 1996), Miège (2000), Frohmann (1994, 1995, 2004), Marteleto, R.M. (1994, 2002), Gómez, M.N.G. (1990, 2002b), Reis, A.S. e Cabral, A.M.R. (2007). Pode-se compreender, como assume esta pesquisa, a informação como fenômeno sociocultural a partir do enfoque de suas práticas materiais, o que implica investigar seus diversos modos de criação, produção e organização em diferentes circuitos produtivos e em diferentes contextos e situações experimentados na vida das sociedades. Como frisa Marteleto, R.M. (2004), o estudo dos atores sociais e de suas práticas informacionais contextualizadas indaga como se estrutura a informação na diversidade das redes sociais, na perspectiva das redes de conhecimento e de produção de sentido. Enfatiza ainda as formas como as redes de produção de sentido conduzem as ações de intervenção social, a expressão da cidadania e os embates entre diferentes formas de conhecimento, estejam essas formas em modos tradicionais, técnicos, científicos, profissionais, populares ou de senso comum.

Na visão de Gómez, M.N.G. (1990), toda informação se constitui no campo de uma meta-informação. Há o que a autora designa como uma dupla articulação dos fenômenos de informação, a qual conjuga uma formulação histórica da meta-informação com um universo de experiência ou conhecimento. Ao questionar o sistema formal intermediário de recuperação da informação, afirma que nenhum mecanismo técnico de recuperação pode mudar a perspectiva de que existe um horizonte político e interpretativo que nos orienta sobre o valor que a informação possui, bem como *para quem, de quem, como e quando* a informação pode e deve se apresentar. A autora faz a defesa de que a Ciência da Informação se institui enquanto um ponto de vista que opera numa zona interdisciplinar. Seu objeto não é tão somente a informação, mas o que chama de as pragmáticas sociais ou ainda, e em outras palavras, a meta-informação e suas relações com a informação. Segundo esse ponto de vista, o objeto dessa ciência seria, portanto, um conjunto de regras e de relações entre agentes, processos e produções simbólicas e materiais. Para Gómez, M.N.G. (1990) a informação nunca se circunscreve a si mesma, mas é informação contextualizada que é transcendida por outra ordem de fenômenos.

Para refletir sobre as práticas da informação na esfera dos meios de comunicação, coloca-se como exigência a compreensão dos processos e fluxos comunicacionais e como se dá a relação informação e sociedade. No mundo contemporâneo sem fronteiras aparentes, os meios de comunicação irradiam fluxos acelerados de informação e de entretenimento e padrões de consumo que se expandem por territórios e nações (MORAES, 1997). Emerge e se dissemina, então, a percepção de que até recentemente o mundo era real, agora deixou de ser um receptáculo neutro das nossas atividades, é também constituído por informação, está se tornando inteligente e torna-se visível através da mídia. Para entender as relações entre tecnologias e sociedade que estamos vivenciando, Cardoso, G. (2007) defende a investigação empírica da concepção de

sociedade em rede, construída a partir de redes sociais e organizacionais baseadas nas tecnologias eletrônicas de comunicação e informação (p. 10). Como argumenta Bretas, B. (2006), a rede mundial de computadores, os telefones móveis e as transmissões via satélite são protagonistas nos novos cenários, nos quais o tempo e o espaço parecem encolhidos, sublinhando a autora o surgimento de situações e práticas através das novas tecnologias em que os sujeitos interagem, estabelecem trocas mútuas, compartilham experiências, ainda que “os desequilíbrios no acesso à informação e na produção do conhecimento sejam apontados como grandes fatores de exclusão social” (p. 7 e 10).

As novas condições de produção, distribuição e circulação das informações obtêm caracterização precisa quando Milton Santos (1994, 1996, 1997) formula a noção de meio técnico-científico-informacional que está “em muitos lugares de forma extensa e contínua” (Europa, Estados Unidos, Japão, parte da América Latina), enquanto em outros (África, Ásia, parte da América Latina) “apenas pode se manifestar como manchas ou pontos” (SANTOS, 1997). Cria-se desse modo, segundo o autor, uma oposição entre espaços adaptados às exigências das ações econômicas, políticas e culturais características da globalização e outras áreas não dotadas dessas virtualidades, formando o que se pode chamar de espaços luminosos e espaços opacos. Ao abordar o fenômeno das redes humanas e sociotécnicas como característico da contemporaneidade, o autor assim argumenta:

Hoje, graças ao processo das técnicas e das comunicações, a esse território das regiões (segundo divisões criadas pela natureza ou pela história) superpõe-se um território das redes. As redes são realidades concretas, formadas de pontos interligados que, praticamente, se espalham por todo o planeta, ainda que com densidade desigual, segundo os continentes e os países. Essas redes são a base da modernidade atual e a condição de realização da economia e da sociedade global (SANTOS, 1997, p. 3).

Na formulação de Santos (1997), as redes são a quinta-essência do meio técnico-científico-informacional, sendo que, ao colocarem em circulação informações, entretenimento, inovações técnicas, valores, estéticas, visões de mundo, doutrinas políticas, os nós das redes comandam as atividades mais características e peculiares a um mundo globalizado. Para entender os novos processos sociais em seus variados níveis, deve-se notar que nossas sociedades são compostas por fluxos intercambiados através de redes de organizações e instituições. Como argumenta Castells (1996), os fluxos podem ser caracterizados como seqüências de intercâmbios e interações entre as posições de atores sociais nas organizações e instituições, que ocorrem através de redes que ordenam essas posições de atores, as organizações e instituições nas sociedades e nas economias (p. 23). Ao tratar de assimetrias entre diferentes posições, Castells (1996) vê os executivos das maiores instituições com uma posição dominante em relação aos usuários, assim como os editores da rede noticiosa de TV desenvolvem o conteúdo da informação para os telespectadores (p. 23-24). Ao assinalar que as redes de fluxos favorecem majoritariamente aqueles que possuem o poder de controlar os nós da rede, o autor afirma que se pode ver no mercado financeiro, no mundo das imagens políticas, da moda intelectual ou da música comercial que “os fluxos de poder transformam-se facilmente no poder de fluxos” (CASTELLS, 1996, p. 24-25).

Na visão das sociedades contemporâneas, o autor afirma que as novas tecnologias de informação impõem o reconhecimento da nova forma de interação entre comunicação e tecnologias comunicativas. Os modos como têm sido afetados os meios de transmissão por satélite, pelo cabo, pelos gravadores de videocassete, os aparelhos de comunicação portáteis e a transmissão eventual por microondas é que são novos. É a tendência simultânea rumo à globalização e à individualização na difusão da imagem e do som: por um lado, o planeta desigualmente

conectado a uma rede global de informação e imagens viajam pelo mundo todo instantaneamente; por outro, as mídias cada vez mais orientadas para o consumo em larga escala (CASTELLS, 1996, p. 14).

Para uma discussão da produção da informação entendida como prática sócio-cultural, como construção coletiva, histórica e cotidiana de atores individuais e coletivos, argumenta-se com Marteleto, R.M. (1994) que, no processo e nas dinâmicas culturais, alimentados pelas práticas sociais em geral, o termo informação se refere a “uma forma moderna de veiculação e expressão de visões de mundo diferentes, porque elaboradas a partir de experiências de vida diversas e contraditórias”. Segundo a autora, a informação se constitui nas sociedades capitalistas ocidentais em relação à noção de cultura em duas acepções. Por um lado, entendendo a cultura como discursos que interpretam os vínculos simbólicos e materiais que as sociedades históricas estabelecem com a realidade. Por outro, como produto construído coletivamente pelos sujeitos sociais, através de suas ações e representações, as quais, num sentido moderno, são práticas de informação (MARTELETO, R.M., 1994, p. 115).

De acordo com a noção etnográfica (Gonçalves, 1996), cultura é um artifício por meio do qual podemos interpretar e, ao mesmo tempo, “inventar” (no sentido de “construir” e de “criar”) nossas próprias experiências e as de outros. Nessa concepção, é através da cultura que as práticas das pessoas num grupo social podem ganhar inteligibilidade, processo que se desencadeia na relação entre pesquisador e pesquisados, o que possibilita que os antropólogos tornem visíveis ou tornem pensáveis as experiências humanas. Àquilo que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos pode-se perfeitamente dar-lhe o nome de cultura, como argumenta Forquin (1993). Quando se fala de transmissão cultural, estamos nos referindo a um patrimônio

de conhecimentos e competências, de instituições, de valores e símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular, definida de modo mais ou menos amplo e exclusivo (p. 10 e 12).

Nesse primeiro nível de compreensão do conceito, a cultura é entendida como herança coletiva, como patrimônio intelectual e espiritual. Mas noutro nível, como assinala Forquin (1993), essa ordem humana da cultura não existe em lugar nenhum como um tecido uniforme e imutável, na medida em que ela se especifica, ao contrário, numa diversidade de aparências e formas segundo os avatares da história e as divisões da geografia, que ela varia de uma sociedade a outra e de um grupo a outro no interior de uma mesma sociedade. Destaca que a cultura não se impõe jamais de forma certa, incontestável e idêntica para todos os indivíduos, “que ela está submetida aos acasos das 'relações de força simbólicas' e a eternos conflitos de interpretação” (p. 14-15). A noção de que a cultura é um campo de negociação de significados culturais, na acepção de Hall (2003), contrapõe-se em certa medida às concepções que ao tratarem de informação, campo mediático, tecnologias eletrônicas e redes o fazem como se estivessem se referindo a instituições homogêneas com resultados unívocos.

Pretende-se sublinhar, nessa linha de argumentação, que a cultura deve ser pensada como uma categoria a ser recriada pelas diferentes práticas sociais, em situações sociais concretas. Marteleto, R.M. (1994) enfatiza na perspectiva de gramsciana que cultura não é um saber enciclopédico para o homem-recipientes portador de fatos empíricos, brutos e desconexos, nem um enumerar contínuo de informações, não é um arquivo. Trata-se, portanto, de abordar a questão sob outros prismas. Os modos de sentir, pensar e agir, compartilhados pelos atores e grupos sociais na vida cotidiana, se manifestam em diferentes espaços e contextos sociais,

estimulando práticas e apropriações, sob a forma de disputas simbólicas entre atores e grupos em torno dos sentidos que se atribuem à realidade vivida e àquilo que é nossa própria experiência. Como afirma Marteleto, R. M. (2002), “a sociedade é uma arena de disputas simbólicas em torno dos sentidos que se atribuem à realidade das coisas, instituições, pessoas; a antropologia da informação denomina o modelo ocidental de conhecimento de ‘cultura informacional’”(p.109). Reitera ainda a compreensão da informação como fenômeno ou objeto referenciado às condições da vida coletiva e às relações sociais. A exemplo da comunicação e do conhecimento, leva a pensar que uma concepção asséptica desses termos, desentranhada dos vínculos sociais e de suas objetivações nas práticas cotidianas, inviabiliza a apreensão dos fenômenos informacionais e o próprio caráter e pertinência teóricos dos conceitos:

Informação não é processo, matéria ou entidade separada das práticas e representações de sujeitos vivendo e interagindo na sociedade, e inseridos em determinados espaços e contextos culturais. Informação, conhecimento, comunicação são fenômenos que tomam corpo nas práticas e representações sociais, é necessário então o apoio da teoria social, seu campo conceitual, o modo de interrogar a realidade da sociedade nos aspectos teóricos, epistemológicos e metodológicos (MARTELETO, R.M. 2002, p. 102).

Como afirma Rodrigues (1999), a experiência moderna estabeleceu rupturas com os quadros estáveis das interações tradicionais herdadas do passado, e a partir daí passa a imperar uma diversidade de campos sociais autônomos em que atuam uma variedade de especialistas e de saberes especializados. A cada campo social é atribuída a capacidade de impor com legitimidade as regras que devem ser respeitadas em seu domínio. Assim, os campos médico, jurídico, biblioteconômico e documental, através de disciplinas específicas como a Medicina, o Direito, a Biblioteconomia e a Documentação respectivamente, são compreendidos e estão em confronto com outras tantas e diversas áreas do conhecimento que detêm, cada uma delas, suas próprias atribuições, práticas e parcelas de poder na sociedade. Ao referir-se aos meios de comunicação, o

autor traça suas características na modernidade como as de “um campo mediador com legitimidade para a experiência da mediação, com competência para impor valores e regras, para mediar os diferentes domínios da experiência e dos campos sociais” (RODRIGUES, 1999). Através de suas práticas de dar a público, dar publicidade, dar visibilidade a pessoas, acontecimentos, situações e lugares, o campo dos meios de comunicação surge na segunda metade do século XX e se autonomiza, na forma contemporânea em que hoje o percebemos, a partir de meados dos anos 1980.

De acordo com esse autor, é da natureza do campo dos meios de comunicação criar, manter, impor, sancionar e restabelecer uma hierarquia de valores e um conjunto de regras, voltado à mediação entre diferentes domínios da experiência. Desse modo, “é real o que está na mídia e o que não está não existe” (p. 27), configurando-se aí a noção de que os meios de comunicação, constituindo-se na atualidade como um campo autônomo específico, operam efeitos de realidade, simulações dos acontecimentos, uma vez que modelam e até substituem o real, pois funcionam de forma contínua e se confundem, ao dar visibilidade aos acontecimentos, com o pulsar da própria vida social (p. 26-27). Em nosso tempo, novos parâmetros do mundo desterritorializado e contraído pelas tecnologias e redes impõem alterações nas formas de codificar e decodificar informações numa diversidade de dispositivos sociotécnicos que objetivam a referenciação da realidade social. Na medida em que se toma a cultura, na acepção de Williams (1992) e Hall (2003), como um contestado e conflituoso conjunto de práticas de simbolização, que estão ligadas ao processo de composição e recomposição dos grupos sociais, resgata-se a possibilidade de apreensão da rede de relações, que envolve os diferentes agentes que produzem, organizam, selecionam, hierarquizam e distribuem as informações enquanto sons, imagens, conteúdos e significados.

Se a relação do campo dos meios de comunicação com a experiência é paradoxal, já que, segundo Rodrigues (1999), naturaliza as regras de representação especular da realidade, para abordar a informação do ponto de vista da teia de significados, vínculos sociais, saberes e valores que constituem a cultura, um lugar peculiar é reservado às práticas informacionais e às regras vigentes da sua produção. Com a possibilidade do acesso instantâneo à variedade das mídias, através das tecnologias de informação e comunicação, identifica-se uma multiplicidade de saberes disponíveis em uma estocagem inimaginável de dados, sons e imagens, de opções de entretenimento, de narrativas e registros dos eventos cotidianos. Emergem e interconectam-se, através dos dispositivos técnicos, as formas de produção, organização e disseminação de informações nas quais se refazem os significados e se atualiza o senso de entendimento das coisas e do mundo. Vivemos num mundo de experiências registradas, de acordo com McGarry (1999), o que nos impõe compartilhar experiências com sentidos plurais por intermédio das linguagens: “as pessoas vivem num mundo de significados; elas criam significados, compartilham significados, transmitem significados, e tendem a temer a falta de significado como uma privação terrível” (p. 44). Ressalta o autor que tendemos a buscar significado, pois nossa principal atividade é “a criação, negociação e alteração de significados” (p. 44). Nessa perspectiva, as práticas informacionais, entre elas as que são praticadas através dos e nos meios de comunicação, configuram diferentes tipos de relações entre sujeitos, instituições, formas discursivas, suportes tecnológicos, artefatos impressos, imagéticos, sonoros e audiovisuais.

Em nossos dias, a relação entre informação e sociedade se articula, como assinalam Cabral, A. M.R. e Renault (2005), aos temas e questões das novas tecnologias da informação, sociedades pós-modernas, novas mídias e globalização, como parte do projeto da Ciência da Informação que visa “compreender os aspectos antropológicos, socioculturais e político-econômicos da

informação e do conhecimento” (p. 3 e 4). Na perspectiva das interações e das relações no âmbito da sociedade, Cabral, A.M.R (2007) argumenta sobre a convivência dos sujeitos no plano cotidiano com mudanças rápidas e abrangentes, “mas também de um período que possibilita formas de reflexão sobre a vida, (pois) a informação e o conhecimento são construídos de diferentes formas baseados em práticas e relações sociais” (p. 29-30). É no enfoque da inter-relação Informação, Espaço e Práticas Sociais que, assinala a autora, se pode estudar e problematizar a geração, o uso e a disseminação da informação no âmbito das relações sociais, culturais e de produção e trabalho nas sociedades informacionais. A partir desse enfoque, volta-se a Ciência da Informação para investigar as práticas de comunicação e informação, a construção de conhecimentos dos sujeitos em suas atividades institucionais, em grupos e em movimentos sociais e a formação de redes sociais e de conhecimento (p. 23).

4.2. Informação, Labirinto de Redes e Híbridos Sociotécnicos em Ação

É na perspectiva que procura observar os processos e práticas informacionais no âmbito das relações sociais em que estão inseridos que a informação é entendida como um produto cultural, gerado pelos sujeitos no lugar social específico que ocupam nas redes de suas práticas em sociedade. Na mesma perspectiva, Lara, M.G. (2002) expõe sua concepção da importância das práticas informacionais, afirmando que a informação nunca é um dado, ao contrário, é sempre uma construção social, porque as generalizações a que procedemos são “um produto cultural, fruto de nossa experiência com a realidade; enquanto produtos culturais, as classificações (e generalizações) partem de hipóteses” (p. 132), referindo-se ao atributo sociocultural que está ligado à própria noção de informação e que se baseia em uma relação de pertença ao que nos

rodeia: “para haver informação, é preciso que ela faça sentido para alguém, ou seja, que exista algum nível de compartilhamento a partir do qual se estabeleça um vínculo para a interpretação e o sentido” (p. 132). Na medida em que a informação exige compartilhamento e vínculos para que ocorra a interpretação e o sentido, reitera-se que a cultura envolve processos e não apenas produtos culturais, o que significa, numa perspectiva sociológica, que os meios de comunicação não se contrapõem à sociedade como entidades autônomas, mas são constituídos e constituintes da ordem social (CEVASCO, M.E. 2001, p. 55-56).

A noção de que a informação é concreta, retomada por Frohmann (2004) a partir de Latour (2000a), é invocada na perspectiva de que se precisa questionar certa visão que compreende a informação como algo abstrato que existe para ser comunicado, essência mesmo do que se entende por conhecimento. Na concepção de Frohmann (2004), essa objetivação e essa banalização usuais dos conceitos de informação e comunicação se tornam evidentes quando são apontadas como estando presentes em todo e qualquer fenômeno, expressando a tudo que se apresente no campo cultural, o que acaba não explicando e não tendo como explicar nada. Enquanto noções de modelos com ambição de uniformizar, sintetizar, separar idéias científicas e práticas de laboratório, informação e comunicação têm sido transformadas em ferramentas para distinguir e apartar idéias teóricas e práticas profissionais, conhecimentos genuínos e saberes menores. O que Frohmann (2004) assinala para a esfera do conhecimento científico se mostra propício à reflexão e ao entendimento de práticas e relações, atores e artefatos na esfera da mídia e, em especial, da rede noticiosa de televisão.

Destaca-se no conjunto das práticas socioculturais contemporâneas, a informação elaborada no âmbito do telejornalismo, aquela modalidade de produção da informação que ocorre no interior de uma rede noticiosa que se institui nas empresas de televisão. Para detalhar essa perspectiva vale destacar a constituição e operação da rede noticiosa como aspecto central da produção de informações jornalísticas. Pressionados pelo fator tempo, pela imprevisibilidade e a ocorrência de acontecimentos em qualquer lugar e a qualquer momento, as empresas jornalísticas tentam impor uma ordem no espaço estendendo uma rede noticiosa (TRAQUINA, 2005). Em função da construção dessa rede noticiosa, “acontecimentos noticiáveis ocorrem em certas localidades e não em outras” (p. 181). Na concepção de rede noticiosa, entendem-se as notícias como resultado de processos complexos de interação social, em que são previstos os fluxos de trabalho e a distribuição dos jornalistas na rede, - e, também se acrescenta, a dos profissionais não-jornalistas e diversos recursos técnicos que se envolvem com a produção da informação jornalística -, pois as notícias ocorrem no interior de um “processo de produção definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto” (TRAQUINA, 2005, p. 173 e 180).

Na atualidade, segundo a lógica do jornalismo, o acontecimento é uma noção corrente que trata a diversidade de eventos como objetos da atenção dos jornalistas, acontecimentos nos quais são pinçados determinados aspectos e figuras, segundo o enquadramento de interesse da mídia em determinada época e sociedade. De acordo com Rodrigues (1993), “é acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais” (p. 27). O acontecimento jornalístico precisa apresentar transcendência social, obter repercussão junto às coletividades que têm acesso às emissões da mídia, destacar-se do cotidiano de eventos através de sua referência a estilos de vida, de seu estímulo à projeção de ideais ou de seu relato

dos conflitos presentes na sociedade. A concepção de informação jornalística, enquanto construção coletiva, enfatiza segundo Traquina (2005) os procedimentos jornalísticos de selecionar, excluir e acentuar aspectos do acontecimento a ser noticiado (p. 174). Se nem tudo é um acontecimento noticiável, a escolha daquilo que é notícia será feita pelos jornalistas com a colaboração de seus parceiros não jornalistas, de forma regular e rotineira em função dos requisitos simbólicos, industriais e profissionais que orientam suas ações (p. 176). Os acontecimentos são descontextualizados do contexto em que se originaram e recontextualizados segundo as práticas informacionais operadas no jornalismo (MARQUES, F.S. 1997, p. 526).

Desse modo, para a empresa jornalística poder operar comercialmente, determinados espaços sociais e determinadas pessoas, em determinadas horas do dia, recebem com prioridade a atenção da mídia, o que explicaria porque são noticiados e enfocados os acontecimentos e em alguma medida se perdem as problemáticas, manifestando-se, então, aquilo que vem a ser chamado de teia da facticidade. Em seus estudos do jornalismo, Traquina (2005) observa que a rede noticiosa estabelece rotinas para a realização do trabalho com a informação jornalística e aqueles que nela trabalham devem possuir o que é chamado de saber de procedimento, que consiste em “dominar as técnicas da escrita, mas também o domínio de saber quem contatar e que perguntas fazer” (p. 193). Afirma-se também que, no interior da rede noticiosa, a comunidade jornalística interage sob intensas trocas e consultas, negociações internas e ajuda mútua para levar a cabo o intento de dar forma às ocorrências na condição de acontecimentos informativos (TRAQUINA, 2005). Sabe-se ainda que a partilha de hábitos indica “a existência de um modo de ver, modo de agir e modo de falar (que) estabelece um elo de ligação bastante forte entre os membros da diáspora jornalística” (p. 202). Eis em suma a lógica da produção da informação nos meios de comunicação em uma versão para o jornalismo, lógica objetivada através do implemento da rede noticiosa pelos

profissionais especializados, com diferentes competências e o poder de decidir a noticiabilidade dos acontecimentos e das temáticas (TRAQUINA, 2005, p. 181).

Para compreender a informação no telejornalismo, trata-se de tomá-la como um produto, inscrito em uma rede específica, marcado pelo ritmo industrial e pela pauta temática estabelecida pela mídia, produto elaborado pelo compartilhamento de valores e saberes, pelo gosto, pelas técnicas e equipamentos, pelas habilidades de indivíduos e grupos profissionais diferenciados e seus telespectadores. Cabe pensar que a informação veiculada pelos telejornais é gerada e gerida no contexto de práticas complexas que se referem aos conhecimentos, procedimentos e técnicas executadas por profissionais habilitados para o exercício de tais práticas. Nas palavras de Alsina (1993), aquilo que identifica o principal papel social e traços que caracterizam o jornalismo são a transmissão do saber cotidiano dos eventos e a tradução do saber dos especialistas em diversas áreas do conhecimento (p. 180). Mas para cumprir esse papel, há que estar referenciado a um sistema de valoração que é cultural, pois “os acontecimentos serão a imagem que dará a própria sociedade de si mesma” (p. 91). É desse modo que acontecimentos evanescentes se convertem em documentos, o que vai possibilitar, segundo Alsina (1993), o seu consumo repetitivo (p. 91).

Se os jornalistas dão vida as suas práticas informacionais no interior da rede noticiosa, outros atores, em relações de interdependência com eles, participam em interação e colaboração intensivas na produção de notícias e reportagens. Dentre as diferentes acepções para identificar aqueles que trabalham com informação, citam-se a de técnicos da informação e a de especialistas da informação, sem falar nas categorias profissionais dos bibliotecários, arquivistas e documentalistas. O termo *profissional da informação* foi elaborado a partir dos anos 1980 e depois adotado pela Federação Internacional de Informação e Documentação (FID). As

atividades dos atores que lidam com informação caracterizam um setor heterogêneo, composto por categorias profissionais, formação básica, conhecimentos e procedimentos técnicos diferenciados. Como assinalam Cunha e Crivellari (2004),

mesmo se a noção de profissional da informação foi até pouco tempo, ligada a grupos tradicionais com atividades bem definidas como os bibliotecários, os documentalistas, os museólogos e os arquivistas, o desenvolvimento dessas profissões ‘clássicas’ não impediu que profissionais originários de outros campos de atividade bastante diversificados ocupassem esse espaço (CUNHA; CRIVELLARI, 2004, p. 46-47).

Para os objetivos desta pesquisa, interessa pensar as inserções dos bibliotecários nos ambientes em que interatuam os produtores de mídias informativas, como jornais, revistas, rádio e televisão. No contexto da rede noticiosa, os bibliotecários são entendidos e nomeados como arquivistas, bibliotecários e pesquisadores. No entanto, apesar da confusão de pistas e do campo informacional ser extremamente permeável, assinalam Cunha e Crivellari (2004) que, no caso brasileiro, sob a designação de profissionais da informação, encontram-se bibliotecários, documentalistas e analistas da informação, “exigindo-se para o exercício dessas três ocupações a formação universitária em Biblioteconomia” (p. 50).

Cumprir reiterar em relação aos bibliotecários que atuam na mídia, em especial junto ao telejornalismo, certos atributos que se associam ao seu próprio corpo de conhecimentos e ao seu saber especializado, como a capacidade de análise dos acontecimentos, a criatividade e o gosto estético, a atualização quanto ao domínio de novas tecnologias e habilidades, a capacidade de compreender o contexto social, as situações contemporâneas e as tradições históricas. Com a diversidade de suportes de informação e a variedade de formatos tecnológicos, aspectos conjugados às limitações determinadas pela pressão do tempo exíguo para realizar suas tarefas, é

exigido do bibliotecário que atua na televisão aperfeiçoar seu desempenho, adaptar seus conhecimentos prévios às demandas emergentes e imprevistas, desenvolver a capacidade de avaliar e utilizar as noções de espaço e de tempo, dominar as mais avançadas tecnologias e procedimentos para a organização dos documentos audiovisuais. Como colaboradores singulares dos jornalistas, esses profissionais praticam diariamente a flexibilidade e a sensibilidade diante de situações sempre novas e até mesmo difíceis de prever. Pode-se afirmar, portanto, que as novas condições de atuação dos bibliotecários (CUNHA; CRIVELLARI, 2004) redesenha, no caso de telejornalismo, suas formas e perfil de atuação e posiciona-os, de modo até então inédito na mídia, com caráter proativo na cadeia de produção das notícias e reportagens.

Na equipe interdisciplinar da rede noticiosa, cumpre repetir Carvalho, K. (2002) que destaca certas características para um bibliotecário atuante: a compreensão abrangente da sua área, o conhecimento da estrutura e da função da organização empresarial, a facilidade de acesso a tecnologias de informação, fortes qualificações para relações interpessoais, entre outros. No interior de uma rede noticiosa de televisão objetiva-se a noção de uma equipe inter e multifuncional em ação. O telejornalismo é, com certeza, um dos primeiros exemplos na história recente de um novo padrão de interações, de uma nova ordem na cultura e nas formas coletivas de produzir informação. As reportagens do telejornalismo são elaboradas por profissionais especializados que atuam em empresas inseridas em determinado jogo de mercado, material e simbólico. As reportagens estão entre os produtos informacionais mais valorizados do ponto de vista do alcance da audiência e do ponto de vista comercial. Para que o telejornal seja transmitido, é preciso organizar e manter disponíveis as informações, que estão sob diferentes formas de conteúdo nos documentos audiovisuais, para acesso imediato. A lógica do telejornalismo se caracteriza pela freqüente, contínua e intensiva reutilização do conteúdo das reportagens já

exibidas (GONZÁLEZ; ARILLO, 2003, p. 84-85 e 98-99), cabendo aos profissionais da informação um lugar especial nesse processo.

Para conhecer, analisar e caracterizar as complexas formas e processos nos quais e sob os quais ocorre a produção da informação no telejornalismo, há novos pontos de vista no campo da Ciência da Informação ao trabalhar com o conceito de rede (FROHMANN 1995, 2004, GÓMEZ, M.N.G. 1999, 2002a, ODDONE, N.E. *ET AL.* 2000, PEREIRA M.N.F. 1997, 2000, AMORIM JUNIOR 2000). Através do conceito, procura-se apreender as associações incertas dos atores nas efetivas dinâmicas de produção e as práticas informacionais são compreendidas como um campo de saberes e procedimentos compartilhados. Em seus pressupostos teóricos e metodológicos da antropologia da informação, assinala Marteleto, R. M. (2002) que o conhecimento, como produto social, e o senso comum, como aquilo que é comunicado e dado a ler em formas locais de saber, podem se valer do “emprego crítico, teórico e metodológico da noção de redes” (p. 107). A noção pode ser compreendida na Ciência da Informação em três dimensões:

- a) como conceito teórico para se entender as interdependências entre práticas e representações sociais realizadas por agentes dispostos em ambientes diversos da sociedade; b) como instrumento metodológico para operacionalizar conceitos e analisar dados; c) como estratégia de ação coletiva para os agentes dos movimentos, grupos e organizações na sociedade (MARTELETO, R.M. 2002, p. 107).

Trata-se, no enfoque desta pesquisa, de uma busca para abordar os profissionais e as práticas informacionais no bojo da produção da informação em telejornalismo que, enquanto processo sociotécnico complexo, lida com documentos que contêm reportagens em sons e imagens e temáticas sobre o cotidiano e a vida social. Pretende-se com isso apreender as ações, os documentos audiovisuais enquanto artefatos e eventos em curso na rede de relações em que se

inserem os diferentes atores que elaboram e processam a informação, sejam instituições, indivíduos, grupos profissionais, tecnologias ou empresas, entre outros. Assim, optou-se também nesta pesquisa por destacar a rede como conceito teórico e como instrumento metodológico adequado para investigar as práticas informacionais e as relações entre bibliotecários e jornalistas.

Na realização deste estudo sobre profissionais e práticas informacionais em telejornalismo, interessa a noção de rede adotada em Ciência da Informação por Frohmann (1995) e Gómez, M.N.G. (2002a), a partir da formulação por Bruno Latour (1995), entre outros, para a teoria ator-rede (*actor-network theory*). Desenvolvida no âmbito dos estudos sociais da ciência e da tecnologia, essa teoria nasceu no Centro de Sociologia da Inovação da Escola Superior de Minas, em Paris, na década de 1980. Compreendendo a noção de rede como um plano de conexões heterogêneas e múltiplas entradas, Latour (1994, 1995) se volta para o estudo da ciência segundo um enfoque não dualista que venha a superar as dicotomias sujeito/objeto, erro/verdade, vencedor/vencido na construção do conhecimento. Na teoria em questão, uma rede é uma lógica de conexões definida por seus agenciamentos internos, uma totalidade aberta, não uma entidade fixa. As redes são, como as ciências, para Latour (1995), formas instáveis sob o risco de diferenciações, marcadas por múltiplas direções e não se podem antecipar suas configurações.

Propõe Latour (1994) que a ciência é não moderna, pois altera os pressupostos implícitos, que predominam desde o século XVII, da separação entre sujeito e objeto, da divisão entre humanos e coisas. As práticas científicas são híbridas, heterogêneas e nômades, ao mesclarem elementos díspares como sociedade e natureza, técnicas e conceitos, cientistas e laboratórios. Não prevalece

mais a divisão operada pela razão moderna que separa e opõe o mundo dos sujeitos e o mundo dos objetos. Argumenta Latour (p. 12 e 76-77) que vivemos em um mundo de objetos híbridos, nem exclusivamente sociais, nem totalmente naturais, sendo questionável manter e operar práticas de purificação (p. 16) que venham a justificar as modernas distinções entre o que é natural e o que é social, entre o orgânico e o artificial, entre um objeto pré-definido enquanto tal e o sujeito determinado que o complementa. É o caso da clonagem de seres vivos, por exemplo. Estamos diante de objetos naturais ou sociais? Segundo o autor, é impossível delimitar estas fronteiras. Porque um objeto híbrido, produto da associação de cientistas e de tecnologias em laboratórios, resulta de diversas transformações e deslocamentos em meio a questões políticas, jurídicas, éticas, discursivas e de mercado. Fazemos parte de um mundo em que nós humanos e os artefatos que nos circundam somos híbridos sociotécnicos. Com a noção de rede, o autor pretende trabalhar sem as determinações impostas pelas dicotomias modernas, estabelecendo uma reflexão e uma noção que auxiliem o pensamento contemporâneo a reavaliar os fundamentos a partir dos quais fundou nossa compreensão predominante sobre ciência, sociedade, tecnologia e informação.

Ao questionar as categorias epistemológicas, assinala Latour (1994) que as redes não são “nem objetivas, nem sociais, nem efeitos de discurso, sendo ao mesmo tempo reais, coletivas e discursivas” (p. 12). Entende que o social está repleto de objetos que foram mobilizados para construí-lo: “o buraco de ozônio é por demais social e por demais narrado para ser realmente natural” (p. 12), as estratégias de empresas e governos estão embebidas em telecomunicações ou reações químicas não podendo ser reduzidas ao poder e ao interesse, as redes de humanos, tecnologias, discursos científicos e notícias de jornal são, “ao mesmo tempo reais como a natureza, narradas como o discurso, coletivas como a sociedade” (p. 12). As redes que se

estabelecem são habitadas por híbridos ou quase-objetos. Sua lógica é a dos mapas que objetivam a cartografia dos componentes, com seus movimentos e as posições eventuais que ocupam enquanto elementos ou nós de redes. Se assumirmos que os humanos são híbridos de natureza e cultura, então podemos aceitar que sujeitos e objetos sejam construções possíveis no plano e nas interconexões da rede. Em seu enfoque antropológico da ciência e da tecnologia, a perspectiva de Latour leva a repensar o lugar e o sentido do empírico para a produção do conhecimento, uma vez que o empírico não é um nível de indiferenciação, mas de apreensão e compreensão da rede de atores através de suas respectivas práticas, o que implica acompanhar como se constroem e se inventam essas práticas, no caso desta pesquisa as de bibliotecários e jornalistas. Como afirma Latour (1994), nenhuma atividade coletiva pode sair da rede de sua prática (p. 30).

Esse autor elabora sua teoria, exemplificando-a a partir da antropologia, situando essa ciência social como uma rede entre muitas outras, que participa do estabelecimento de relações, da construção de catálogos e museus, de expedições e de pesquisadores, de mapas, questionários e de arquivos (1994, p. 110). Movimentos, alianças, fluxos e circulações estão no foco da teoria ator-rede, seja no mundo da ciência, da política, da informação. Sua noção central – rede de atores – é entendida como sendo formada por séries heterogêneas de elementos animados e inanimados, conectados e agenciados. Seus componentes não mantêm vínculos previsíveis entre elementos estáveis e nitidamente definidos, porque não se trata mais de unidades ou atores predeterminados em ações e relações cristalizadas, ou que se pode antecipar com razoável clareza, segundo a lógica de um sistema totalizante e fechado que os antecede. Humanos e não humanos, enquanto híbridos sociotécnicos na trama das redes, podem se deslocar e transformar suas identidades e relações: incorporam novos elementos e estendem a rede de que participam, estabelecem alianças com novos elementos, o que torna a rede mais longa e diversificada e,

simultaneamente, apresenta-a como totalidade aberta que agencia a transformação e a redefinição de seus componentes. Argumenta Latour (1994) que o capitalismo, de que tratam historiadores e cientistas políticos, “é um labirinto de redes um pouco longas que envolvem, de forma incompleta, um mundo a partir de pontos que se transformam em centros de cálculo ou de lucro” (p. 119). Afirma o autor, a existência de uma possibilidade efetiva que nos permite passar do local ao global, de uma organização ao mercado, do humano ao não humano. Essa possibilidade é, segundo ele, como um fio de Ariadne, é o fio da “rede de práticas e instrumentos, de documentos e traduções” (LATOUR, 1994, p. 119).

4.3. Rede Noticiosa e as Micro-Práticas Materiais em Telejornalismo

A partir da teoria ator-rede em sua incorporação à Ciência da Informação por Frohmann (1995, 2004) e suas atualizações por Gómez, M.N.G. (1999, 2002a, 2002b), abre-se a possibilidade de compreender como esse enfoque se aplica ao estudo da informação em telejornalismo. Por intermédio dessa referência teórica, a pesquisa irá abordar as questões teóricas sobre como redes e regimes de informação determinam relações sociais e como ocorrem as formas de poder exercidas no interior desses regimes. Através da rede de relações, busca-se compreender como se constituem espaços sociais de práticas e interações informacionais e comunicacionais, ao investigar-se o telejornalismo em meio aos nós de rede através dos quais ele se realiza enquanto produção diária de reportagens e telejornais. Esse enfoque privilegia ainda a conjugação da pesquisa sobre a informação em telejornalismo como um fenômeno social, como resultado de relações entre indivíduos e grupos, empreendimentos comerciais e argumentações conceituais, tanto quanto dos aspectos não humanos, relativos aos equipamentos e componentes tecnológicos sem os quais não se objetiva a informação em telejornais. Tal orientação abrange novos ângulos

da problemática, quando se questiona sobre o lugar da Ciência da Informação no conjunto das ciências sociais, e se compreende o telejornalismo enquanto dispositivo sociotécnico, que opera em rede, é parte de determinado regime de informação que articula conexões entre elementos e redes e está voltado à significação da realidade.

De acordo com Frohmann (1995), regime de informação é o conjunto, mais ou menos estável, de redes de relações formais e informais, nas quais as informações são produzidas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, por meio de diversos meios, canais e veículos, a diferentes destinatários ou receptores de informação. A noção de regime traz implícita a de política de informação que pode ser caracterizada como o conjunto de ações e decisões orientadas a preservar e a reproduzir, ou a mudar e a substituir um regime de informação. Sejam políticas tácitas ou explícitas, no nível micro ou macro, teriam em princípio como *locus* de sua manifestação o Estado e as políticas públicas e, na ausência de políticas públicas, ganhariam importância as micro-políticas de informação (GÓMEZ, M.N.G. 1999).

No artigo original de Frohmann (1995), o autor elabora sua abordagem do rádio e da auto-estrada da informação (*autobahn*) como híbridos ou quase-objetos. Ou seja, ambos são simultaneamente discursivos, reais e sociais. No caso do rádio, afirma que aquilo que chamamos de rádio é uma função de práticas com elementos heterogêneos inscritos no interior de uma rede. Frohmann (1995) descreve um regime de informação como sendo constituído por elementos naturais, por diferentes classes de produtores e consumidores, interesses de grandes corporações, concentrações de capital disponível para acumulação de lucros na mídia: aí também se incluirão as diferentes maneiras como o rádio é imaginado, discutido, representado. Na concepção do autor, as propriedades do rádio são o resultado de práticas que estabilizaram as propriedades

naturais, sociais e discursivas desse meio de comunicação. Em função disso, o rádio é um híbrido: um artefato real, social e discursivo.

A descrição do regime de informação deve tomar o rádio, argumenta Frohmann (1995), como um artefato, um elemento de rede ou de regime a que pertence. Desse modo, se indagamos por que a forma do rádio é de um meio de comunicação comercial que opera sob um modelo de poucos emissores para muitos consumidores, vamos entendê-lo a partir das relações sociais entre engenheiros e cientistas, como a construção de uma audiência passiva para as mercadorias da publicidade da cultura da mídia em meio a uma variada e competitiva montagem de cabos, transistores e artefatos tecnológicos. Como percebemos, as propriedades do rádio como um meio de comunicação, entendidas como reais e naturais - e o mesmo argumento vale para a televisão -, são produtos de práticas determinadas por relações sociais impostas pela produção e pelo consumo de mercadorias. Frohmann (1995) aponta um certo reducionismo científico, que visa à naturalização das práticas e produtos sociais, e indaga nessa perspectiva sobre os verdadeiros interesses do capital empresarial e sobre como são tomadas as decisões, sobre os antagonismos de classe nas sociedades do final do século XX e o chamado empoderamento dos consumidores para superar o modelo dos destinatários passivos às mensagens corporativas.

Destaca ainda Frohmann (1995), no mesmo artigo, sem dar-lhes privilégio teórico, aos muitos elementos discursivos que são mobilizados para fabricar consentimento em relação às emissões de rádio como um regime de informação e para construir a audiência do rádio como um elemento de rede obediente às estruturas da rede já instaladas. As práticas discursivas servem, portanto, para representar o rádio como um *locus* dos desejos, anseios e fantasias do consumidor, posicionando o rádio como indispensável à cultura e à vida cotidiana. Ele conclui em seu artigo

original que as propriedades discursivas do rádio são produtos de práticas voltadas à construção e à manutenção da rede na qual o rádio, como o conhecemos hoje, como um híbrido, como um quase-objeto simultaneamente real, social e discursivo, emerge na qualidade de elemento distinto e mais ou menos estável (FROHMANN, 1995).

Em referência à *autobahn*, a superestrada da informação, afirma o autor que é um amálgama de relações sociais, ciência e tecnologia, discursos para torná-la desde já familiar. Aqui, como também nos casos do rádio e da televisão, é interessante observar como em uma rede ou regime de informação mesmo os elementos não humanos exercem alguma forma de agenciamento. Em relação às competências de comunicação, de cujas características sociais e culturais a rede tanto depende, pode-se afirmar que, no caso da *autobahn*, elas são delegadas às propriedades dos cabos telefônicos, dos cabos coaxiais e dos de fibra ótica. Para o autor, é um fenômeno análogo ao caso do rádio esse tipo de comutação do social pelo tecnológico. Em suma, a construção de uma rede ou regime conjuga intervenções discursivas que a sustentam e legitimam o agenciamento de atores sociais específicos e de artefatos científicos e tecnológicos particulares (FROHMANN, 1995).

Numa primeira aproximação veja-se, na perspectiva proposta por Frohmann (1995), como interatuam em uma visão processual os atores humanos e não humanos em relação às empresas produtoras de vídeos comerciais. Nessa esfera em que se empreende a produção de comerciais de TV e documentários, o conjunto de pessoas e empresas produtoras, agências de propaganda, clientes anunciantes, fornecedores, tecnologias de som e imagem e interlocutores diversos que se organizam para produzir artefatos videográficos, opera sob determinado regime e constitui determinada rede de relações. A lógica dessa rede - formada por agentes humanos, linguagens,

tecnologias e empresas - é ordenada por certas práticas, princípios e regras característicos dessa área. Segundo essa lógica, o profissional de vídeo apresenta-se sob uma dupla condição: ela tanto participa das referências e valores dos vendedores – aqueles que fazem e promovem o comércio de bens econômicos - , quanto participa das referências e valores dos artistas e intelectuais – aqueles que criam e confeccionam bens simbólicos. Essa ambivalência ocorre em função dos agenciamentos internos à rede que engendram e possibilitam a produção de vídeos comerciais, os quais transformam os agentes humanos em agentes multideterminados, até certo ponto identificados pelos lugares prévios que ocupam, mas até certo ponto identidades mutantes enquanto elementos da rede.

A produção de vídeos se dá, por um lado, no campo de disputas no plano econômico, processo através do qual os profissionais e as empresas implantam uma atividade comercial, estabelecem diferenciais com a aquisição e uso de novas tecnologias e visam obter padrões de desempenho compatíveis com as exigências da concorrência e do mercado. Por outro lado, a produção de vídeos também se dá no campo das lutas simbólicas, através das quais os atores envolvidos procuram afirmar concepções e diferenciações entre indivíduos e agrupamentos profissionais, na perspectiva de estabelecer estilos, marcas estéticas e formas de união, posicionamento e separações de pessoas, equipamentos e equipes. Na teoria ator-rede, o mercado não se coisifica do ponto de vista conceitual como “o mercado”, mas é visto como um conjunto de redes interagindo com outras redes, abrindo-se e sendo moldada em conexões e bifurcações (FREITAS, 2006). Sua lógica é definida pelas conexões internas que potencializa, não pelos limites externos que, a partir de sua exterioridade, a procuram definir. O interesse em buscar capturar as restrições e estímulos, as oscilações e permanências, segundo o modelo de rede, abre possibilidades para

apreender as continuidades e descontinuidades, as inovações tecnológicas e os arranjos entre os atores.

Na rede que se constitui para realizar a produção de vídeos, engendram-se arranjos de uma economia de mercado, certas regras de criação estética em propaganda e uma regulação jurídica que garante a exploração de negócios comerciais. Os processos de trabalho ocorrem em determinados locais, envolvem determinados atores, reproduzem padrões através de rotinas produtivas, passam por dinâmicas e variações para que a produção não se mantenha estática e rígida, como se fosse a mera repetição de esquemas e estruturas previamente dadas e prescritas. Na produção de vídeo, os artefatos elaborados sob a forma de comerciais de TV ou documentários são componentes da rede, emergem dos agenciamentos recíprocos de técnicos e tecnologias que ocorrem na chamada fase de pós-produção. Nessa fase, o material original que foi gravado em imagens e sons passa por uma série de operações e transformações, na qual se desloca o controle de uma possível criação estética para a dinâmica de permutas entre humanos e não humanos. Na pós-produção, as máquinas, os *softwares* e os procedimentos operacionais tomam a dianteira face a componentes e processos racionais, teleológicos, pré-determinados e caracterizados, via de regra, como tão somente humanos. Temos então nas redes sociotécnicas, seja no caso as produtoras de vídeo, as práticas que fazem emergir relações em que as tecnologias podem ser um pouco objeto, um pouco sujeito. Aos humanos é garantido, na rede de suas práticas, compartilhar e negociar conhecimentos antes específicos de cada ator, produtores de vídeo de um lado e profissionais de propaganda do outro, mas principalmente passar por deslocamentos, transformar suas relações mútuas e mesclar os procedimentos do artista e do vendedor em um mesmo ator.

Com a noção de rede em Ciência da Informação, a proposta é tomar como ponto de partida a mescla, a mestiçagem, as misturas impróprias que, no caso do telejornalismo, procura apreender a produção da informação como um produto ou efeito de uma rede de elementos e materiais heterogêneos, como são os agentes humanos, as instituições sociais, as formas discursivas, os suportes tecnológicos, as empresas do mercado e os artefatos impressos, imagéticos, sonoros e audiovisuais. É uma noção que entende o telejornalismo como um processo no qual estão em atividade elementos heterogêneos tanto sociais e técnicos, quanto textuais e conceituais. Na formulação teórica da rede de atores, participam do processo atores humanos, sejam bibliotecários e jornalistas, e não humanos, sejam máquinas e procedimentos técnicos. A informação é, nesse sentido, um híbrido, uma vez que a criação de artefatos informacionais faz parte de uma rede que articula qualificações ou atributos sociais, reais e discursivos, implica transações, conexões e deslocamentos entre os atores que levam a incertezas, erros e riscos na trama de suas relações. Não se trata de entender os atores como componentes estáveis em uma estrutura pré-estabelecida, mas de entidades que podem redefinir sua identidade e as relações que mantêm com outros atores e o conjunto da rede de que participam. A noção de rede atende, na teoria ator-rede, à caracterização de processos em que prevalecem a redefinição e a transformação de seus componentes e o movimento em direção a alianças com a abertura da rede a novos elementos.

Entre os elementos de rede acima citados, que integram o processo sociotécnico da informação em telejornalismo, estão os atores - humanos e não humanos – que atuam, interagem e intervêm, estabelecem parcerias, provocam e sofrem interferências mútuas, estabelecem limites e possibilidades, compartilham atividades, operações, valores, métodos, resultados, conteúdos, técnicas e produtos. Elementos ou nós de redes que elaboram e assumem rotinas produtivas,

estabelecem saberes formais e informais, identificam obstáculos e problemas, participam de negociações e de acordos, critérios e princípios. Enquanto atores, vigiam e zelam pela reprodução do que está estabelecido nos protocolos e rotinas, vacilam no cumprimento desses requisitos previstos, alteram e atualizam regras e critérios, adotam inovações técnicas e metodológicas, acertam e erram, corrigem aquilo que não funciona e inventam novas soluções, põem em uso e em desuso. Elementos de rede, eles elaboram conhecimentos de cunho técnico-profissional, fazem emergir saberes mesclados no entrelaço de diferentes saberes, métodos e agentes diversos, entram em conflito e renegociam, sofrem pressões de anunciantes, executivos, políticos, concorrentes e telespectadores, são chamados a refazer planos e a obedecer a determinações de superiores hierárquicos.

No interior do regime de informação que rege a TV e o telejornalismo, ocorrências imprevistas levam os atores humanos a recorrer à intuição e ao improviso, são convocados a adaptar-se a demandas identificadas no comportamento dos telespectadores. Conversam e discutem informalmente em pequenos grupos e em reuniões mais amplas e formais, lançam mão de saberes ora tácitos ora explícitos, introduzem conhecimentos novos adquiridos individualmente, agregam novos membros à equipe e se despedem de outros, que se desligam do grupo e/ou do setor e/ou da empresa. Em suas rotinas, eles estão em contato, tornam-se parceiros e praticam em novos equipamentos, além de se envolverem na apreensão das novas exigências que lhes trazem as novas tecnologias da informação. Inquietam-se com índices de audiência e interesses dos anunciantes para garantir a propaganda nos intervalos comerciais, ampliam o tempo de duração da jornada de trabalho ou a sobrecarregam para cumprir mais tarefas devido ao enxugamento de membros da equipe, vivem o estresse e a compensação pelo que fazem, saboreiam e dividem o sucesso e lamentam e dividem o fracasso, avaliam em diferentes instâncias o produto

informacional levado a público. Humanos e não humanos operam e cooperam localmente como parte de uma rede extensa em um mundo recoberto de inúmeras redes que ora se comunicam, ora se comutam ou se desconectam, redes às vezes nítidas, em outros casos invisíveis ou relativamente distantes da atividade-fim que os mobilizam, através de movimentos fluidos, poderosos e identificados de modo parcial, incompleto, povoado de lacunas e supostos, embebido no amálgama da produção cotidiana da informação.

A visão processual das práticas de trabalho, em curso no setor de documentação da rede noticiosa de TV para atender ao telejornalismo, é aquela que trata de elementos humanos e não humanos, de quase objetos ou híbridos, com ênfase no modelo de rede através do qual se procura apreender, na acepção de Pereira, M.N.F. (2000) as “pré-posições pelos atores assumidas no processo de negociação sociotécnico, as associações que se estabelecem entre eles, por eles, para eles, com eles e contra eles” (p. 7). Sublinha-se, nesse enfoque, a inquietação de Frohmann (1994, 1995) com a condição atual da informação enquanto mercadoria na economia capitalista, em que se reserva ao Estado, através de arranjos políticos e econômicos, o papel de facilitador da acumulação privada de capital pelos grandes conglomerados de mídia. Não obstante tais determinações do regime de informação vigente, que promove a fixação da área da informação em questões instrumentais, com o foco sobre a maximização técnica e gerencial dos fluxos informativos, o autor enfatiza as questões relativas às relações entre informação e poder, às formas como o poder é exercido em e através de relações sociais mediadas por informação, como o domínio sobre a informação é alcançado e mantido por grupos específicos e como formas específicas de dominação – especialmente aquelas de raça, classe, sexo e gênero – estão implicadas no exercício do poder sobre a informação. Segundo Frohmann (2004), a noção de informação como entidade abstrata, os modelos de comunicação da informação e a fixação em

aperfeiçoamentos aos sistemas de recuperação da informação científica são facetas do mesmo problema que o autor identifica na mercantilização da informação.

Com a teoria ator-rede em Ciência da Informação, trata-se de buscar a perspectiva dos agenciamentos internos à rede, uma lógica de conexões, na medida em que uma rede é formada num dado momento por uma pluralidade de pontos ligados entre si por uma pluralidade de conexões. É uma rede irregular com múltiplas entradas, que extrapola duas entradas privilegiadas em pares, tais como sujeito/objeto, governo/empresa privada, linha editorial/opinião livre, política de indexação/organização aleatória informal, saber formal/saber informal. O que hoje se apresenta é uma transição de paradigmas (técnico, econômico, político, jurídico, sociocultural), e pode ser decisivo entender como na prática uma rede é um campo heterogêneo de tensões, na qual se podem destacar subconjuntos restritos e localmente organizados. Desse modo, “uma rede comporta uma pluralidade de subtotalidades, que implica variações, distribuições, desvios ocorrentes ora no espaço, ora no tempo” (MORAES, M.O. 2000, p. 13-14).

Para identificar e lidar com formas rotineiras e inéditas, com indícios e implicações circunstanciais que a noção de rede apreende em Ciência da Informação, as complexidades dos regimes de informação sugerem que eles são raramente e adequadamente representados através de fluxos homogêneos de uma etapa à próxima. Enfatiza Frohmann (1995) que a descrição de um regime de informação significa elaborar a cartografia de processos de disputa que resultam em tentativas de estabilização de conflitos entre grupos, interesses e discursos sociais, artefatos científicos e tecnológicos. Como se afirma na teoria ator-rede, uma rede irregular e desigual de elementos humanos e não humanos está na gênese das regularidades, marcada pela pluralidade

das vias mediadoras, é um campo de tensões, um lugar em que a determinação é construída, negociada e ensaiada (MORAES, M.O. 2000, p. 134-14).

O setor de documentação da rede de televisão é, nessa perspectiva, uma instância privilegiada para que se venha a evidenciar e caracterizar as condições de produção e as negociações relativas à produção de informações jornalísticas que tratam das questões locais a serem levadas aos telespectadores. A produção da informação no setor de documentação da rede noticiosa de televisão resulta do arranjo entre os critérios de seleção de documentos e temáticas, das formas de análise, de indexação e recuperação preestabelecidas e das atualizações desse arranjo, que são operadas a partir do confronto das práticas cotidianas das duas categorias profissionais, os jornalistas e os profissionais da informação.

Como assinala Gómez, M.N.G. (2002b), há que ficar atento a “o que está em aberto” e a “o que não está em aberto” em determinada configuração de regime de informação. A autora argumenta sobre a inscrição de padrões nas estruturas de informação, refere-se a negociações de objetivos, projetos, interesses, escolhas e ainda às operações e relações preferenciais nas redes, entre sujeitos, organizações e informações. Quanto a esses padrões que vigem nas estruturas de informação seriam as “regras constituídas por atores em práticas sociais e operações técnico-instrumentais” (p. 31-32). Depreende-se da argumentação que é na rede de relações, que se estabelece enquanto rede noticiosa entre bibliotecários e jornalistas e os coloca como atores privilegiados, que se pode apreender como se produz, *in loco*, de modo efetivo, a informação em telejornalismo. As novas formas de vinculação e desvinculação de sujeitos, discursos e informações nas sociedades atuais estão a exigir abordagens, como a teoria ator-rede, que privilegiem a pesquisa de micro-processos e micro-práticas em que se engendra e emerge a

efetiva produção de informação, no caso a que resulta da ênfase na associação entre jornalistas e bibliotecários, na articulação com seus diferentes parceiros, para a realização do telejornalismo.

5. METODOLOGIA

Para pesquisar a rede de relações e as práticas informacionais dos bibliotecários e jornalistas nos setores de documentação de emissoras de televisão, foi realizada uma abordagem qualitativa, com pesquisa empírica para a observação dos fenômenos, e de cunho descritivo, com a descrição de fatos e situações observadas, que requereu acompanhar e registrar as características de atividades, comportamentos e situações, visando interpretar e explicar relações subjacentes aos fenômenos em estudo. Escolheu-se a Rede Globo de Televisão e seu respectivo Centro de Documentação em Belo Horizonte (Cedoc/Globo Minas) como universo da pesquisa, com visitas técnicas complementares ao Centro de Documentação da Rede Globo no Rio de Janeiro (Cedoc/Globo Rio de Janeiro), e à Central de Produção da Rede Globo no Rio de Janeiro (Projac). Também à época da apresentação de trabalho em evento científico em Salvador houve a oportunidade, através de convite, para conhecer a TV Bahia, emissora de televisão afiliada à Rede Globo em Salvador. Neste trabalho de pesquisa, procurou-se investigar bibliotecários, jornalistas e um coletivo em ação, em diferentes emissoras e formações de equipes, com seus relatos, objetivos, interesses, ferramentas, divisão de tarefas, experiências, lugares, polarizações, relações. O foco nesses aspectos visava explorar as mediações, arranjos, acordos e negociações entre os bibliotecários e os jornalistas no cotidiano dos arquivos de televisão em que atuam, enquanto atores privilegiados e inseridos na rede noticiosa, que inclui outros componentes humanos, simbólicos e tecnológicos.

A pesquisa orientou-se por verificar como se processam as ações recíprocas e diferenciações atualizadas no cotidiano entre aqueles que trabalham nos setores de documentação televisivos: quem são os profissionais que ali atuam, suas respectivas funções e atividades, experiências

anteriores desses profissionais, como se dão entre eles os acordos, o compartilhamento de vínculos e valores, as trocas de conhecimentos, as operações técnico-profissionais específicas, as práticas informacionais e hierarquias no setor e suas interfaces locais, regionais e nacionais na rede de emissoras de TV. No que concerne aos objetivos da pesquisa, procurou-se obter e analisar dados documentais, realizar entrevistas, gravar e acompanhar telejornais veiculados pelas emissoras de TV e suas respectivas condições de produção no interior dos setores de documentação, fazer a observação direta das atividades e como se dão as interações dos bibliotecários e jornalistas em nível local; e ainda verificar quais são suas interfaces com emissoras regionais e com a emissora líder da rede nacional, buscando conhecer e caracterizar a rede noticiosa, a partir dos setores de documentação, enfocando a atuação dos bibliotecários em trabalho conjunto com jornalistas e outros atores na produção da informação em telejornalismo.

Para complementar a observação e a descrição de procedimentos e práticas informacionais, foi indispensável realizar entrevistas com os bibliotecários e jornalistas nas dependências das emissoras, visando a posterior descrição densa de formas de trabalho, de suas explicações para as tarefas que ali desempenham e das interações com outros profissionais, em especial os da comunicação, de seus afazeres com os documentos e as tecnologias. Para a compreensão da participação dos profissionais do Cedoc na produção da informação na rede noticiosa, a pesquisa buscou identificar e caracterizar as concepções dos profissionais desse setor para lidar com a informação em telejornalismo, os acordos e confrontos entre os profissionais da informação (bibliotecários) e os profissionais da comunicação (jornalistas), seus lugares e posicionamentos sob as coordenadas da linha editorial e da política de indexação vigentes nas emissoras de televisão.

A fim de complementar as atividades de observação do pesquisador, foram reunidos e analisados os documentos impressos repassados pelos setores de documentação, como cópias das interfaces gráficas do sistema de recuperação da informação, cópias de reportagens publicadas sobre o setor e assuntos correlatos a arquivos de TV, publicações internas das emissoras, cópias de material de pesquisa e de informações recuperadas pelos profissionais em suas tarefas rotineiras. Esses documentos vieram a subsidiar a pesquisa com informações relativas aos métodos de trabalho dos profissionais, aos princípios gerais orientadores do Cedoc da Rede Globo de Televisão, como também elementos que caracterizam o setor de documentação em relação ao telejornalismo. Durante a observação e o acompanhamento das atividades rotineiras dos profissionais, foram feitas anotações em diário de campo para posterior descrição de forma detalhada e abrangente sobre o cotidiano, as relações e os procedimentos de trabalho, assim como das situações típicas ali estabelecidas. O interesse era tomar, como campo de observação, as práticas informacionais no interior do setor de documentação, enquanto núcleo ordenador de procedimentos que polariza e circunscribe a rede de relações em que estão imersos e em que emergem aqueles atores que ali atuam.

Para atender aos objetivos previstos, o trabalho de campo utilizou diversas técnicas de pesquisa. Além da observação dos profissionais em atividade, da coleta de documentos impressos e de testemunhos dos profissionais no cotidiano de trabalho, foram realizadas entrevistas em profundidade com profissionais que atuam nos setores de documentação de TV e em setores afins. Em sintonia com as entrevistas e testemunhos, a observação *in loco* forneceu informações importantes para a fase de descrição e caracterização detalhada das situações, atores e interações observadas, dos processos de negociação e de compartilhamento de conhecimentos, dos vínculos

e dos valores que ocorrem e dão sentido ao trabalho dos profissionais do Cedoc com a informação.

5.1. Do Desenho da Pesquisa ao Trabalho de Campo

A partir da escolha dos ambientes de observação nas emissoras de televisão, a pesquisa foi iniciada pelo trabalho de campo na Rede Globo em Belo Horizonte (Globo Minas), *locus* escolhido para observação participante cumprida entre os meses de abril e julho de 2006. O trabalho de campo no Centro de Documentação da emissora (Cedoc/Globo Minas) foi realizado com o acompanhamento das rotinas e o relato das tarefas por cada um dos oito integrantes da equipe. Posteriormente, em função de exigências da pesquisa, foram realizadas visitas técnicas para observação, acompanhamento de atividades e coletas de dados, testemunhos e entrevistas com profissionais nas emissoras da Rede Globo no Rio de Janeiro (entre novembro de 2006 e abril de 2007) e da Rede Bahia em Salvador (em junho de 2007). A conclusão desta fase se processou com as entrevistas dos profissionais que atuam no Cedoc/Globo Minas (em novembro de 2007).

Após solicitação, através de correspondência à Globo Minas, foi autorizada a observação participante, iniciando-se o acompanhamento das jornadas de trabalho no Cedoc, em Belo Horizonte, previsto para o período de abril a agosto de 2006. Assim, de abril a julho daquele ano, foram acompanhadas as tarefas e os procedimentos dos profissionais, as relações internas do setor, a identificação das práticas informacionais e situações marcantes, a verificação de como são feitas a seleção, descrição, indexação, pesquisa e recuperação de documentos e informações, a divisão interna de trabalho, as formas de gerenciamento de tarefas e de profissionais, os

critérios, valores e regras que criam e atualizam no cotidiano uma determinada ordem técnica, operacional, intelectual, hierárquica e informacional, a configuração reticular sob a qual se situa e opera o setor de documentação na Globo Minas e a inserção desse setor no contexto mais amplo da Rede Globo de Televisão. Em meados de julho de 2006, em função da decisão interna da Globo Minas de suspender a etapa da pesquisa de campo, prevista para terminar em agosto, optou-se por retomar e desenvolver o referencial teórico da tese, como também, a partir de contato receptivo, conhecer e acompanhar, a partir de outubro, as atividades do setor de documentação da Rede Minas de Televisão, sediada em Belo Horizonte. Nessa ocasião, o pesquisador também realizou pré-teste de técnicas de entrevista com profissionais do setor de documentação da Rede Minas para experimentar e decidir qual o procedimento mais adequado a ser utilizado em futuras entrevistas na Rede Globo. Durante as observações e teste na Rede Minas, o pesquisador iniciou os contatos com a sede da Rede Globo de Televisão, localizada no Rio de Janeiro, para as visitas técnicas complementares a partir de novembro daquele ano.

Em função das alterações na execução do trabalho de campo proposto à Rede Globo em Belo Horizonte, as quais representaram a redução do período de observação participante no Cedoc/Globo Minas, o cronograma geral e a seqüência das entrevistas foram reformulados, com a inserção das referidas visitas técnicas para observação de atividades e coleta de dados e documentos, testemunhos e entrevistas nas outras duas emissoras da Rede Globo, no Rio de Janeiro e em Salvador. A pesquisa ora apresentada concentrou-se, portanto, na seqüência cronológica das atividades recapituladas a seguir: a) observação, coleta de documentos impressos e testemunhos, obtidos de abril a julho de 2006, na Globo Minas em Belo Horizonte; b) observação e acompanhamento de atividades, com pré-teste de entrevistas, obtidos de outubro a dezembro de 2006, na Rede Minas em Belo Horizonte; c) observação, coleta de dados,

entrevistas e testemunhos, obtidos em novembro e dezembro de 2006 e em abril de 2007, na Rede Globo no Rio de Janeiro; d) observação e coleta de dados, entrevistas e testemunhos, obtidos em junho de 2007, na TV Bahia em Salvador; e e) realização de entrevistas, obtidas em novembro de 2007, na Globo Minas em Belo Horizonte.

5.2. O Trabalho de Campo no Cedoc/Globo Minas

No início da investigação empírica, de abril a julho de 2006, o trabalho de campo concentrou-se no setor de documentação da Rede Globo em Belo Horizonte (Cedoc/Globo Minas), unidade de informação prioritária para a observação participante. Esse tipo de observação é uma técnica de pesquisa qualitativa que permite estudar as tarefas e o comportamento das pessoas em diferentes situações na vida real. Como referem Laville e Dionne (1999), o pesquisador mistura-se ao cotidiano do grupo estudado, “fazendo sua presença tão discreta quanto possível, e realiza a experiência, compartilhando [] as atividades, os comportamentos, até mesmo as atitudes e os sentimentos das pessoas” (p.153). O pesquisador atuou nesta pesquisa individualmente, na qualidade de testemunha ou observador externo ao setor de documentação da rede noticiosa, a quem foi dado o direito de participar com o propósito de fazer observações e registrá-las (p. 154). E, como afirmam os autores, para compreender um universo social “como ele é”, isso supõe, de preferência, que seja observado do interior (p. 153). E concluem que, para não se perder em tudo ver, tudo ouvir, o pesquisador deve utilizar-se de balizas, como a pergunta e os pressupostos ou hipóteses, que lhe servem durante a observação e no futuro para estabelecer os vínculos realmente significativos (p. 154).

Nessa etapa preliminar, a observação serviu para identificar as rotinas produtivas e as jornadas típicas do Cedoc/Globo Minas em Belo Horizonte, visando uma aproximação às características gerais das práticas informacionais correntes no cotidiano do setor, do desempenho dos profissionais e das situações de interação que instituem a rede de relações. A escolha prévia das rotinas produtivas do setor de documentação para observação se referia, no desenho original da metodologia, àquelas rotinas dedicadas ao telejornalismo local. No entanto, com o andamento do trabalho de campo, as dinâmicas presenciadas durante a observação participante levaram o pesquisador a identificar e a acompanhar rotinas diversificadas, com destinações tanto locais quanto nacionais. No caso das demandas locais atendidas, os destaques foram para o telejornal MG TV e a revista eletrônica Terra de Minas. Além do atendimento ao telejornalismo local, as dinâmicas profissionais identificadas no Cedoc/Globo Minas impuseram agregar ao interesse da pesquisa determinadas práticas informacionais e rotinas produtivas que visavam à veiculação em rede nacional, como no caso do telejornal vespertino Hoje, da Rede Globo, e o programa retrospectivo Arquivo N, do canal por assinatura Globo News, entre outros.

Os instrumentos de pesquisa utilizados no trabalho de campo foram a observação e o acompanhamento das práticas profissionais; o registro através de anotações escritas em campo e em diário referentes às práticas, situações marcantes, interações e relações observadas e ao tratamento de documentos eletrônicos; a coleta de cópias de documentos eletrônicos e impressos pertinentes à observação; o registro de testemunhos através de anotações pelo pesquisador. Durante o acompanhamento de jornadas de trabalho no setor de documentação da Globo Minas, as anotações de campo e as informações transcritas pelo pesquisador a partir de diversas fontes eletrônicas e impressas disponíveis no Cedoc/Globo Minas, inclusive das interfaces gráficas do sistema de recuperação da informação. Através das anotações obtidas, o pesquisador registrou os

procedimentos e as formas de seleção, análise, descrição, indexação, pesquisa e recuperação; as formas de acesso ao sistema de recuperação de documentos audiovisuais com reportagens constantes do referido acervo; os procedimentos e as dinâmicas de trabalho de repasse de informações recuperadas para o telejornalismo; as opções e decisões a respeito *do que* se preserva e *do que* se descarta e *por que* e *como* esse descarte é feito. No caso das anotações necessárias à descrição de procedimentos e dinâmicas de trabalho, também foi indispensável coletar, durante o acompanhamento de atividades cotidianas do Cedoc/Globo Minas, esclarecimentos com os próprios profissionais que ali atuam, visando com isso comparar as explicações daqueles que põem em movimento o setor. Desse modo, pôde ser viabilizada, posteriormente, a análise e a interpretação das formas de trabalho e das justificativas dos profissionais do Cedoc para aquilo que ali praticam e para suas interações com outros atores.

O trabalho de campo através de observação dos profissionais se processou com o acompanhamento de jornadas do setor de documentação da Globo Minas, em diferentes dias e semanas ao longo de cerca de quatro meses. Nas observações iniciais, o pesquisador dedicou-se à imersão no setor de documentação para conhecer e identificar características, situações e profissionais de destaque para o acompanhamento e detalhamento nas semanas subseqüentes. Daí em diante, a cada jornada acompanhada e observada, foram escolhidos, com o apoio da chefia do setor, os dias e horários de visita mais significativos para os interesses da pesquisa, de modo a apreender a existência ou não de distintas jornadas de trabalho, bem como variedades de práticas informacionais e nas rotinas produtivas, em função do tipo de pedido de informação de acordo com o tipo de programa telejornalístico.

Para atingir os objetivos da observação participante, foi elaborado e cumprido um esquema do que deveria ser observado com a discriminação prévia dos itens e dinâmicas de interesse da pesquisa abaixo relacionados:

- a) identificar a equipe que atua no setor: tipo de profissionais em ação, funções que desempenham, seus encargos e tarefas rotineiras;
- b) verificar os recursos disponíveis quanto a espaço físico, mobiliário, equipamentos tecnológicos, materiais de consumo, marcas e objetos identificadores do setor para atender sua função e finalidade, etc;
- c) verificar a divisão interna de trabalho e se há hierarquias definidas e de que tipo entre os profissionais durante a execução dos serviços;
- d) verificar os tipos de pedidos de serviço da Central Globo de Jornalismo, através do setor de Redação de Telejornalismo (nível nacional/telejornais de rede e local/telejornais locais), sejam demandas feitas de forma direta em contato interpessoal, sejam através de telefone, e-mail ou da rede intranet da emissora;
- e) conhecer o fluxo de atividades e a dinâmica de operações características desenvolvidas pelos profissionais do Cedoc/Globo Minas;
- f) identificar o lugar institucional ocupado pelo Cedoc na Globo Minas e seus vínculos com o setor de Jornalismo e com o Cedoc/Globo Rio de Janeiro;

g) investigar as relações que são estabelecidas entre bibliotecários, jornalistas, editores de imagem e estagiários do setor e as justificativas que sustentam tais características para aqueles que atuam *no* e interagem *com* o Cedoc;

h) verificar que procedimentos e operações são praticados quanto às demandas dos telejornais e os critérios utilizados para validar as práticas informacionais em curso no Cedoc para atender ao telejornalismo;

i) coletar informações e materiais impressos inerentes às atuais rotinas produtivas e consultar documentos arquivados referentes a rotinas do passado recente do setor (formulários com pedidos de serviço, registros de controle de atividades, projetos e demandas do setor, manual de uso e treinamento de pessoal, cópias de produtos de pesquisa e recuperação de informações realizados pelo Cedoc, fichas remanescentes de antigas formas de organização da informação, etc). Essas coletas e consultas visaram complementar e confrontar dados obtidos através da observação participante;

j) identificar jornadas típicas de seleção e descarte de documentos audiovisuais, como também jornadas típicas de análise, descrição, indexação, pesquisa e recuperação de documentos audiovisuais e seus respectivos conteúdos indexados;

k) escolher as dinâmicas de organização e produção da informação mais relevantes para esta pesquisa, tendo em vista a análise e interpretação das práticas informacionais e das relações internas no setor e com o setor de Redação do Jornalismo;

l) obter acesso e consultar os critérios e as regras que sustentam a seleção e indexação utilizadas nas rotinas do setor, identificando como se relacionam com as operações e atividades em curso no Cedoc;

m) anotar outras referências gerais que caracterizam as práticas informacionais do setor, em sua identidade institucional e técnica e em novas demandas, acordos, negociações e especificidades quanto ao trabalho para o telejornalismo.

Simultaneamente à observação participante em Belo Horizonte foram feitas gravações em videocassete para acompanhamento e monitoramento dos telejornais locais da Rede Globo em Belo Horizonte. Algumas das reportagens transmitidas tiveram suas condições e processos de produção e recuperação observados no Cedoc/Globo Minas pelo pesquisador e puderam vir a ser discutidas e detalhadas na coleta de esclarecimentos e nas entrevistas com os profissionais do setor nelas envolvidos. O objetivo das gravações era ter em mãos o material gravado para consulta sempre que fosse necessário. As gravações também serviram para registro do resultado das práticas informacionais do Cedoc que é levado aos telespectadores e vieram a ser posteriormente utilizadas como fontes para indagação aos profissionais do Cedoc/Globo Minas na etapa das entrevistas.

Cumprido o período de observação no Cedoc/Globo Minas, as atividades que se realizaram, entre setembro e novembro de 2006, foram a transcrição e a análise preliminar dos dados coletados no trabalho de campo acima citado. Essa análise preliminar e parcial implicou a leitura, a classificação e a interpretação inicial dos dados através da elaboração de argumentação que visava evidenciar e explicar os nexos entre os diferentes aspectos observados no trabalho de

campo, as imprecisões, lacunas e interrogações a serem equacionadas na etapa das entrevistas. Com base na análise de dados coletados e na consulta ao material gravado dos telejornais locais, foi elaborada uma primeira versão do roteiro de perguntas para as futuras entrevistas com os bibliotecários e os jornalistas que atuam e interagem no setor de documentação da Globo Minas.

5.3. Das Entrevistas e Visitas Técnicas a Outras Emissoras de TV

Um novo ciclo da pesquisa teve início pela revisão do cronograma de atividades, pelas releituras teóricas e pelas visitas técnicas ao Cedoc da Rede Globo no Rio de Janeiro e ao setor equivalente da TV Bahia em Salvador. Na concepção metodológica e na escolha originais, o pesquisador havia optado por concentrar o trabalho de campo na Rede Globo Minas por período mais extenso. Com o desenrolar do trabalho de campo, e seguindo a perspectiva apontada por Latour (1995), na teoria ator-rede, e por Frohmann (1995), na sua caracterização do regime de informação, de que é preciso seguir e apreender a rede que se alonga e apresenta movimentos não estudados, a partir da decisão da Globo Minas optou-se por antecipar a ida à sede do Cedoc do Rio de Janeiro, tendo sido oportunamente também incluído o setor de documentação da TV Bahia. A ruptura que se estabeleceu em relação ao planejamento original, em julho de 2006, devido aos eventos acima citados, precisou ser recuperada a favor da pesquisa, devendo-se enfatizar que o próprio desvio exigido ao percurso do pesquisador veio a ser trabalhado em favor da lógica maior de realização e de conclusão da pesquisa.

Segundo a teoria ator-rede, a própria noção de rede implica apreender um processo de relações entre componentes heterogêneos, através do qual a rede se desdobra, se estende e se torna mais longa, o que obriga o pesquisador a perseguir a lógica processual da rede e a adaptar seu plano de

trabalho para a investigação. Assim como os sujeitos empíricos não se comportam como se pretende e se deseja, de forma idealizada, as condições objetivas da pesquisa obrigaram, como acima relatado, a uma reavaliação do trabalho de campo para as devidas correções de rumo. Por ser 2006 um ano de eleições e de Copa do Mundo de futebol, isso efetivamente veio a interferir na ida ao Cedoc da Rede Globo no Rio de Janeiro, uma vez que lá se repetiriam os mesmos impedimentos institucionais. Esses meses foram, então, ocupados, como anteriormente exposto, com a ordenação de dados para a análise do diário de campo, que serviram de interpretação preliminar dos dados e documentos coletados na Globo Minas, e a realização de pré-teste de entrevista. Enquanto isso, foi repensada a continuação da pesquisa com a convicção do pesquisador de seguir os fios da rede que se alonga a partir dos dados até então observados no Cedoc de Belo Horizonte.

Desse modo, a rede noticiosa que se estende por emissoras, cidades e estados, e à qual se vinculam os profissionais dos setores de documentação de TV, havia se apresentado à evidência material no transcurso da observação participante. Nas dependências do Cedoc/Globo Minas encontravam-se anotações diversas em um quadro sob a forma de painel afixado em uma das paredes do setor. Nesse quadro, estava assinalada uma listagem das oito emissoras afiliadas, aquelas que transmitem a programação da Rede Globo, com as quais a Globo Minas se associa e mantém contato freqüente para realizar telejornais. É o que vemos no caso do programa telejornalístico Bom Dia Minas, telejornal matutino levado ao ar nos dias úteis às 6:30 horas da manhã, com entradas ao vivo da rede regional de notícias que opera em torno da Globo Minas de Belo Horizonte, de cuja composição participam emissoras de TV distribuídas em pontos chave do território mineiro. Indagada sobre o que eram aquelas referências, uma das jornalistas que atuam no Cedoc informou tratar-se de uma rede de emissoras, que se integra à emissora da capital para

abranger o território de Minas Gerais, com a cobertura das notícias dos acontecimentos mais importantes do estado. A noção de percorrer todas as alamedas, não apenas aqueles caminhos certos e previstos pelo pesquisador (BARRETO, 2000) na qualidade de viajante de um único e exclusivo arquivo, se impôs assim à consecução da pesquisa e ao posicionamento do pesquisador. Essa inflexão permitiu desincumbir com mais propriedade a tarefa de investigar as práticas e as relações de bibliotecários e jornalistas na rede noticiosa que se constitui e enlaça as diferentes emissoras de televisão.

Dando seqüência à pesquisa, de acordo com as alterações no cronograma inicial, os contatos com a Rede Globo/Rio de Janeiro viabilizaram a observação, a coleta de testemunhos e de documentos impressos e a realização de entrevistas com profissionais entre novembro de 2006 e abril de 2007. Foi elaborado um instrumento definitivo no formato de um roteiro de perguntas para as entrevistas parcialmente estruturadas, que foi aplicado inicialmente junto aos profissionais da Rede Globo/Rio de Janeiro e, posteriormente, aos do Cedoc/Globo Minas em Belo Horizonte. Essa técnica de pesquisa é aquela em que os temas são especificados e as perguntas abertas preparadas previamente, permitindo manter a liberdade de diálogo no que concerne à retomada de algumas questões, à ordem na qual as perguntas são feitas e ao acréscimo de outras improvisadas.

Essas entrevistas individuais em profundidade se caracterizam por “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2005). O autor ressalta que os dados não são apenas colhidos, mas representam o “resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade” (p. 62-63). Portanto, utilizou-

se a técnica da entrevista parcialmente estruturada, em que a abordagem dos entrevistados é feita a partir de um roteiro-base de questões, com a utilização para o registro de um gravador de áudio com fita cassete e a posterior transcrição das respostas sob a forma de documento eletrônico digitado em computador. As entrevistas seguiram o roteiro de questões abertas elaboradas, com base nos objetivos e no problema de pesquisa, buscando-se tratar o tema de forma abrangente, através de perguntas da forma mais aberta possível. De acordo com Duarte (2005), “o roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias” (p. 66). Cumpridas nas dependências das emissoras de TV, as entrevistas trataram de situações, práticas, procedimentos, compartilhamento de conhecimentos profissionais e negociações, comprovando-se similitudes com o trabalho de campo no Cedoc/Globo Minas. Os dados foram complementados com as visitas técnicas ao Projac e ao Cedoc/Globo Rio de Janeiro, bem como abordaram os vínculos e valores compartilhados, os critérios utilizados na seleção, análise, descrição, indexação, pesquisa e recuperação de documentos e informações.

A previsão inicial de entrevistas foi alterada em relação à quantidade e ao perfil dos entrevistados. O número de entrevistas, que foram planejadas para abordar nove profissionais, foi ampliado para onze entrevistados, devido à identificação em novos ambientes de outras condições de operação dos arquivos de TV na Rede Globo, na cidade do Rio de Janeiro, e sua repercussão na Globo Minas. A seleção completa dos onze entrevistados - cinco em Belo Horizonte, cinco no Rio de Janeiro e um em Salvador -, foi feita de modo a abordar os bibliotecários e jornalistas de destaque que atuam nos Cedocs da Rede Globo em conjunção com os lugares que efetivamente ocupam como profissionais nos respectivos setores, com as práticas que exercem nas rotinas produtivas e com os saberes profissionais que aplicam e atualizam na

esfera de suas tarefas cotidianas para a seleção, a descrição, a indexação, a pesquisa e a recuperação de documentos e informações de telejornalismo. Com a alteração, pôde-se incorporar um naipe amplo de informantes e de perfis profissionais. Devido a questões éticas da pesquisa, decidiu-se pela utilização de uma legenda nos trechos de depoimentos citados no texto, de modo a não identificar pelo nome ou pelo cargo os profissionais entrevistados. Para tal fim, foi atribuído um código a cada um dos profissionais e a distribuição das entrevistas de acordo com esses perfis ficou assim definida:

a) Em Minas Gerais:

Bibliotecária que atua como principal pesquisadora no Cedoc em Belo Horizonte – (#Bib. 1);

Bibliotecária que atua como indexadora no Cedoc em Belo Horizonte – (#Bib. 2);

Jornalista que atua na descrição e pesquisa no Cedoc em Belo Horizonte – (#Jorn. 1);

Jornalista que atua na seleção e descrição no Cedoc em Belo Horizonte – (#Jorn. 2);

Jornalista editora do setor de Redação do Jornalismo em Belo Horizonte – (#Jorn. 3);

b) No Rio de Janeiro:

Bibliotecário que atuou na implantação do Cedoc/Globo Minas – (#Bib. 3);

Bibliotecária que participou na criação do tesouro e da política de indexação dos Cedocs da Rede Globo – (#Bib. 4);

Radialista que atua na seleção e descrição de telejornais no Cedoc no Rio de Janeiro – (#Rad.);

Profissional que liderou atividades do Cedoc no Rio de Janeiro - (#Lid.)

Jornalista que atua na seleção e sinopses de programas informativos locais no Rio de Janeiro – (#Jorn. 4);

c) Na Bahia:

Estagiária de Biblioteconomia que atua no setor de documentação da TV Bahia – (#Estag.).

Além dos profissionais do Cedoc acima citados que concederam entrevistas, foram obtidos dados e informações sob a forma de testemunhos com vinte e seis profissionais ligados aos setores de documentação das emissoras Globo mineira e carioca nas fases de observação e de visita técnica. Esses outros profissionais, que atuam no Cedoc, em telejornalismo e em atividades correlatas, foram essenciais, com suas respectivas formações técnica ou acadêmica diferenciadas, através de seus testemunhos com esclarecimentos, comentários e relatos para o resultado final da pesquisa. Quanto à diversidade dos perfis profissionais, a opção se justifica pelo fato de que as percepções e depoimentos de diferentes atores – bibliotecários, jornalistas, editores de imagem, historiadores, gerentes administrativos e estagiários das equipes que atuam nos Cedocs da Rede Globo – permitem checar o possível viés de uma visão marcadamente individual e localizada, que depende do lugar e da posição do ator na rede como chefe ou subalterno, profissional mais antigo na empresa ou novato, bibliotecário ou jornalista, etc. Essas diferenciações foram fundamentais, tanto na etapa de observação nas emissoras quanto nas entrevistas, para que se resgatassem polarizações, lugares e posições, hierarquias, competências técnico-profissionais e pontos de vista variados e contrastantes.

Além das entrevistas e testemunhos, foram pesquisados e obtidos documentos impressos que tinham interesse para os objetivos da pesquisa, estes solicitados ao Cedoc/Globo Minas e ao Cedoc/Globo Rio de Janeiro, constando dos seguintes materiais: cópias xerox de reportagens de jornais e revistas que enfocavam as questões dos arquivos de imagens da TV, cópias xerox de documentos internos do Cedoc com dados relativos à caracterização do setor, aos tipos de

atividades e às soluções implementadas para organização da informação, e também cópias impressas de telas do sistema de recuperação da informação em operação nos setores de documentação. Os documentos serviram de base para caracterizar resultados de pesquisa e recuperação de informações realizadas pelos bibliotecários e jornalistas dos Cedocs mineiro e carioca das emissoras da Rede Globo, bem como identificar situações, relatos e episódios relativos às ações do Cedoc como um projeto da rede noticiosa de TV e em referência a momentos e questões significativos de sua trajetória nos diversos núcleos em diferentes cidades e estados brasileiros (Belo Horizonte, Recife, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e em outras cidades, como por exemplo Salvador/Bahia).

5.4. Da Preparação e Elaboração da Análise e Interpretação dos Dados

O passo seguinte teve por atividades a transcrição, análise e avaliação dos dados coletados na observação participante e nas entrevistas, a reunião de testemunhos e documentos obtidos nas diversas fases da pesquisa. A análise e a interpretação dos dados se basearam nos critérios elaborados por Latour (2001), segundo os quais os atores se produzem a partir de suas práticas e demarcam lugares no interior da rede em que atuam. Esses critérios se conjugaram com as orientações de Duarte (2005) e os preceitos e recursos técnicos descritos por Queiroz, M.I.P. (1991) e por Laville e Dionne (1999). Em todos os materiais levantados foram selecionados recortes temáticos - nas anotações feitas durante a observação, na transcrição das entrevistas e testemunhos e nos documentos -, de modo a permitir a comparação dos dados obtidos, visando apreender a lógica subjacente às ações, vínculos, valores e concepções dos informantes, assim como suas formas de inserção na produção da informação em telejornalismo. Como assinalam Laville e Dionne (1999), a análise de conteúdo é uma técnica que parte dos materiais e dados

brutos colhidos pelo pesquisador para, através do seu estudo minucioso, “procurar-lhes o sentido, captar-lhes as intenções, comparar, avaliar, descartar o acessório, reconhecer o essencial e selecioná-lo em torno das idéias principais” (p. 214).

A técnica da análise de conteúdo foi aplicada através da conjugação de duas operações, a primeira delas para o recorte de recortes de conteúdo e a segunda para a construção de categorias analíticas a partir dos conteúdos recortados. No recorte de elementos de análise, o pesquisador operou a fragmentação de conteúdos, selecionando e agrupando as palavras chave, temas e argumentos obtidos, elementos de conteúdo que se materializaram nesta pesquisa sob as formas de anotações manuscritas da lavra do pesquisador, de transcrições das respostas gravadas dos entrevistados, de relatos e esclarecimentos verbais pelos atores observados, de expressões e termos identificados nas observações do trabalho de campo, de testemunhos dados pelos profissionais das emissoras visitadas, de documentos impressos repassados ao pesquisador. A seleção com o agrupamento de palavras, temas e argumentações foi realizada a partir de dois eixos temáticos pertinentes aos objetivos da pesquisa: as práticas informacionais e a organização da informação.

As tentativas e ensaios de reunião, comparação e associação entre palavras, temas e argumentos foram realizados a partir do repetido manuseio dos diversos materiais e dados obtidos. Como afirma Queiroz, M.I.P. (1991), o recurso ao manuseio dos conteúdos e ao repensar os pressupostos e as questões da pesquisa não significa uma falha ou uma perda de tempo, pois “a pesquisa bem conduzida exige requestionamento de todas as etapas, o que implica voltar atrás e redefinições” (p. 116) em busca de todas as conseqüências implícitas da intervenção do pesquisador. Os dois eixos temáticos foram aplicados como operadores de análise, ao serem

constituídos como procedimento de categorização inicial e provisória que permitiu a apropriação dos fragmentos de conteúdo selecionados, com sua distribuição e reordenação ao desvinculá-los da feição original que apresentaram nas ocasiões de suas respectivas coletas. Após o exercício de seleção e agrupamento de palavras, temas e argumentos, foram realizadas, como assinala Queiroz, M.I.P. (1991), as idas e vindas obrigatórias na análise do material, levando à descoberta dos temas principais (p. 117), estratégia que visava prepará-los para a segunda operação através das categorias analíticas.

A questão da análise e interpretação dos dados se caracteriza pela elaboração de categorias. Essas categorias são estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que possibilitam ordenar e organizar o conjunto de informações obtidas a partir do seu fracionamento e reordenação em temas autônomos, mas inter-relacionados. Em cada categoria, o pesquisador trabalha “determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria, citando frases colhidas durante as entrevistas e a tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado” (DUARTE, 2005, p. 79). A partir da categorização provisória com dois eixos temáticos, o trabalho de análise evoluiu para a construção de quatro categorias definitivas. Essas categorias analíticas permitiram a recomposição e reconstrução das palavras, temas e argumentos obtidos, de modo a apreender a lógica subjacente aos conteúdos coletados e processados.

Foram essas categorias analíticas que possibilitaram ao pesquisador que indicasse, destacasse, transformasse e inscrevesse os recortes de conteúdo com base no referencial teórico e conceitual da pesquisa para serem tornados inteligíveis e interpretados. O detalhamento minucioso do trabalho de análise, com categorização e interpretação dos dados e das escolhas feitas pelo

pesquisador, é descrito em suas minúcias e rigor pertinentes no próximo capítulo. Esse trabalho de análise e interpretação levou também em consideração aspectos observados, situações, entrevistas e testemunhos colhidos nas visitas técnicas que, além de servir de controle e checagem ao que foi obtido no Cedoc/Globo Minas, também serviram para confirmar como se apresentam os bibliotecários e jornalistas que atuam nos setores de documentação de diferentes emissoras de TV, enquanto atores que se põem numa configuração em que operam como nós da rede noticiosa em sua abrangência local, regional e nacional.

Nesta pesquisa, na análise e na interpretação dos dados destacaram-se as falas dos atores em função do contexto situacional e dos lugares sociais e institucionais em que estão e de onde se expressam e argumentam. Procurou-se, desse modo, nos discursos registrados nas entrevistas e nos testemunhos, nas anotações do pesquisador e nos documentos impressos coletados, aquelas palavras, temas e argumentos através dos quais se veio a identificar como os atores sociais expressam e negociam seus modos de perceber, ordenar e se situar na rede de relações de que participam, na esfera da empresa em que atuam e na inserção ampla de suas práticas em telejornalismo. Entende-se, nessa perspectiva de análise e interpretação, que retoma a tradição etnográfica da Antropologia, que os enunciados, os argumentos, os significados e os valores se configuram através de embates sociais que impõem aos atores envolvidos a partilha, a negociação, a polarização e o confronto, a apropriação e o acordo, o silenciamento e a disputa de espaços de poder e de expressão, a parceria e a troca, a inovação operacional, os posicionamentos instáveis e os deslocamentos, a emergência, a hierarquização e a expressão que visa à autonomia. A rede de relações entre bibliotecários e jornalistas pôde ser caracterizada a partir da identificação e localização sobre como se instituem os lugares dos diferentes atores a partir de suas práticas, entendidos esses lugares como lugares de interação e de interlocução que definem

significados e valores, estruturam lógicas e processos, demarcam e deslocam posicionamentos, legitimidades e valores, atualizam vínculos, práticas informacionais, regras e rotinas produtivas.

Das tentativas para encontrar o fio da meada labiríntica de arquivo que é objetivada nas práticas informacionais e nas relações entre bibliotecários e jornalistas do Cedoc/Globo Minas, o pesquisador optou por trabalhar, a partir da definição das categorias de análise construídas e aplicadas aos materiais da pesquisa, com certos elementos e eventos que tinham vida própria e se configuravam como situações de destaque. Optou-se por identificá-los sob a denominação de “episódios singulares” devido a seus aspectos marcantes, portadores de significados em potencial para expressar competências, práticas, relações e nexos dos profissionais e do setor de documentação que habitam e constroem bibliotecários, jornalistas, técnicos de televisão e de informática, equipamentos, acessórios e outros componentes eletrônicos, gerentes executivos, editores de programas telejornalísticos e sistemas inteligentes. Nos ambientes dos Cedocs da Rede Globo, tais situações imbricam e interligam valores, princípios, práticas, regras e comportamentos, reunindo humanos e não humanos no empreendimento da organização da informação. Daí a decisão de concentrar a atenção em determinados episódios singulares, que congregam aspectos complexos das relações de bibliotecários e jornalistas e as explicitam, exemplos ao olhar de quem pesquisa da multiplicidade e variedade de processos em que, entre outros atores, incluídos também os não humanos, estão vinculados e aparecem em movimentos, dissensos e confluências, por intermédio de lugares e posicionamentos instáveis.

A parte final da tese visa à consolidação da análise e interpretação e ao seu cotejo com a pergunta, os pressupostos e os objetivos previstos, evidenciando as considerações finais que o conjunto do trabalho da pesquisa permite trazer a público e à discussão. O pesquisador elaborou,

portanto, os resultados deste estudo por intermédio de argumentos verbais interpretativos para explorar os aspectos pertinentes à caracterização das relações em rede, dos critérios, das regras e das negociações que fazem com que as práticas informacionais dos profissionais do setor de documentação se definam sob determinada modalidade na rede noticiosa de televisão. Na seqüência e concatenação desses procedimentos, foram elaboradas a argumentação e a explicitação dos resultados da pesquisa, com base no quadro teórico que norteou sua formulação, visando assim verificar a validade dos pressupostos, evidenciar algumas conclusões, além da enumeração de aspectos e novas indagações para as quais se deve buscar as respostas, na continuidade do presente estudo, através de pesquisas futuras.

8. REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. (Descobrimos o Brasil).

ALMEIDA FILHO, Hamilton (Org.) *O ópio do povo: o sonho e a realidade*. São Paulo: Símbolo/Extra, 1976. (Extra realidade brasileira. Livro reportagem, 1).

ALSINA, Miguel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. 2 ed. Barcelona: Paidós, 1993.

AMARAL, Hélio Soares do. *Comunicação, pesquisa e documentação: método e técnica de trabalho acadêmico e de redação jornalística*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

AMORIM JÚNIOR, Clóvis G. *Os jornais virtuais que nos habitam: as histórias de construção do JB ONLINE*. 2000. 224 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia CNPq – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). *O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2002.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga. A Construção Social da Informação: dinâmicas e contextos. *DataGamaZero*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, 2001. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/out01/F_I_art.htm >. Acesso em: 31 maio 2005.

ARAÚJO, Inesita. Razão polifônica: a negociação de sentidos na intervenção social. *Perspectivas em ciência da informação*, Belo Horizonte, v. 8, n. especial, p. 46-57, jul./dez. 2003.

ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de. *Precisão no processo de busca e recuperação da informação*. Brasília: Thesaurus, 2007.

ARAÚJO, Ronaldo Ferreira de; CARDOSO, Ana Maria Pereira. A Ciência da Informação como rede de atores: reflexões a partir de Bruno Latour. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 8., 2007, Salvador. [*Anais eletrônico*]... Salvador: ANCIB, 2007. Disponível em: < www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--205.pdf >. Acesso em: 29 nov. 2007.

BARRETO, Aldo. Os agregados da informação: memórias, esquecimentos e estoques de informação. *Data Gama Zero*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun00/F_I_art.htm >. Acesso em: 31 maio 2005.

_____. Valor agregado: aspectos conceituais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL VALOR AGREGADO À INFORMAÇÃO, 1995, Rio de Janeiro: SENAC/CNI/CIET, 1995. p. 19-20.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. São Paulo: Cultrix, 1980.

BELMIRO, Célia A., AFONSO JR., Delfim; BARROS, Armando M. Imagens e práticas intertextuais em processos educativos. In: PAIVA, Aparecida *et al.* (Orgs.). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 209-224.

BECKER, Howard S. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

_____. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993. (Ciências Sociais, 31).

BERGER, Arthur Asa. *Media and communication research methods: an introduction to qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks, Ca: Sage Publications, 2000.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL, Antonio Cláudio. *Antimanual de jornalismo e comunicação: ensaios críticos sobre jornalismo, televisão e novas tecnologias*. São Paulo: SENAC, 2007.

_____. *A revolução das imagens: uma nova proposta para o telejornalismo na era digital*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005a.

_____. Os Novos Paradigmas da Imagem em Movimento: em Busca de Metalinguagens de Representação para Bases de Dados Virtuais Visando a Recuperação de Conteúdo Semântico. *DataGamaZero*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/fev02/F_I_art.htm>. Acesso em: 31 maio 2005.

_____. Os Arquivistas Estão Chegando (2005b). Disponível em: <www.comunique-se.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2005.

BRETAS, Beatriz (Org.). *Redes telemáticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Orgs.). *Rede Globo 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005.

BORGERTH, Luiz Eduardo. *Quem e como fizemos a TV Globo*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.

BUCHLI, Victor (Ed.). *Material culture: critical concepts in the social sciences*. New York: Routledge, 2004. v. III.

CABRAL, Ana Maria Rezende. A Ciência da Informação, a cultura e a sociedade informacional. In: REIS, Alcenir Soares; CABRAL, Ana Maria Rezende (Orgs.). *Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas*. Belo Horizonte: Novatus, 2007. p. 29-48

_____. Seminário em Ciência da Informação. Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, março 2004. Notas de aula.

_____; RENAULT, Leonardo Vasconcelos. Informação, Cultura e Sociedade: Estado da Arte. IN: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6, 2005, Florianópolis. *Anais ...* Florianópolis: UFSC; ANCIB, 2005.

CALDERA SERRANO, Jorge; ZAPICO ALONSO, Felipe. Gestión documental de la información audiovisual deportiva en las televisiones generalistas. *Encontro Bibli.* Florianópolis, n. 20, 2005. Disponível em: < http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_20/1_serrano.pdf >. Acesso em: 31 maio 2007.

CALLON, Michel. Society in the making: the study of technology as a tool for sociological analysis. In: BIJKER, J. *et al.* *The social construction of technological systems: new directions in the sociology and history of technology*. Cambridge: MIT, 1986. p. 83-103.

CAMPOS, Maria Luiza Almeida. *Linguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração*. Niterói: Ed.UFF, 2001.

CANFORA, Lucio. *A biblioteca desaparecida: histórias da Biblioteca de Alexandria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. The concept of information (draft version). Disponível em: <<http://www.capurro.de/infoconcept.html>>. Acesso em 6/5/2004.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Prefácio. In: REIS, Alcenir Soares e CABRAL, Ana Maria Rezende (Orgs.). *Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas*. Belo Horizonte: Novatus, 2007. p. 9-11

_____. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da Informação Social. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 1994.

CARDOSO, Gustavo. *A mídia na sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CARNEIRO, Marília Vidigal. Diretrizes para uma política de indexação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, 221-241, set. 1985.

CARVALHO, Kátia. O Profissional da Informação: o Humano Multifacetado. *DataGamaZero*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 2002. Disponível em < http://www.dgz.org.br/out02/F_I_art.htm >. Acesso em 31 maio 2005.

- CASALEGNO, Federico. *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- CASTELLS, Manuel *et al.* *Novas perspectivas críticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. *Memórias clandestinas e sua museificação*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- CAWKELL, Tony. Image indexing and retrieval. *Information Services & Use*, v. 20, n. 1, p. 49-58, jan. 2000.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 175-189
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
- COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. *Informação e movimento: uma ciência da arte fílmica*. Rio de Janeiro: Madgráfica, 2000.
- COUTINHO, Laura Maria. *O estúdio de televisão e a educação da memória*. Brasília: Plano, 2003.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- CUNHA, José Auri. Texto de apresentação da Coleção Educação em Debate. In: Gonsalves, Elisa Pereira. *Da ciência e de outros saberes: trilhas da investigação científica na pós-modernidade*. São Paulo: Alínea, 2004. p. 7-12.
- CUNHA, Míriam Vieira da; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, M.L. (org.). *Atuação profissional na área de informação*. São Paulo: Caramuru, 2004. p. 39-54.
- CURADO, Olga. *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.
- DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. *Tesouro: linguagem de representação da memória documentária*. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

DUARTE, Elizabeth Bastos e CASTRO, Maria Lília Dias de (Orgs.). *Televisão: entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

DUARTE, Jorge. A entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

DURHAM, Eunice R. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FIUZA, Silvia Regina de Almeida. Memory and Conservation: the Experience of Globo Network Television. Disponível em: <<http://www.ifla.org/IV/ifla70/prog04.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2005.

FLEURI, Reinaldo Matias. Prefácio. In: Gonsalves, Elisa Pereira. *Da ciência e de outros saberes: trilhas da investigação científica na pós-modernidade*. São Paulo: Alínea, 2004. p. 15-18.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases epistemológicas e sociais do conhecimento escolar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

FRANÇA, Vera. Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação. In: PRADO, José Luiz Aidar (Org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker, 2002. p. 57-76.

FREITAS, Lúcia Silva. Sentidos da História e História dos Sentidos da Ciência da Informação: um esboço arqueológico. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero02-2003/lidiafreitas.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2004.

FREITAS, Marcos André. Consultoria Linux: o erro não está na resposta e sim em como a pergunta é feita. Disponível em: <<http://linuxassociates.com.br/consultlinux.php>>. Acesso em: 22 fev. 2006.

FROHMANN, Bernd. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SOCIETY, 23, 1995, Edmonton, Alberta. *Proceedings...* Alberta, 1995. Disponível em: <<http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmann.html/>>. Acesso em: 18 jun. 2004.

_____. Communication Technologies and the politics of post-modern information science. *The Canadian Journal of Information and Library Science (CJILS)*, v. 19, n. 2, 1994. Disponível em: <<http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmann.html/>>. Acesso em: 6 maio. 2004.

_____. *Deflating information: from science studies to documentation*. Toronto: University of Toronto Press, 2004. 311 p.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A Leitura Documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. *DataGamaZero*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 22 jun. 2005.

GEERTZ, Clifford.. *A interpretação das culturas*. Rio: Zahar Editores, 1978.

_____. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Orgs.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

GÓMEZ, Maria Nélide González de. Novos cenários políticos para a informação. *Ciência da informação*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002a.

_____. Dos Estudos Sociais da Informação aos Estudos do Social Desde o Ponto de Vista da Informação (2002b). In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). *O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2002b. p. 25-47.

_____. Da política da informação ao papel da informação na política contemporânea. *Revista Internacional de Estudos Políticos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 67-90, abr. 1999.

_____. O objeto de estudo da ciência da informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 1990.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 21-29.

_____. Os museus e a cidade. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 175-189.

_____. A Obsessão pela Cultura. In: PAIVA, Márcia de; MOREIRA, Maria Ester (Coords). *Cultura, substantivo plural*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; São Paulo: Editora 34, 1996, p. 159-175.

_____. Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre conhecimento etnográfico e visualidade. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, 1999, p. 37-64.

GUIMARÃES, César G; VAZ, Paulo B; SILVA, Regina H; FRANÇA, Vera (Orgs.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GONZÁLEZ, José A. Moreiro. *Conceptos introductorios al estudio de la información documental*. Salvador: Editora da UFBA, 2005.

_____ ; ARILLO, Jesús Robledano. *O conteúdo da imagem*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003.

_____ ; GARCÍA-QUISMONDO, Miguel Angel M. Modelos teóricos y elementos funcionales sobre el análisis de contenido documental: definición y tendencias. *Investigación Bibliotecológica*, v. 15, n. 31, jul./dic. 2001.

GONTIJO, Mirian. Análise da proposta brasileira de e-governo como expressão de uma política de informação a partir do conceito de regime de informação. *Perspectivas em ciência da informação*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 179-188, jul./dez. 2002.

GRESSLER, Lori Alice. *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. São Paulo: Loyola, 2004.

GUINCHAT, Claire; MENO, M. J. Introdução geral as ciências e técnicas da informação e documentação. 2. ed. Brasília, D.F: IBICT, 1994.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'*. Lisboa: Vega, 1993. p. 224-248.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1993.

HENN, Ronaldo. *Os fluxos da notícia*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

HOINEFF, Nelson. *A Nova Televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996.

INDUSTRIA da comunicação: Rede Globo 1972/1973.. [s.l.]: Rede Globo, [1973].

JAMBEIRO, Othon. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador: Editora UFBA, 2002.

JOST, François; DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lítia Dias de. *Seis lições sobre televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. São Paulo: EDUSP, 1997.

LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1993.

LARA, Marilda Ginez de. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 127-139, jul./dez. 2002.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: an introduction to actor-network theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

_____. The Berlin key or how to do words with things. In: BUCHLI, Victor (ed.). *Material culture: critical concepts in the social sciences*. New York: Routledge, 2004. v. III. p. 327-338.

_____. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000a. p.21-44

_____. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp, 2000b.

_____. *La science en action: introduction a la sociologie des sciences*. Paris: Gallimard, c1995. (Collection Folio/Essais, 267)

_____. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. *Petites leçons de sociologie des sciences*. Paris: Éditions La Découverte, 1993.

_____. Les “vues” de l’esprit: une introduction a l’anthropologie des sciences et des techniques. In: *Culture Technique*, n.4, p.5-29, 1985.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte/Porto Alegre: Ed. UFMG/Artmed, 1999.

LE COADIC, Yves-François. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1996.

LEON, Mônica Ponce de. Arquivo de imagem: TV Cultura de São Paulo. In: ANTUNES, Benedito (Org.). *Memória, literatura e tecnologia*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005. p. 109-113.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MACHADO, Elias. O jornal digital como epicentro das redes de circulação de notícias. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np02NP2MACHADO.pdf> Acesso em: 10 jun. 2005.

MAGNI, Cláudia Turra. Inathèque de France: um convite à pesquisa audiovisual. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 89-100, 1999.

MARCONDES, Carlos Henrique. Representação e economia da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 61-70, jan./abr. 2001.

MARTELETO, Regina M. Conhecimento e Sociedade: Pressupostos da Antropologia da Informação. In: AQUINO, Mirian A. (Org.). *O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora UFPB, 2002. p. 101-115.

_____. Fundamentos Teóricos em Ciência da Informação. Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, maio 2004. Notas de aula.

_____. Cultura da Modernidade: discursos e práticas informacionais. *Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG*, Belo Horizonte, v. 23, n.2, p. 115-137, jul./dez. 1994.

MARQUES, Francisca E. de Sá. O processo de televizamento do texto jornalístico. In: MOUILLAUD, M; PORTO, S. D. (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 525-539.

MESQUITA, Mário. As profissões dos media. In: TRAQUINA, N. Comunicação e linguagens. Lisboa: Relógio D'Água, 2000. p. 63-77.

McGARRY, Kevin. *O contexto dinâmico da informação*. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da Memória, História e Documento. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). *Arquivos, patrimônio e memória*. São Paulo: UNESP; FAPESP, 1999. p. 11-29.

MIÈGE, Bernard. *O pensamento comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORAES, Dênis de (org.). *Globalização, mídia e cultura contemporânea*. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

_____. *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MORAES, Márcia Oliveira. O Conceito de Rede na Filosofia Mestiça. *Informare*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 12-20, jan./jun. 2000.

_____. A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid>>. Acesso em: 22 fev. 2006.

_____. As ciências e suas práticas do ponto de vista da teoria ator-rede. Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br/MM/>>. Acesso em: 22 fev. 2006

_____. Alianças para uma psicologia em ação: sobre a noção de rede (2003). Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br/Ato2003/MarciaMoraes.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2006.

MOREIRA, Margareth Egídia. *A análise de assunto na literatura ficcional infantil: categorias para ler o que você tem*. 2006. 155 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006.

MOURA, Maria Aparecida; NEVES, Dulce A. de Brito. Ciência da Informação, Semiótica e Cognição: interseções. *Athos & ethos*. Patrocínio, v. 2, out. 2002, p. 175-197.

MOURA., Maria Aparecida *et. al.* Linguagens de indexação em contextos cinematográficos: a experiência de elaboração do tesouro eletrônico do cinema brasileiro. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 54-69, jan./jun. 2005.

_____. Estudos Especiais em Tratamento da Informação para Acervos Audiovisuais. Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, março/abril 2006. Notas de aula.

MOUILLAUD, M.; PORTO, Sérgio D. (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (Org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 17-38.

NEVEU, Érik. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Loyola, 2006.

ODDONE, Nanci, E. *et al.* Centros de Cálculo: a mobilização do mundo. *Informare*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 29-43, jan./jun. 2000.

OLIVEIRA, R. C. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 1998.

PARENTE, André (Org.). *Imagem-máquina*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PÈDAUQUE, Roger T. Évolution historique du terme Document. Disponível em: <pedauque@enssib.fr>. Acesso em: 05 maio. 2003.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. A Ciência da Informação e a Nova Filosofia da Ciência. *Informare*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 5-11, jan./jun. 2000.

_____. *Luz, Câmera... Tecnociência em ação, natureza e sociedade em fabricação*. 1997. 305 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1997.

PEREIRA JR., Alfredo E. Vizeu. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

_____, PORCELLO, Flávio A. C., MOTA, Célia Ladeira (Orgs.). *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *Guia para a edição jornalística*. Petrópolis: Vozes, 2006.

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.

PONTES, Carlos A. Alves; MENEZES FILHO, Abel; COSTA, André M. O processo criativo e a tessitura de projetos acadêmicos de pesquisa. *Interface*. Recife, v.9, n.17, p. 439-50, mar./ago. 2005.

PROJETO MEMÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO. *Dicionário da TV Globo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

PROJETO MEMÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

QUINTANA, Eugenio López de. Documentación en televisión. In: MOREIRO, José Antonio (coord.). *Manual de documentación informativa*. Madrid: Cátedra, 2000. p. 83-181.

REDE GLOBO MINAS. Apresentação do Cedoc/Globo Minas. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/GMinas/>>. Acesso em 4 dez. 2005.

REDE GLOBO. *Rede Globo 30 anos: uma história ilustrada*. São Paulo: Globo, 1996. 303 p. _____ . *Organizações Globo*. Rio de Janeiro: Central Globo de Comunicações, 1993.

_____ . *MANUAL de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Central Globo de Jornalismo, 1985.

_____ . *Aldeia Global*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, 1974.

REIS, Alcenir Soares; CABRAL, Ana Maria Rezende (Orgs.). *Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas*. Belo Horizonte: Novatus, 2007.

RENAULT, Leonardo Vasconcelos. *A ciência da informação e sua configuração epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área*. 2007. 156 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Antônia Motta de C. M. *Catálogo de recursos bibliográficos pelo AACR2R 2002*. Brasília: Ed. Do Autor, 2003. 1 v.

ROBREDO, Jaime; CUNHA, Murilo B. da. *Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem informatizada da Biblioteconomia e dos sistemas de informação*. São Paulo: Global, 1994.

RODRIGUES, Adriano Duarte. A autonomização do campo dos media (1999). Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2>. Acesso em: 02 jun.2005.

_____. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias, “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993. p. 27-33.

RODRIGUES, Ernesto (org.). *No próximo bloco: o jornalismo brasileiro na TV e na internet*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

ROSA, Maria Virgínia F. P. do Couto; ARNOLDI, Marlene A. G. Colombo. *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROWLEY, Jennifer.; LEMOS, A.A.B. de (Trad.). *A biblioteca eletrônica*. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2002.

RUBI, Milena Polsinelli; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elementos de política de indexação em manuais de indexação de sistemas de informação especializados. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 66-77, jan./jun. 2003.

SAHLINS, Marshall D. O “Pessimismo Sentimental” e a experiência etnográfica: Por que a Cultura não é um Objeto em Via de Extinção (Parte I). In: *Mana, Estudos de Antropologia Social*, , v. 3, n.1, p. 41-73, abr.1997.

_____. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. Entenda sua época: geografia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1997. Caderno Mais, p. 3.

_____. A era da inteligência baseada na máquina. In: TRINDADE, Azoilda L. da e SANTOS, Rafael dos (orgs.). *Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999. p. 149-157.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jul. 1996.

_____. (Ed.). Information science. In: ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1994. p. 6115.

SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SENRA, Nelson de Castro. Regime e política de informação estatística. *São Paulo em Perspectiva*, v. 16, n. 3, 2002. Disponível em: <sead.gov.br>. Acesso em: 18 jun. 2004.

SFEZ, Lucien. Informação, saber e comunicação. In: *Informare*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 1996.

SHERA, Jesse H. The Sociological Relationships of Information Science. *Journal of the American Society for Information Science*, Philadelphia, Pennsylvania, p. 76-80, mar./apr. 1971.

SILVA, Zélia Lopes da (Org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP; FAPESP, 1999.

SIQUEIRA, Denise da Costa. *A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo*. São Paulo: Annablume, 1999.

SMIT, Johanna W.; KOBASHI, Nair Y. Como elaborar vocabulário controlado para aplicação em arquivos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUTO MAIOR, Marcel; Memória Globo. *Almanaque da TV Globo*. São Paulo: Editora Globo, 2006.

SOUZA, Claudio Mello e. *15 anos de historia*. Rio de Janeiro: TV Globo Rio de Janeiro, c1984.

SVENONIUS, Elaine. *The intellectual foundation of information organization*. Massachusetts: The MIT Press, 2000.

TARGINO, Maria das Graças. Quem é o profissional da informação? Disponível em: <<http://www.decos.ufal.br/cienciadainformacao/evento2.htm>>. Acesso em: 20 jul.2005.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. *Notícias e serviços nos telejornais da Rede Globo*. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.

TUCHMAN, Gaye. Qualitative methods in the study of news. In: JENSEN, Klaus B.; JANKOWSKI, Nicholas W. (Ed.). *A handbook of qualitative methodologies for mass communication research*. London: Routledge, 1999. p.79-92.

VALLADARES, Lícia. Mandamentos do pesquisador. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 abr. 2006. Caderno Idéias&Livros, p. 36.

VALLE GASTAMINZA, Félix Del; GARCIA JIMÉNEZ, Antonio. Construcción de un Tesouro para el Centro de Documentación de Telecinco. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/multidoc/prof/fvalle/ThesT5.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2004.

WEBSTER, Frank. *Theories of information society*. London; New York: Routledge, 1995.

WHATMORE, Geoffrey. *La documentacion de la noticia*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1970.

WILLIAMS, Raymond. *Television: technology and cultural form*. London: Fontana, 1974.

_____. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

_____. *Los medios de comunicación social*. Barcelona, Península, 1974b.

WILKE, Valéria C. Lopes; JARDIM, José Maria. Dispositivo de informação contemporâneo: considerações preliminares para uma arqueogenealogia do horizonte informacional em nossa contemporaneidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 7, 2006. São Paulo. [*anais eletrônicos...*] São Paulo: ANCIB, 2006. Disponível em: <<http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewpaper.php?id=262>>. Acesso em: 31 abr. 2007.